

**INSTITUTO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR DE SÃO CAETANO DO SUL
UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO**

MARCO MORETTO NETO

**PROTAGONISMO COMUNITÁRIO EM PARANAPIACABA:
O impacto das ações governamentais no desenvolvimento sócio-
econômico-comunitário da Vila de Paranapiacaba no período de 2001 a
2004**

**São Caetano do Sul
2005**

MARCO MORETTO NETO

**PROTAGONISMO COMUNITÁRIO EM PARANAPIACABA:
O impacto das ações governamentais no desenvolvimento sócio-
econômico-comunitário da Vila de Paranapiacaba no período de 2001 a
2004**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
em Administração da Universidade Municipal de
São Caetano do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Administração.
Área de Concentração: Gestão da
Regionalidade e das Organizações.

Orientador: Professor Doutor Jeroen Johannes Klink

**São Caetano do Sul
2005**

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL - IMES
Avenida Goiás nº.3400 São Caetano do Sul (SP)

Diretor Geral: ***Prof. Marco Antonio Santos Silva***

Reitor: ***Prof. Dr. Laércio Baptista da Silva***

Pró-Reitor de Pós-graduação e Pesquisa: ***Prof. Dr. René Henrique Licht***

Coordenador do Programa de Mestrado em Administração: ***Prof. Dr. Eduardo do Camargo Oliva***

Dissertação defendida e aprovada em 28/09/2005 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Ladislau Dowbor

Prof. Dr. Antonio Carlos Gil

Prof. Dr. Jeroen Johannes Klink

Moretto Neto, Marco. *Protagonismo comunitário em Paranapiacaba: o Impacto das ações governamentais no desenvolvimento sócio-econômico e comunitário de Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004*. São Paulo: 2005

Resumo

A instalação de uma unidade administrativa local e a compra de parte da Vila de Paranapiacaba pela Prefeitura Municipal de Santo André, mudaram os paradigmas de gestão pública local.

A proposta de implantação de um plano de desenvolvimento turístico com responsabilidade social na Vila de Paranapiacaba, contornando a situação sócio-política-econômica e estrutural desfavorável instalada quando a administração municipal comprou a Vila em 2002, indicaram a possibilidade de reconversão econômica com inclusão social.

Esta pesquisa apresenta os indicadores sociais, econômicos e comunitários atuais comparando-os com dados anteriores ao ano de 2001 e indica as dificuldades e as mudanças que ocorreram neste curto período, que se refletem no comportamento da população, na preservação das culturas locais, no desenvolvimento de processos de participação, na introdução e prática de novas formas de inserção social, no engajamento das pessoas no processo, no incentivo à iniciativa de auto-sustentação e adoção de comportamentos responsáveis e éticos, na garantia de usos sustentáveis de áreas naturais e de proteção das culturas locais e na auto-geração de renda e emprego.

Palavras Chave: Protagonismo comunitário, Poder local, Desenvolvimento Sócio-Econômico, Turismo, Participação Popular

Abstract

The local public management paragons have changed since a local administrative unit has been installed and also part of Paranabiacaba Village has been bought by Santo André city hall.

The implantation of a tourist development plan has been proposed to this village and due to its social responsibility the socio-political-economic adversative situation in which this place could be found, in 2002, has also been excelled. These changes led to an economical recovery and also social inclusion.

This research shows the real social-economic indicators and also provides the village communal situation. Comparing the present data to the one from 2001, many differences and changes have occurred in a short period of time. It is possible to say that this goings-on reflect: the population behavior, the local culture preservation, the development of participation programs, the insertion and being part of new ways of social inclusion, the population engagement in the whole process, the auto-sustentation encouragement, responsible and ethic conduct adoption, the sustainable usage of natural areas and finally, the auto-generation of jobs and consequently an increase on the average income.

Key Words: Empowerment, social and economic development, tourism, popular participation

*"As pessoas não podem ser reduzidas a uma
única dimensão como criaturas
econômicas...Estamos descobrindo essa
verdade essencial, a de que as pessoas devem
estar no centro do desenvolvimento."*

***Organização das Nações Unidas,
"Relatório sobre o Desenvolvimento
Humano 1990"***

SUMÁRIO

1. <u>Introdução</u>	11
2. <u>Referencial conceitual</u>	22
2.1 <u>O palco Global</u>	22
2.2 <u>A cena regional</u>	26
2.3 <u>A vez dos atores locais</u>	28
3. <u>Metodologia</u>	33
4. <u>A Vila de Paranapiacaba</u>	42
4.1 <u>Paranapiacaba – Um pouco de sua história</u>	42
4.2 <u>Descrição do quadro inicial</u>	44
4.2.1 <u>Aspectos políticos / administrativos</u>	45
4.2.2 <u>Aspectos Sócio-econômicos</u>	46
4.2.3 <u>Aspectos estruturais</u>	47
4.2.4 <u>Aspectos Turísticos e Ambientais</u>	49
4.3 <u>Plano de Desenvolvimento Turístico</u>	51
4.3.1 <u>O processo de mudança exige uma nova estrutura Administrativa</u>	54
4.3.2 <u>Eixos de Gestão do Turismo</u>	54
4.3.2.1 <u>Conscientização e divulgação turística</u>	56
4.3.2.2 <u>Participação Popular</u>	59
4.3.2.3 <u>Desenvolvimento Sócio Econômico</u>	61
4.3.2.4 <u>Gestão do Patrimônio</u>	70
4.3.2.5 <u>Adequação de infra-estrutura</u>	73
4.3.3 <u>A participação de outros atores</u>	74
5. <u>Protagonismo comunitário em Paranapiacaba</u>	80
5.1 <u>Habitantes</u>	82
5.2 <u>Domicílios</u>	87
5.3 <u>Ocupação e trabalho</u>	92
5.4 <u>Escolaridade</u>	97
5.5 <u>Infra-estrutura</u>	99
5.6 <u>Turismo</u>	101
5.7 <u>Participação Popular</u>	108
5.8 <u>Futuro</u>	112
6. <u>Conclusões</u>	115
7. <u>Referências Bibliográficas</u>	123
8. <u>Apêndices</u>	126
8.1 <u>Pesquisa – formulário</u>	127
8.1.1 <u>Formulário pesquisa sócio-econômica</u>	127
8.1.2 <u>Roteiro de entrevista com lideranças</u>	131
8.2 <u>Transcrição das entrevistas</u>	132
8.2.1 <u>Ivanise da Silva Lima</u>	133

8.2.2	Zélia Maria Paralego	137
8.2.3	Eduardo Pin	143
8.2.4	Maria Aparecida Marques	149
8.2.5	Gersino Luis da Silva	153
8.2.6	Edna Maria Cavalcante de Miranda	158
8.2.7	Zilda Maria Bergamini	162
8.2.8	Wal Volk	169
8.2.9	Sônia Maria Félix Andrade	175
8.2.10	Francisca Cavalcante de Araújo	179

Lista de Tabelas

Tabela 1: Faixa Etária – 1999 / 2005	83
Tabela 2: Raça – 2005	83
Tabela 3: População Censo – 1991 / 1996 / 2000	84
Tabela 4: Procedência – 2005	85
Tabela 5: Motivação – 2005	86
Tabela 6: Tempo de Moradia – 2005	87
Tabela 7: Faixa de aluguel – 2005	88
Tabela 8: Faixas de Aluguéis – 1999	89
Tabela 9: Desempregados – 2005	93
Tabela 10: Situação no Mercado – 2005	93
Tabela 11: Despesas Familiares – 2005	94
Tabela 12: Faixa salarial – 1999 / 2005	95
Tabela 13: Grau de escolaridade e freqüência – 2005	97
Tabela 14: Escolaridade – 1999 / 2005	98
Tabela 15: Freqüência escolar – 2005	99
Tabela 16: Escolaridade e Raça – 2005	99
Tabela 17: Pontos críticos – 2005	100
Tabela 18: Opinião Pólo Turístico – 2005	102
Tabela 19: Benefícios - Turismo – 2005	102
Tabela 20: Problemas - Turismo – 2005	103
Tabela 21: Visitação - Turística – 2005	105
Tabela 22: Comparativo – Visitação Turística – 2005	106
Tabela 23: Pesquisa V FIP	107

Lista de gráficos

Gráfico 1: População Censo – 1991 / 1996 / 2000	84
-----------------------------------------------------------------------	----

Agradecimentos

Todo o trabalho de pesquisa que desenvolvi contou com o apoio e estímulo de amigos, novos e antigos, a quem eu não poderia deixar de agradecer.

Não citarei todos os nomes, pois o caminho foi longo e receio por um lapso de memória omitir pessoas importantes. Deixo os meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram com este trabalho, pois toda contribuição por menor que seja, foi fundamental e me permitiu abrir novas perspectivas.

Algumas pessoas apresentam contribuições fundamentais na minha vida e portanto, merecem agradecimentos especiais. Ao meu pai , Romildo Moretto (em memória) e minha mãe, Guaraciaba F. Moretto, por enfrentarem todas as dificuldades de manter uma família e me darem todas as condições para ser o que sou. A minha tia, Alexandrina Moretto, pelo exemplo e estímulo permanente. A pequena Monise Milene Moretto Moraes pela alegria constante, amor sincero e esperança no futuro.

Aos amigos e colegas da Prefeitura Municipal de Santo André, agradeço pelas contribuições, pelo incentivo e por dividirem comigo a experiência prática de acreditar e tornar real as ações públicas. Em especial, agradeço a Silvia Regina Costa, pelas portas que abriu na minha trajetória profissional e a Sara Juarez Sales e João Ricardo Guimarães Caetano, pelo estímulo em enfrentar este desafio acadêmico e pela confiança que depositaram em mim.

Não posso deixar de agradecer ao professor Jeroen Johannes Klink, que na qualidade de orientador, me fez perceber diferentes formas de olhar a cidade-região e valorizou cada passo percorrido, cada novo elemento encontrado e em suas críticas e sugestões, me manteve dentro dos limites do caminho escolhido, e aos professores Antonio Carlos Gil e Ladislau Dowbor que, durante o exame de qualificação, destacaram pontos importantes para o desenvolvimento do tema.

Finalmente, o agradecimento mais do que especial, dedico a Selma Galhardo Donadelli, companheira de todas as horas, que dividiu comigo cada fase deste percurso e soube compreender, mesmo quando eu estava presente, as minhas ausências.

INTRODUÇÃO

Formado por volta de 1860 em função da construção da estrada de ferro, antiga São Paulo Railway Co., depois conhecido como Estrada de Ferro Santos Jundiaí, o Alto da Serra, hoje Vila de Paranapiacaba, faz parte do município de Santo André, distando cerca de 33 quilômetros do centro da cidade.

A sua construção, por si só representa uma amostra rara da tecnologia inglesa trazida para o Brasil, que possibilitou romper as dificuldades impostas pelo clima, relevo e vegetação e implantar um sistema de linha férrea que iria constituir um importante canal de entrada e saída de produtos, ligando o interior de São Paulo ao porto de Santos.

Além do acervo tecnológico e histórico, a arquitetura, clima e vegetação típicos, conferem a Vila de Paranapiacaba aspectos singulares reconhecidos pelos órgãos de defesa do patrimônio que homologaram o tombamento do sítio nos níveis municipal (Condephapaasa), Estadual (Condephaat) e Nacional (Iphan).

Em mais de um século de existência a pequena vila passou por várias transformações, algumas relevantes como no final do século XIX quando foi ampliada a capacidade da malha férrea, duplicando-se a linha da São Paulo Railway Co, para dar conta do aumento da demanda de carga. Neste momento, a Vila de Paranapiacaba, por sua localização estratégica, tornou-se um ponto importante na rota e corredor de circulação de quase toda demanda de exportação e importação de São Paulo, o que possibilitou a Vila crescer demograficamente, em virtude da necessidade de mais funcionários para operar o sistema, além do aumento do público flutuante que também contribuiu para o desenvolvimento da economia local, a exemplo do que ocorreu em outros “povoados-estação”.

A constituição da Vila de Paranapiacaba, sua povoação e a economia local giravam em torno da ferrovia. No final da década de 40, esta vantagem competitiva começa a sofrer impactos. A construção da Rodovia Anchieta em 1947, trouxe uma nova alternativa de via de transporte ligando o porto de Santos a Metrópole,

rivalizando com a ferrovia e deslocando boa parte do transporte de carga e o eixo de desenvolvimento para o entorno da nova rodovia.

Em 1946 venceu a concessão de exploração da linha Santos-Jundiaí que pertencia aos Ingleses. Como não houve acordo entre os ingleses e o governo brasileiro a ferrovia e a Vila de Paranapiacaba passam para o controle da União, passando a chamar-se Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, que posteriormente seria administrada pela Rede Ferroviária Federal SA (RFFSA), criada em 1957 no governo de Juscelino Kubistchek, para administrar uma grande malha de ferrovias espalhadas pelo país.

A Rede Ferroviária Federal S A, sociedade controlada pela União, BNDES e alguns Estados e municípios, juntou em uma única empresa estatal, grupos privados falidos com outros lucrativos, 18 no total. A nova empresa nasceu com um déficit de 200 milhões de dólares e com mais de 160 mil funcionários, regidos por diferentes planos de carreira (Cunha, 2001).

A pequena Vila de Paranapiacaba sofre os impactos diretos provocados por estas mudanças. A redução de circulação de carga pelo eixo ferroviário, provoca a conseqüente redução de operários residentes, à trabalho e de público circulante na Vila e provoca mudanças sociais, pois afeta a frágil economia local e estimula a saída de algumas famílias, cujos funcionários foram demitidos pela ferrovia ou saíram em busca de melhores postos de trabalho e moradia.

Com o fim do domínio Inglês a Vila de Paranapiacaba também padece com o deslocamento do centro de poder. Sob o comando da SPR - São Paulo Railway, a Vila de Paranapiacaba tinha como centros de poder e decisão o "Castelinho", residência do engenheiro chefe, e a Estação da Luz. Sob o novo comando da Rede Ferroviária Federal S A, estes espaços se deslocaram para o Rio de Janeiro (nova sede) e Brasília, atando-se aos meandros burocráticos do Estado e ao sabor das mudanças políticas de controle da máquina. A estrutura de comando centralizado adotada pela Rede Ferroviária possibilitou planos gerenciais amplos, mas tirou a autonomia de cada ferrovia e provocou o distanciamento entre os trabalhadores e o corpo administrativo da companhia (CUNHA, 2001).

A redução de fluxo de transporte ferroviário e o distanciamento dos centros de poder demarcam o início do período de decadência e degradação da Vila de Paranapiacaba. Este processo de degradação atinge seu ápice no início da década de 80, quando desperta a atenção da mídia e estimula a sociedade civil a se organizar em prol da Vila de Paranapiacaba, através da elaboração de estudos, seminários e organização de grupos como o Movimento Pró Paranapiacaba, formado por diversas pessoas e organismos interessados na preservação da área. Como resultado desta movimentação, no ano de 1987 o CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio, Histórico, Artístico e Turístico) homologa o tombamento do núcleo urbano, equipamentos ferroviários e área natural de Paranapiacaba e no mesmo ano é entregue o Plano de Preservação e Revitalização da Vila Ferroviária de Paranapiacaba, realizado pela EMLASA.

No entanto a dificuldade de reunir os técnicos envolvidos para o detalhamento deste plano e a falta de um ator com legitimidade e condições de encabeçar este processo desarticularam o grupo (Passarelli, 1990).

Nas décadas que se seguiram a Vila de Paranapiacaba sofreu as conseqüências do dilema de ao mesmo tempo ter várias pessoas e organismos propondo, de maneira desarticulada, ações e clamando responsabilidade sobre a Vila e não ter nenhum ator capaz de articular os diversos interesses e estabelecer um compromisso único, o que foi descrito em matéria publicada pela "Revista A Construção" como "multipaternalismo" (A Construção São Paulo, no. 2120, 26/09/1988, p.10).

Multiplicaram-se os discursos e discussões em torno da Vila de Paranapiacaba, mas poucas ações práticas se concretizaram neste período, o que agravou ainda mais o quadro de degradação do patrimônio arquitetônico e a conservação da área natural e com impactos profundos no campo sócio-econômico. O esvaziamento da população ferroviária residente na Vila, deixou espaços para outros tipos de ocupação e muito imóveis foram invadidos ou ocupados através da cessão de privilégios, por pessoas com origens diversas e com hábitos, costumes e cultura diferente daqueles cultivados pelos antigos moradores.

A frágil economia local ancorada quase que exclusivamente na movimentação proporcionado pela ferrovia agoniza pela redução de recursos circulantes e população produtiva local.

Sem propostas viáveis de revitalização econômica e em meio a diversos conflitos sociais, sem que houvesse atores capazes de articular os interesses, a Vila de Paranapiacaba entra em ritmo de degradação, física, econômica e social acentuado.

O indicativo mais visível pode ser observado no alto grau de degradação física dos imóveis e da área natural no entorno da Vila. Sem que haja um controle local efetivo, os imóveis são invadidos ou têm seu uso negociado por pessoas que usufruíam privilégios e utilizavam o patrimônio para proveito próprio sem preocupar-se com sua preservação. A área natural, sem restrições de acesso e fiscalização efetiva, sofre com desmatamento, extrativismo, captura de animais silvestres e acampamentos ilegais acelerando sua degradação.

É neste contexto que a Administração Municipal de Santo André, em um ato do então prefeito Celso Daniel, chama para si a responsabilidade sobre a Vila de Paranapiacaba. Cria a Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense que a partir de janeiro de 2001, instala-se na Vila com quadros técnicos e administrativos, estrutura e recursos, para implantar políticas públicas locais que pretendiam conter o processo de degradação e reconduzir a Vila de Paranapiacaba ao caminho do desenvolvimento. Em 2002, finalmente é concluída a negociação de compra da Vila de Paranapiacaba e a Rede Ferroviária Federal S A vende a Vila de Paranapiacaba por cerca de dois milhões e meio de reais para a Prefeitura de Santo André.

A Administração Municipal, agora como nova proprietária da Vila de Paranapiacaba, encontra condições mais favoráveis para implantar as políticas e projetos que almejava.

No entanto a Administração Municipal não assumiu apenas uma propriedade compostas por vários imóveis em alto estado de degradação, junto assume a responsabilidade pelos habitantes que neles residem, uma população cujo diagnóstico social se assemelha a situação física dos imóveis: abandonada, sem perspectivas e desagregada.

Como Vaclav Havel, sociólogo e ex-presidente da República Tcheca, disse em um de seus discursos proferido em 1968: “a visão das fachadas de uma cidade é uma forma de entender a situação emocional das pessoas, porque, se os homens abandonavam a parte visível dos edifícios em que viviam, estavam também abandonando o que havia dentro; se não conseguiam configurar um ambiente belo, é porque rejeitavam o sistema dentro do qual viviam”.

A Administração Municipal define o envolvimento e participação efetiva da população local como pressuposto e fator que garantirá sustentabilidade e legitimidade às ações propostas para a Vila de Paranapiacaba.

Desde 2001 quando foi criada e instalada a Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense com a missão de gerir as ações nesta região, principalmente as relacionadas com a preservação da qualidade dos mananciais e do patrimônio histórico, artístico e cultural da Vila de Paranapiacaba, os gestores públicos defrontaram-se com o desafio de implantar ações congruentes com a legislação ambiental e patrimonial sem furtar a oportunidade de desenvolvimento, com qualidade de vida e geração de trabalho e renda para a população local.

A promoção do desenvolvimento sustentável passa pela compreensão e envolvimento dos diversos atores locais e neste sentido o poder público pode desempenhar papel fundamental.

A Vila de Paranapiacaba figura de maneira especial neste cenário, pois além do notável patrimônio histórico, arquitetônico e natural, tem um quadro social ainda pouco explorado. A Vila teve vários ciclos de ocupação populacional, que originou uma população com características históricas, culturais e sociais heterogêneas.

A ausência durante muitos anos de um poder central articulador, a formação heterogênea da população e o histórico de dependência que os moradores mais antigos tinham em relação à Rede Ferroviária (provedora), contribuíram para a fragilidade do tecido social.

Soma-se ainda o fato de que a relação que alguns moradores estabelecem com o local é passageira e a percepção do espaço em que estão inseridos é baixa, ou seja, há resistências da população local em compreender o fato de que habitam em um local preservado por uma legislação específica e sob a atenção de órgãos de

defesa do Patrimônio histórico, artístico arquitetônico e natural, que impõem várias restrições e que é necessário haver um “pacto de gerações” que garanta a sustentabilidade das ações. Além disto, a relação que estabelecem com o poder público é moldada em vícios paternalistas característicos de um modelo de Estado provedor, que coloca os indivíduos em situação de dependência.

Como conter a ocupação ilegal do patrimônio público e garantir condições dignas de vida aos moradores desta região, preservando o ambiente e garantindo sustentabilidade, através do comprometimento e atuação conjunta dos diversos atores locais é a preocupação constante daqueles que têm como missão formular e gerir políticas sociais para esta região.

O crescimento do mercado turístico revelou uma alternativa de desenvolvimento para alguns municípios ou localidades. Paranapiacaba, pelas suas características e potencial, se enquadra neste contexto podendo incrementar esse processo de modo planejado e sustentado, gerando empregos e redistribuindo renda, aumentando a arrecadação de impostos e de taxas, melhorando a infra-estrutura municipal de saúde, educação, transporte, tanto para o turista como para o munícipe. O desenvolvimento do potencial turístico foi o caminho encontrado para a Vila de Paranapiacaba.

No entanto, na Vila de Paranapiacaba, o caminho escolhido foi proporcionar o desenvolvimento sócio-econômico através do turismo, mas com envolvimento da população local neste processo. Desta maneira os atores locais são envolvidos, se capacitam, se organizam, usufruem as oportunidades criadas, reforçam as redes internas e além de serem agentes do desenvolvimento social e econômico, também promovem o desenvolvimento comunitário que dará sustentabilidade futura as ações e os tornarão protagonistas do seu destino.

Desde a instalação da Subprefeitura em 2001 e especialmente após a compra de uma parte da Vila de Paranapiacaba pela Prefeitura de Santo André, em janeiro de 2002, várias ações foram empreendidas pela Administração Municipal no sentido de capacitar, estimular o empreendedorismo, a participação popular, a formação de redes e poderes locais, entre outros exemplos.

Estas ações decorrem de um plano estratégico de desenvolvimento econômico com foco no turismo (Plano Patrimônio), que traça um horizonte de intervenções até o ano 2020, que pressupõem o envolvimento da comunidade local.

Ao elaborar este plano em 2001 a prefeitura recorreu a várias fontes dispersas e em alguns casos sistematizadas de dados sócio-econômicos sobre Paranapiacaba, além de consultas e discussões com a comunidade local e com o público interessado na vila.

Várias ações se desenvolveram desde então e envolveram não apenas a comunidade local, mas também outros atores públicos ou privados e entidades internacionais o que possibilitou mudanças significativas no cenário local.

A Vila de Paranapiacaba desde sua fundação passou por três comandos distintos. Um primeiro momento caracterizado pelo domínio inglês, quando a então proprietária SPR – São Paulo Railway, administrava a Vila de forma centralizada e hierarquizada, com estruturas de comando e decisão instaladas no local, provendo a Vila e a população residente em suas necessidades.

Em um segundo momento a Rede Ferroviária Federal S A, assume não apenas a Vila, mas um conjunto de outras propriedades cuja abrangência da ação administrativa necessária possibilitou a implantação de planos gerenciais amplos, mas distanciou-se das especificidades e necessidades locais. Os centros de poder e decisão deslocam-se para outros Estados (Rio de Janeiro e Brasília) e na Vila permanecem apenas funcionários de baixo escalão responsáveis pela manutenção e limpeza. Sem projetos específicos e sem um agente articulador local com força política e legitimidade, a Vila passou por este período como palco de disputas de idéias sem convergência e conseqüentemente com pouca exequibilidade.

No terceiro momento ainda em curso, a Administração Municipal assume o patrimônio com propostas de revitalização física, social e econômica, através da exploração sustentável do potencial turístico da Vila de Paranapiacaba. O centro de decisão e poder novamente se aproxima da Vila com a criação e instalação da Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense, que passa a tratar e conduzir as questões locais de maneira específica. A Administração Municipal busca distanciar-se do modelo administrativo provedor e centralizado adotado pelos ingleses e ao

contrário, assume papel fomentador, articulador e estimula a participação popular e o surgimento de novas lideranças, convergindo interesses para que a população local e a sociedade civil organizada e interessada, de fato assumam papel protagonista e compartilhem a responsabilidade em relação ao futuro da Vila de Paranapiacaba.

A origem deste estudo é motivada pela busca de bases teóricas e levantamento de dados em campo que possam fornecer subsídios para a análise de experiência que foi desenvolvida na área pública no município de Santo André, especificamente na Vila de Paranapiacaba.

Como funcionário da Administração Municipal de Santo André, acompanhei a implantação e desenvolvimento inicial do projeto proposto para a Vila de Paranapiacaba e o que motiva esta pesquisa é o meu interesse em investigar esta experiência no campo acadêmico, confrontando-a com bases teóricas e dados colhidos em campo.

Esta pesquisa pretende atuar restritamente no último período administrativo, mais especificamente entre os anos de 2001 e 2004. A delimitação temporal é justificada, pois o ano de 2001 marca a criação e instalação da Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense, denotando a intenção do poder público municipal de ter uma atuação mais intensa e presente na região. Esta intenção já foi esboçada no plano de governo apresentado em 2000 pelo então candidato Celso Daniel. Eleito prefeito passou a ter quatro anos de mandato para cumprir com suas propostas. O período 2001 a 2004 corresponde à duração do mandato do Prefeito Municipal e o tempo necessário para que as ações previstas no plano de governo possam ser desenvolvidas.

O limite geográfico é restrito a Vila de Paranapiacaba, mais especificamente a parte baixa da Vila, área adquirida pela Prefeitura Municipal, onde estão concentrados os imóveis de maior valor histórico e arquitetônico e onde reside a maior parte da população local. Apesar de fazer parte de um distrito composto por outros bairros e de ser apenas uma parte do território sob atenção da Subprefeitura é na Vila que está o acervo histórico, cultural e arquitetônico a ser preservado e é o núcleo mais adensado do Distrito de Paranapiacaba.

Ainda restringiremos a nossa análise ao impacto que as ações públicas provocaram na percepção e organização dos diversos atores locais, limitando-se, portanto aos aspectos relacionados ao desenvolvimento social, econômico e comunitário.

A intenção é descrever o quadro sócio-econômico-comunitário atual, mais como um retrato de um momento, cujos dados possam servir de referência e balizador futuro de ações e indicador de eficiência das ações empreendidas até o momento. Não há pretensão de apresentar um quadro final para análise, já que esta experiência ainda encontra-se em curso e o período analisado (2001 a 2004), representa menos de um quarto dos 20 anos apontados pela Administração Municipal para o desenvolvimento e consolidação do projeto de redesignação sócio-econômica e comunitária da Vila de Paranapiacaba, denominado Plano Patrimônio.

Com a referência das pretensões apontadas pela Administração Municipal de redesignação econômica, com inclusão social e estímulo ao protagonismo comunitário, o problema que pretendemos investigar é se ***"As ações desenvolvidas pelo poder público, no período de 2001 a 2004, na Vila de Paranapiacaba, contribuíram para o desenvolvimento sócio-econômico-comunitário local?"***.

A pretensão desta pesquisa é avaliar se o cenário administrativo implantado em 2001, propiciou mudanças nos aspectos sócio e econômico e se a população local avançou no aspecto de desenvolvimento comunitário, apropriando-se da proposta apresentada pela Administração Municipal, organizando-se e adquirindo condições de conduzir seu próprio futuro.

Cabe investigar se no período de 2001 a 2004 as ações iniciais empreendidas pelo governo municipal promoveram avanços nos índices sócio-econômicos e estimularam a organização da comunidade local, de maneira que possam ser agentes protagonistas do seu próprio destino e se os laços de dependência antes mantida com a Rede Ferroviária foram rompidos ou apenas transferidos para a nova proprietária da Vila.

Para buscar respostas ao problema apontado pretendemos levantar dados em campo com os seguintes objetivos:

"Verificar se houve avanço nos índices sócio-econômico na Vila de Paranapiacaba."

"Verificar se houve envolvimento da população local no Programa de Desenvolvimento proposto pela Administração Municipal."

Acreditamos que as ações desencadeadas pela Administração Municipal no período de 2001 a 2004 na Vila de Paranapiacaba provocaram avanços nos indicadores sócio-econômico e comunitários e a adesão da população aos programas de turismo, no entanto, o pouco tempo decorrido desde o início destes programas e a longa bagagem cultural de dependência que a população local carrega, nos leva a acreditar na hipótese de que independentemente de terem ocorrido possíveis avanços, a população local ainda não assumiu a frente do processo de desenvolvimento e o rumo futuro traçado para a Vila de Paranapiacaba ainda depende da condução da Administração Municipal.

Existem no âmbito acadêmico algumas pesquisas em que a Vila de Paranapiacaba foi objeto de estudo, cujo enfoque geralmente são os aspectos arquitetônicos e naturais. Como a natureza exuberante e a arquitetura peculiar, parecem ocultar o cenário humano existente, acreditamos que focar a pesquisa nos aspectos sociais, econômicos e comunitários possa contribuir para desvendar um novo campo de investigações.

Acreditamos ainda que Paranapiacaba pode ser um caso interessante para o estudo de gestão pública, em virtude dos modelos de administração distintas pelos quais passou e pelo estado de degradação alcançado em virtude da concentração da atividade econômica alicerçada em uma única área decadente (ferrovia) e da pouca articulação e sinergia entre os diversos atores locais. Em um processo de gestão da regionalidade é importante a análise do impacto que as políticas públicas provocam nas comunidades em que são implantadas e o estudo que pretendemos desenvolver enquadra-se nesta linha pesquisa, pois traçará o paralelo global / regional / local, as conseqüentes mudanças na gestão pública e os impactos de um plano estratégico conduzido pela Administração Municipal, com envolvimento dos diversos atores locais.

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos, sendo este primeiro um capítulo introdutório que pretende apresentar uma visão geral do trabalho, através da descrição da origem e justificativa do estudo, da delimitação da pesquisa e o problema com o qual nos defrontamos, assim como os objetivos traçados para buscarmos respostas e como este estudo se vincula à linha de pesquisa de Gestão para o Desenvolvimento da Regionalidade.

O segundo capítulo aborda o referencial conceitual, dividido em três tópicos: O palco Global, A cena regional e A vez dos atores locais . Apresenta a fundamentação teórica e as relações entre os planos global , regional e local.

No terceiro capítulo será apresentada a metodologia adotada, o protocolo e os instrumentos aplicados nesta pesquisa.

A Vila de Paranapiacaba, o histórico, o quadro sócio-econômico encontrado em 2001 e as propostas de ação da Administração Municipal serão apresentados no quarto capítulo.

O quinto capítulo apresentará a análise dos dados obtidos nesta pesquisa, reservando para o sexto capítulo as conclusões e novas perspectivas de estudos.

REFERENCIAL CONCEITUAL

Os processos de globalização têm reflexos nos planos locais e regionais e de acordo com Meyer-Stamer (2000) esta relação não é apenas causal, mas também vinculada. Neste sentido, pretendemos reunir a visão de diversos autores sobre os impactos da globalização no plano regional e local e as conseqüentes mudanças no papel das cidades e regiões, organização do Estado e no papel dos atores locais, além de traçar a evolução das políticas de desenvolvimento social e de que maneira estas políticas foram implantadas na Vila de Paranapiacaba.

Pretendemos trilhar um percurso do geral para o específico, passando pelos eixos acima descritos, cujos temas estruturantes são a Globalização, o Papel do Estado, o Desenvolvimento sócio-econômico e o Poder local.

2.1 O palco Global

Como Ladislau Dowbor observa, todo mundo está sensível a um processo de globalização, mas boa parte do que percebemos no nosso cotidiano é local. A rua onde moramos, a escola de nossos filhos, a qualidade do ambiente no nosso entorno, as ofertas de emprego, tudo isso é local. No entanto a globalização se materializa através de alguns eixos principais como as finanças, a mídia e os produtos mundiais e nós também temos dinâmicas ligadas a estes três eixos, que são controlados por redes e empresas transnacionais (Dowbor,2004).

Não se trata portanto, de uma disputa entre o local e o global, mas assim da simples compreensão de que é necessário haver uma articulação entre estes planos para alcançarmos o objetivo maior de propiciar melhores condições e qualidade de vida aos indivíduos.

As regiões e localidades são os pontos de convergência do que acontece no cenário global, mas tanto podem ser agentes passivos das influências externas , como podem ser agentes protagonistas e atuar de maneira decisiva neste cenário.

Portanto, a investigação a acerca da Globalização e seus impactos é tão importante quanto investigar o novo papel das cidades, pois como já foi dito não se trata de uma relação de causa e efeito, mas sim de uma relação vinculada.

Para entender melhor o papel desempenhado pelas cidades atualmente, recorreremos a Saskia Sassen (1998), que atribui as cidades o status de locais preferidos da produção, que proporcionam o surgimento de uma nova economia urbana, com tendência à especialização e ênfase nas áreas de finanças e serviços. Em virtude do crescimento da globalização da atividade econômica, há um aumento da escala e complexidade das transações, que alimenta o crescimento das funções exercidas pelas matrizes de empresas transnacionais e o crescimento da prestação de serviços. Vemos assim surgir nas cidades que são grandes centros comerciais, a formação de novos núcleos de economia urbana com notáveis mudanças na estrutura dos setores comerciais e financeiros e uma tendência a especialização. O aumento de escala, a aceleração das atividades econômicas e a preemência do tempo criaram novas formas de aglomeração.

Esta nova configuração urbana que proporciona a concentração das atividades produtivas e a tendência à especialização das cidades, permite arranjos produtivos, tal como a formação de Clusters, que de acordo com Meyer-Stamer (2000) são pontos de inserção para o incentivo da economia local. No entanto as políticas desenvolvimentistas baseadas em clusters têm limites que são estabelecidos por fatores políticos, por estruturas de governança. Ou seja, o êxito na promoção de clusters depende da forma como os atores locais se organizam e se comunicam e promovem interações no cenário em que atuam, a tal de eficiência coletiva dos atores locais no cluster. Esta política de localização é negociada numa rede complexa de atores governamentais e não governamentais e exige que os envolvidos adaptem suas estruturas de ação para atuar neste novo cenário. Não basta dispor de capital acumulado, de riquezas naturais disponíveis e de uma situação geográfica privilegiada, fatores que no passado eram indicadores de êxito ou fracasso de uma determinada cidade ou estrutura administrativa. Hoje mais do que isso, a capacidade de se adaptar a velocidade da informação relativamente aos mercados internacionais, de flexibilizar as estruturas produtivas e de inserir-se em redes são condições vitais

para o sucesso das cidades que pretendem alçar a condição de protagonistas (Borja, 1997).

As cidades e localidades oferecem vantagens de aglomeração, mas para usufruir destas vantagens é necessário que os diversos atores locais atuem de maneira orgânica, direcionando suas ações para fins comuns.

Esta necessidade de governança nos coloca diante da necessidade da pactuação das ações voltadas para o desenvolvimento envolvendo os diversos níveis de governança local.

Em relatório da ONU (Cairo, 1994) são apresentados os índices de crescimento da população urbana, que demonstram que as cidades são protagonistas da nossa época e que em virtude do crescimento da população residente nas cidades, aumenta-se a necessidade de tratar a problemática social no plano local, através de ações integradas.

A criação de canais de diálogo, de participação e de projetos que reúnam interesse e esforços dos principais agentes públicos e privados que atuam em uma cidade ou localidade são alguns instrumentos importantes para alcançar a sinergia das ações em direção a um destino comum. Segundo Borja (1997), na América Latina, a limitação dos processos de democratização política e de descentralização do Estado, somados a desigualdade, marginalidade, déficits de infra-estrutura e serviços e a fragilidade do tecido sócio-cultural têm atrasado a emergência das cidades como protagonistas.

É difícil estabelecer objetivos comuns quando as realidades vividas pelos indivíduos de uma mesma sociedade são completamente distintas, dispare, separadas por uma distância social considerável e sem espaços, mecanismos e hábitos de participação popular democrática.

A consolidação deste processo depende, além de criar as condições acima apontadas, da possibilidade de estimular grandes projetos urbanos que contem com a participação ativa dos principais agentes públicos e privados e conquistem um amplo consenso cidadão. Borja aponta a importância de se estabelecer planos estratégicos que sejam construídos de maneira coletiva, compondo os mais variados

interesses no traçado de metas comuns, que proporcionam e permitem a concentração de esforços.

Alguns autores indicam que esta relação em redes articuladas em torno de um plano estratégico colabora para a redução do papel do Estado que já dava sinais de falência há algum tempo. Outros autores acreditam que o Estado tem um papel importante a desempenhar neste contexto, no entanto uma nova estrutura e modelo de gestão são exigidos. O Estado hierarquizado e administrado de maneira burocrática, com estruturas administrativas inchadas, fluxos de comunicação lentos e pouca flexibilidade de gestão, torna-se uma carta fora do jogo pela dificuldade de inserir-se nas redes e fluxos de comunicação e transações atuais.

Em um relatório das Nações Unidas há uma frase que diz que o Estado Nacional se tornou grande demais para as pequenas coisas e pequeno demais para as grandes. Esta pressão que o Estado Nacional sofre pelos processos de Globalização e localização é apontada por John Naisbitt, que chamou isso de "paradoxo global", onde o Estado Nacional é pressionado por cima pela globalização e por baixo pelo processo de localização.

Paul Singer (1997) defende a importância que o Estado-nação desempenha, na condução política da globalização. O autor enfatiza que esta participação pode diferenciar os impactos causados nas regiões e localidades e argumenta que o processo de globalização das atividades econômico e cultural avança a passo muitíssimo mais largo do que o processo de globalização política. Portanto, a constituição de instâncias de mediação política local, regional e global, é importante para a condução dos impactos dos processos de globalização. Não se trata de afirmar que a globalização seja algo bom ou ruim, mas que as conseqüências podem ser mais desastrosas quando este processo não é conduzido politicamente.

Singer (2002) ainda aborda as novas formas de organização social, que se distanciam da lógica competitiva capitalista em busca de relações mais solidárias, constituídas em redes que reforçam o tecido local e interagem regional e globalmente.

2.2 A cena regional

As cidades e regiões sob a influência da globalização também podem se organizar em redes e constituir o que pode ser chamado de “novo regionalismo”. No campo teórico, as discussões sobre este tema são divididas basicamente em dois campos: os globalistas e os regionalistas. A grosso modo, os primeiros postulam que as cidades e regiões sofrem os efeitos externos da globalização e reagem a eles, apresentando características de uma via neoliberal. Ou seja, a globalização, neste caso, não é conduzida politicamente e os atores locais são sujeitos passivos e reagem aos estímulos que recebem de fora caracterizando-se pelo aspecto exógeno dos estímulos que recebem para movimentar-se.

Os regionalistas atribuem as cidades-regiões um potencial endógeno, que se for desenvolvido, propicia a condução das políticas públicas da cidade-região em seu próprio território (Klink, 2000). Neste caso, os diversos atores organizam-se em redes que atuam no plano local, regional e global de maneira protagonista, traçando planos e estratégias que permitam assumir seus próprios destinos.

Ao analisarmos o Grande ABC sob a ótica do Novo regionalismo, verificaremos que a região passa por um momento de transição econômica, social e cultural, que segundo Celso Daniel (2001), implica em uma nova economia e uma nova institucionalidade regional. O mesmo autor, em análise histórica da região, constata a expansão do serviço de entretenimento e lazer na década de 90 e a inserção da discussão sobre turismo, como alternativa de desenvolvimento sustentável, sobretudo nas áreas de proteção dos mananciais.

A região do Grande ABC, caracterizada por seu vasto parque industrial, sofre os impactos da reconversão econômica. O setor de serviços começa a se estruturar e o segmento turístico coloca-se como uma oportunidade latente e ainda pouco explorada, tanto em relação ao turismo de negócios com grande potencial, mas operado de maneira insipiente, como em relação ao turismo de aventura, cultural e de lazer, que pode proporcionar uso compatível e sustentável dos sítios históricos e naturais, incluindo a vasta área de proteção dos mananciais existente na região do

ABC, um passivo pesado para o Estado que pode vir a ser uma inteligente vantagem competitiva no futuro próximo.

No entanto, há uma crescente tendência a atribuir cada vez mais responsabilidade de formulação, implantação e gestão de políticas públicas aos governos municipais em virtude do enfraquecimento do Estado-Nação, que faz com que os municípios se sintam assoberbados com esta carga que lhes é imposta. Para dividir este fardo e para viabilizar as propostas, os governos locais buscam estabelecer parcerias com outros segmentos da sociedade. Estas relações provocam a necessidade de mudanças estruturais na administração pública e ampliam o conceito de políticas públicas, que deixam de ser apenas sinônimos de políticas governamentais.

As relações entre os diversos atores envolvidos percorre o mesmo caminho evolutivo: deixam de ser hierarquizadas (centradas no Estado) e passam a se constituir a partir de redes (centradas na sociedade).

O redesenho do Estado para tornar sua gestão eficiente no campo social é necessário, pois o tema central não pode ser o tamanho abstrato, mas qual a função que deveria cumprir o Estado no processo histórico e como dotá-lo da capacidade de gestão necessária para levá-lo a cabo com eficiência. Para isso é necessário trabalhar sobre as estruturas organizacionais e incorporar técnicas modernizantes para tornar o Estado "inteligente", assumindo funções catalizadoras e facilitadoras, concentrando-se nas funções estratégicas e com papel sinergizante permanente e assim passarmos da "Administração para a Gerência", ou seja, conectar o Estado a um novo paradigma gerencial, com modelos analíticos, hipóteses e propostas técnicas muito diferentes do paradigma que predominou em boa parte deste século (Klinksberg, 2002).

2.3 A hora dos atores locais

Este é o paradoxo que vivemos: quanto mais o mundo se globaliza, mais buscamos por ancoras locais. Portanto é na confluência destas poderosas tendências, que surgem novas oportunidades e formas mais ambiciosas do que se pode fazer no plano local, em termos de um aproveitamento racional dos recursos naturais e humanos, de inserção regional mais proveitosa, de criação de uma cultura local.

Um novo desenho de políticas de desenvolvimento se esboça e toma distância da dicotomia que durante muitos anos dominou este tema, ora atribuindo responsabilidade do desenvolvimento ao Estado, ora ao mercado.

Hélio Jaguaribe faz uma análise dos projetos liberal e social e nós leva a crer que tanto o Estado como o mercado tem limitações na implantação de políticas de desenvolvimento social. Ambos modelos mostraram suas limitações e no plano global uma nova ordenação mundial surge e pode conduzir a um sistema mundial de grandes blocos, coordenados através de alguma forma de autoridade mundial (Jaguaribe, 1978), em uma tentativa de condução política dos processos de globalização.

A centralização do poder político e econômico leva ao divórcio entre nossas necessidades e o conteúdo das decisões sobre desenvolvimento econômico e social (Dowbor, 1999). A tendência atual das políticas desenvolvimentistas é de estruturação em redes, uma complexa trama social que envolve os atores interessados que interagem em busca do equilíbrio das ações. Não se trata de atribuir ao Estado ou ao Mercado a responsabilidade da condução do processo de desenvolvimento, já que ambos modelos mostraram ao longo do tempo suas limitações, cada vez mais cabe a sociedade organizada a responsabilidade pela condução do seu próprio futuro.

Quando a sociedade, um mix complexo e heterogêneo de indivíduos e organizações, assume a rédeas deste processo, a possibilidade de contemplar interesses diversos é ampliada. Não basta apenas desenvolvimento econômico, sem que haja também desenvolvimento social, preservação do meio ambiente, e das características culturais e históricas de um povo.

O conceito de desenvolvimento é ampliado e passa a ser entendido como a apropriação efetiva de todos os direitos humanos, políticos, sociais, econômicos e culturais, incluindo-se o direito ao meio ambiente (Sachs, 2002).

A inserção da preocupação ambiental, a ecologização do pensamento citado por Edgar Morin, nos força a expandir o nosso horizonte de tempo. Enquanto os economistas raciocinam em dias, meses, anos e no máximo em décadas, os ambientalistas projetam as ações em horizontes mais largos, chegando a séculos e milênios.

Na Conferência de Estocolmo, surge um caminho do meio (Declaração de Cocoyoc, 1974) entre o economicismo arrogante e o fundamentalismo ecológico, que aponta para um aproveitamento racional e ecologicamente sustentável da natureza e benefício das populações locais (Sachs, 2002).

Este pensamento ecológico é cada vez mais importante no contexto das relações sociais, pois não se restringe apenas a preservação do meio ambiente, mas sim a configuração de um ambiente equilibrado em todos os seus aspectos, sejam eles naturais, econômicos, culturais, sociais...

Além da inserção da temática ambiental na pauta dos programas de desenvolvimento, o crescimento da população urbana, a concentração populacional nas cidades, faz com que a problemática social seja cada vez mais objeto de reflexão e ação local, através de redes de ação integrada.

Ladislau Dowbor em seu texto "A Comunidade Inteligente", analisa 25 experiências de gestão local e elenca uma série de elementos que demonstram a desarticulação das políticas sociais e a quase ausência de ferramentas que subsidiem os gestores públicos na elaboração de políticas para esta área. Outros textos do mesmo autor descrevem as mudanças ocorridas nos últimos tempos na gestão de políticas sociais e conceitos e elementos que justificam a tendência recente de políticas sistêmicas e de reforço ao tecido social.

As áreas sociais somente adquiriram forte importância nos últimos anos e a criação de estruturas administrativas responsáveis pelo tema desenvolvimento social é fato recente na administração pública.

Portanto, como observa Ladislau Dowbor, ainda não se formou realmente uma cultura do setor. E a grande realidade, é que não sabemos como gerir estas novas áreas, pois os instrumentos de gestão correspondentes ainda estão engatinhando. Os paradigmas de gestão que herdamos têm todas sólidas raízes industriais.

Assim, os paradigmas da gestão social ainda estão por ser definidos, ou construídos. É uma gigantesca área em termos econômicos, de primeira importância em termos políticos e sociais, mas com pontos de referência organizacionais ainda em elaboração” (Dowbor, 2001, p.27).

“Assim, de uma visão de simples articulação de políticas setoriais, estamos evoluindo, no caso dos municípios, para a compreensão de que uma cidade, ainda que pequena ou média, pode ser vista de maneira ampla como unidade básica de acumulação social, ponto onde se articulam as iniciativas econômicas e sociais, culturais e políticas, para gerar uma racionalidade sistêmica. Quanto mais a economia se globaliza, mais a sociedade tem também espaço e necessidade para criar as âncoras locais” (Dowbor, 2001, p.32).

Vimos que a globalização proporciona mudanças nas estruturas produtivas que levam a concentração da população nas áreas urbanas. As cidades assumem papel de protagonistas da nossa época, sendo os locais preferidos para a produção e proporcionam vantagens competitivas de aglomeração e o surgimento de novos arranjos produtivos locais. No entanto, não basta adequar-se às novas estruturas produtivas é preciso que novos arranjos institucionais sejam criados para que os indivíduos e organizações possam atuar de maneira ativa no cenário onde se articulam as redes globais, regionais e locais. Estes novos arranjos institucionais estimulam a mudança das estruturas administrativas e de gestão e o Estado Nacional precisa ser redesenhado para este novo papel. “A transnacionalização das empresas, no quadro da globalização de segmentos crescentes das estruturas econômicas, acarreta a atrofia das funções estatais, o que exige reciclagem profunda das estruturas tradicionais de poder.” (Furtado, 2002).

O eixo motor do desenvolvimento deixa de ser disputado entre o Estado e o Mercado e passa cada vez mais a ser uma responsabilidade da sociedade organizada.

Além das necessárias mudanças na estrutura produtiva e nos arranjos institucionais, a necessidade de tratar a problemática social em nível local, através de ações integradas e de garantir a sustentabilidade futura e a preservação do meio ambiente são os novos ingredientes adicionados ao caldeirão do desenvolvimento, que ampliam o tema tanto em seu conceito como em seu horizonte temporal de ação.

O desenvolvimento só faz sentido quando ocorre de maneira equilibrada, com prosperidade econômica, mas garantindo o equilíbrio social, a preservação ambiental e cultural e as soluções são construídas de maneira mais efetiva quando há real participação dos indivíduos afetados recuperando-se o controle por parte do cidadão que durante muitos anos teve sua passividade alimentada por duas fontes: o liberalismo e o estatismo (Dowbor, 1999).

Isso ressalta a importância das estratégias de "desenvolvimento a partir de dentro", que não deve ser confundido com um apelo em favor de estratégias voltadas para dentro, uma maneira de caminhar no sentido de um desenvolvimento incluyente, sustentável e sustentado. (Sachs, 2004).

Esta condição de agente restabelecida aos indivíduos é central para lidar com as privações que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer sua liberdade e é condição constitutiva do desenvolvimento (Sen, 2000).

No próximo capítulo procuraremos inserir Paranapiacaba neste contexto teórico, como uma localidade que passa por um processo de reconversão econômica, do segmento industrial para o setor de serviços, em especial o turístico, e além da reconversão econômica, anseia pela revitalização do patrimônio ambiental, histórico cultural e social. O patrimônio edificado, natural e a própria população residente alcançaram alto grau de degradação, principalmente em virtude do descaso dos administradores em relação às necessidades locais e a passividade e falta de articulação da população local e outros atores interessados. Para viabilizar as ações de desenvolvimento local, busca-se um novo modelo de gestão, onde o Poder Público assume papel articulador, facilitador, sinergizante e cria instâncias de participação, contribui com a organização da comunidade local e soma esforços com moradores e outros atores articulados em torno de um plano estratégico (Plano

Patrimônio) para a condução conjunta das políticas e ações locais, propiciando a criação de uma rede complexa que atuem de maneira autônoma e seja protagonista de seu próprio destino.

As ações desenvolvidas em Paranapiacaba serão fundamentadas principalmente através de relatórios administrativos, documentos produzidos no âmbito do projeto GEPAM (Gerenciamento Participativo de Áreas de Mananciais) e através de artigos de pesquisadores da Simon Fraser e British Columbia University (Canadá), sobre CED (Desenvolvimento Econômico Comunitário) e do projeto de desenvolvimento turístico implantado pela Administração Municipal, cujas premissas estão no documento denominado Plano Patrimônio.

METODOLOGIA

A pesquisa que propomos pretende verificar se houve mudanças nos indicadores sócio-econômico e comunitário, no período de 2001 a 2004, na Vila de Paranapiacaba, já que neste período a Vila passa por mudanças significativas que alteram a estrutura administrativa existente e propiciam cenário mais favorável a proposição de várias ações para a revitalização e reconversão econômica local.

Para atender a esta intenção pretendemos descrever o quadro sócio-econômico verificado nos dias atuais na Vila de Paranapiacaba e compará-lo com dados disponíveis que possam expressar quadro similar encontrado no início do ano de 2001 quando a Administração Municipal de Santo André instala uma unidade administrativa na região.

Para isso buscaremos informações sobre o quadro inicial através da consulta a documentos existentes e compararemos com o quadro atual, cujos dados serão coletados em campo. Desta forma, através de dados quantitativos, acreditamos poder apresentar um quadro que permita verificar se houve mudanças nos índices sócio-econômico na Vila de Paranapiacaba.

O outro objetivo proposto por esta pesquisa é verificar se houve envolvimento da população local no Programa de Desenvolvimento apresentado pela Administração Municipal e descrever a forma como os atores locais assimilaram, reagiram e se organizaram no aspecto comunitário. Para isso entrevistaremos moradores, escolhidos através de critério de representação por segmentos, com a intenção de obter informações qualitativas e registrar as suas percepções de mudança e apropriação em relação a proposta de desenvolvimento apresentada.

De acordo com Cervo (2002), a pesquisa descritiva tem como características a observação, registro, análise e a correlação de fatos ou fenômenos sem manipulá-los e através dela buscamos conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo, como de grupos e comunidades mais complexas.

Portanto, de acordo com os objetivos propostos, a **pesquisa descritiva** parece ser o tipo mais adequado a este estudo, por pretendermos descrever o quadro atual e a correlação existente principalmente entre dois elementos inter-relacionados que o compõe: a ação do Estado e o seu reflexo na comunidade local.

Segundo Gil (2002), a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre variáveis. Outro autor aponta os estudos descritivos como aqueles que buscam as "características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada" (Cervo, 2002).

Cabe esclarecer que não pretendemos estabelecer uma relação de causa e efeito entre a ação do Estado e a organização da comunidade local, pois se assim fosse, do ponto de vista de seus objetivos esta pesquisa poderia se caracterizar como explicativa. Pretendemos unicamente descrever o quadro sócio-econômico e comunitário atual, confrontando-o com dados existentes anteriores ao período pesquisado (2001 a 2004).

A presença mais acentuada do Estado, em especial da esfera municipal, neste período é o fato concreto que estabelece uma nova composição de poder local e nos faz crer que novos indicadores sócio-econômico e comunitário foram estabelecidos.

Para os objetivos desta pesquisa a ação do poder público, independentemente da esfera de governo (municipal, estadual ou federal) será vista como um pano de fundo. Nos concentraremos em descrever as principais linhas de ação proposta pelo governo municipal, o principal ator governamental atuante na vila e o nível de gestão que traz um fator diferencial ao instalar fisicamente uma unidade administrativa, adquirir parte da Vila de Paranapiacaba e apresentar várias propostas de revitalização e reconversão econômica e social para o local, durante o período estudado.

As ações desenvolvidas pelo poder público e os dados que retratam o quadro inicial encontrado na Vila de Paranapiacaba foram obtidos através de **pesquisa documental**, que de acordo com Gil (2002) assemelha-se à pesquisa bibliográfica, diferenciando-se apenas pela natureza das fontes, que no caso da pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Para

os objetivos desta pesquisa analisaremos documentos administrativos, tais como relatórios de atividades, ofícios, planilhas e outros que descrevam a ação do poder público na Vila de Paranapiacaba no período de 2001 a 2004 e também documentos que registrem o quadro sócio-econômico-comunitário encontrado no momento em que a Administração Municipal instalou uma Subprefeitura na Vila de Paranapiacaba. Recorreremos ainda a documentos disponíveis em acervos pessoais, no Museu e Bibliotecas da cidade, a fim de traçar o histórico de ações e o quadro inicial (2001) de indicadores sócio-econômicos-comunitários na Vila de Paranapiacaba. Dentre os documentos que serão consultados destacam-se o "Plano Patrimônio" e os registros do "Projeto GEPAM". O "Plano Patrimônio" é o documento que condensa as diretrizes de revitalização e reconversão econômica vocacionando Paranapiacaba para o mercado turístico e o "Projeto GEPAM – Gerenciamento Participativo de Áreas de Mananciais", tem no seu escopo várias ações de cooperação técnica desenvolvidas em parceria com a agência internacional CIDA – Canadian International Development Agency e a universidade Canadese British Columbia, destacando-se as relacionadas a participação popular, gênero e turismo com inclusão social.

Para analisarmos se as diversas mudanças que ocorreram na Vila de Paranapiacaba no período estudado refletem algum impacto nos índices sócio-econômico e comunitário, recolheremos dados em campo.

De acordo com os procedimentos técnicos adotados, o delineamento mais adequado ao estudo proposto é o **levantamento**, que caracteriza-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer (Gil, 2002).

De acordo com dados do Censo realizado no ano de 2000, a população total da Vila de Paranapiacaba soma 1418 habitantes. Como sujeitos desta pesquisa selecionaremos uma amostra de 350 moradores residentes na parte baixa da Vila de Paranapiacaba, que de acordo com o mesmo levantamento censitário, totaliza 1171 pessoas.

A Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba é a área adquirida da Rede Ferroviária pela Prefeitura de Santo André e de certa maneira tanto esta região como a população nela residente foram os mais beneficiados pelas políticas implantadas pelo poder público municipal no período de estudo.

Os 1171 moradores da parte baixa da Vila de Paranapiacaba ocupam 350 casas que são propriedade da Prefeitura de Santo André. Para coleta de dados através de entrevistas pré-agendadas nos domicílios, coletamos dados sócio-econômicos da família ou daquele núcleo habitacional e dos indivíduos que o compõem, além de verificar o envolvimento daqueles indivíduos em relação aos projetos e propostas apresentados pela Administração Municipal.

A seleção da amostra obedeceu ao seguinte critério: entrevistamos um morador de cada domicílio, abordando todas os 350 imóveis da parte Baixa da Vila. O morador escolhido para a entrevista em cada domicílio era o (a) responsável legal da família ou núcleo habitacional, ou seja aquele (a) que perante a Administração Municipal assina o termo de permissão de uso do imóvel que ocupam.

Na definição do critério de escolha do indivíduo a ser entrevistado nos preocupamos em não ter um resultado que pudesse expressar uma visão "masculina", sem que haja equilíbrio de gênero na amostra pesquisada, já que culturalmente o homem é considerado como responsável pela família. Optamos, portanto, em considerar como responsável pela família aquele (a) que assina o Termo de Permissão de Uso do Imóvel, pois assim teríamos um critério objetivo e que proporcionaria uma amostra mais equilibrada em relação a homens e mulheres que serão entrevistados. Isso se deve em virtude de existir na cidade de Santo André lei municipal que determina que a mulher deva assinar a posse ou permissão de uso de imóveis públicos ou financiados com recursos públicos (lei municipal no. 8170, de 05/04/2001) e a Vila de Paranapiacaba tem adequado as novas concessões de permissão de uso dos imóveis a este critério. Como vários contratos antigos ainda não foram adequados a esta determinação legal, no momento da coleta de dados encontramos um universo proporcionalmente equilibrado entre homens e mulheres que perante a Administração Municipal são responsáveis pela assinatura do referido termo.

Ao entrevistar os responsáveis legais coletaremos dados de todos os indivíduos que ocupam o imóvel. No entanto, se levarmos em consideração apenas o número de indivíduos entrevistados abordamos cerca de 30% da população

residente na parte baixa da Vila de Paranapiacaba e para efeitos estatísticos trabalharemos com uma margem de erro de 4%.

Também devemos considerar que dos 350 imóveis existentes na parte baixa da Vila de Paranapiacaba, alguns não são de uso domiciliar, pois são voltados para uso público, institucional, comercial ou misto e, portanto, em alguns casos não serviram de referência para o levantamento de dados pretendido. Também é importante destacar que alguns imóveis compõem um conjunto de residências, como por exemplo o “Galpão de Solteiros”, um único imóvel com dez quartos de solteiros. Como a Administração Municipal não dispunha de registros atualizados que pudessem nortear a definição antecipada de quais imóveis seriam abordados, optamos por aplicar a pesquisa em todos os imóveis da parte baixa da Vila de Paranapiacaba e excluir da tabulação aqueles cuja definição de uso não possibilitasse a resposta das questões apresentadas. Aplicando a pesquisa nos 350 imóveis existentes na parte baixa da Vila, encontramos 381 núcleos familiares residenciais.

Como instrumento de pesquisa utilizamos o **formulário**, pois o universo pesquisado é heterogêneo, composto inclusive por analfabetos, o que implica na assistência do investigador. Além disso algumas perguntas têm maior complexidade e o resultado final precisa ter a garantia da uniformidade na interpretação dos dados e dos critérios pelos quais são fornecidos (Cervo, 2002).

Foram treinados 10 entrevistadores para utilizar o instrumento de pesquisa e a coleta de dados foi realizada no período de 2 meses (fevereiro e março de 2005). Um pré-teste foi aplicado, no início do mês de fevereiro, como parte do treinamento dos entrevistadores e serviu para afinarmos o instrumento de pesquisa.

O procedimento de coleta de dados adotado foi de visitas domiciliares agendadas, onde entrevistamos o(a) responsável pelo imóvel (permissionário) na intenção de obter dados sobre a composição familiar e de cada indivíduo que habita aquele imóvel e da relação dos moradores com o Programa de Desenvolvimento proposto pela Administração Municipal.

Após a coleta, os dados foram tabulados (abril de 2005) e o relatório final da pesquisa foi concluído no mês de junho de 2005.

O formulário (vide anexo) foi estruturado da seguinte maneira:

- Identificação do domicílio e da família (endereço, características do domicílio e composição familiar - relação das pessoas residentes no domicílio);
- Identificação de cada morador do domicílio (dados pessoais, qualificação escolar e profissional, renda, tempo de moradia, despesas mensais, relação familiar);
- Identificação de vínculo histórico cultural com a Vila de Paranapiacaba;
- Identificação de envolvimento com o programa de desenvolvimento sócio-econômico proposto pela Administração Municipal.

Com este instrumento buscamos traçar o atual quadro sócio-econômico da Parte Baixa de Paranapiacaba e identificar o grau de conhecimento, envolvimento da população local em relação ao projeto de desenvolvimento proposto pela Administração Municipal.

Os dados obtidos em campo comparados com dados similares disponíveis que retratam quadro sócio-econômico anterior ao período pesquisado, nos permitiram observar se houve mudanças nestes indicadores e também quantificar o número de pessoas que aderiram às propostas de reconversão sócio-econômica inserindo-se nos diversos projetos relacionados ao turismo. Limitamo-nos até esta etapa da pesquisa apenas a análise de dados quantitativos.

Na busca de aprofundar a pesquisa definimos uma amostra representativa por segmentos da sociedade local, cujos indivíduos foram entrevistados com o objetivo de obter dados qualitativos que expressem de maneira mais clara a percepção que eles têm em relação às estruturas dos processos sociais, de organização comunitária e a apreensão do processo de mudança.

Para as entrevistas selecionamos uma amostra de 10 pessoas, compostas por 4 representantes de entidades locais atuantes ligadas às áreas de turismo, preservação do patrimônio e religião, 3 conselheiros eleitos pela população local para representá-los, 1 empreendedor local, 1 antigo morador e 1 artista local. Todos os entrevistados, ocupam papel de destaque, como lideranças ou referências da população local. Desta maneira cobrimos um leque bem variado de perfis e

segmentos de atuação, que se reforça pela representação imbuída aos entrevistados que na sua maioria exercem sua atuação através da indicação, voto ou reconhecimento da população local como lideranças.

As entrevistas foram realizadas durante os meses de junho e Julho de 2005.

Representantes de entidades atuantes em Paranapiacaba, ligadas aos seguintes segmentos:

- **Turismo (Econômico):**

- Ivanise da Silva Lima – Empreendedora da área de gastronomia e turismo, proprietária da Agência de Turismo ECOPASSEIOS

- **Patrimônio (Físico/Natural):**

- Zélia Paralego – Presidente da SPR-paranap – Sociedade de Preservação e Resgate de Paranapiacaba , monitora ambiental e empreendedora na área de hospedagem e alimentação

- Eduardo Pin – Diretor da AMA - Associação dos Monitores Ambientais, Monitor e historiador

- **Sócio/Cultural/Religioso (social):**

- Maria Aparecida Marques - Coordenadora da Comissão da Igreja Bom Jesus de Paranapiacaba

Representantes e Conselheiros eleitos pela população:

- Gersino Luiz da Silva - Empreendedor local na área turística eleito para representar os moradores como conselheiro titular no Conselho de Representantes de Paranapiacaba e Parque Andreense

- Edna Maria Cavalcante de Miranda – Eleita para representar os moradores como Conselheira suplente do Conselho de Saúde, CONSEG – Conselho de Segurança, Comissão da Escola e eleita pelos artesãos locais para representá-los como coordenadora da Comissão do Entreponto Cultural / Mercado das Artes

Representantes por segmentos:

- Zilda Maria Bergamini - Comerciante

- Wal Volk - Empreendedora Social e Artista educadora

- Sonia Maria Félix Andrade - Antiga moradora, residente há 49 anos em Paranapiacaba

- Dona Francisca - Artesã e poeta local, antiga moradora, residente há xx anos em Paranapiacaba

Foram agendadas entrevistas individuais, nas quais os entrevistados respondiam questões elencadas em um formulário (vide anexo), com o objetivo de traçar um breve perfil do entrevistado, sua percepção de mudanças, de formas de organização popular, espaços e instrumentos de participação popular e expectativas futuras para a Vila de Paranapiacaba.

As entrevistas foram gravadas e depois transcritas sem a preocupação de transferir literalmente todas as palavras para o texto escrito, mas apenas de manter o sentido e o conteúdo principal do pensamento exposto.

Os textos foram submetidos à aprovação dos entrevistados, que assinaram a autorização para que os mesmos sejam utilizados.

As três etapas desta pesquisa - pesquisa documental, aplicação de questionários e entrevistas - buscaram oferecer um acervo de informações que se complementam e nos permitiram descrever o quadro sócio econômico e comunitário atual, delineando uma fotografia do momento que possa ser comparada com cenários passados ou futuros, constituindo painéis que possam apontar mudanças e transformações no cenário local.

Com a pesquisa documental identificamos as ações empreendidas pelo governo municipal que foram confrontadas com o referencial conceitual a fim de identificar a linha de pensamento que norteou os gestores públicos na proposição de suas ações. Recorrendo a documentos existentes também buscamos descrever o quadro de indicadores sócio-econômicos encontrado no período anterior ao ano de 2001.

As pretensões e metas traçadas pela Administração Municipal são referencial para analisarmos, através da aplicação de formulários, a forma como a comunidade local percebe e se envolve com as ações propostas. Também coletamos em campo, através da aplicação de formulários, dados que expressam a realidade sócio-econômica atual encontrada na Vila. Estes dados foram confrontados com o quadro

de indicadores sócio-econômicos encontrado no período anterior ao ano de 2001 para verificar se houve mudanças.

Com as entrevistas procuramos identificar a percepção que as pessoas tem em relação ao processo de mudanças sociais e econômicas e em relação a possíveis mudanças na organização da comunidade local provocadas por uma nova configuração de poderes na Vila.

Acreditamos que estes procedimentos nos ofereceram dados quantitativos e qualitativos que permitiram a elaboração do quadro sócio-econômico-comunitário encontrado na Vila de Paranapiacaba nos dias atuais, que permitirá análise comparativa com dados passados e constituirá uma referência para estudos futuros.

A VILA DE PARANAPIACABA

"É o alto da serra. Em frente, a alguns decâmetros, abre-se, rasga-se um vão, uma clareira enorme por onde se enxerga um horizonte remotíssimo, um acinzentamento confuso de serras e céu, que assombra, que amesquinha a imaginação. Começam aí os planos inclinados..."

(A Carne - Júlio Ribeiro)

4.1 Paranapiacaba – Um pouco de sua história

Instalada no topo da Serra do Mar, parte mais alta da cordilheira marítima, numa altitude de 796 metros do nível do mar, a pequena vila de Paranapiacaba, a cerca de 64 quilômetros de São Paulo, é um exemplar notável do patrimônio histórico e cultural paulista.

Situada na cidade de Santo André, a Vila de Paranapiacaba faz parte do Distrito de Paranapiacaba que possui uma área de 83,22 Km², o que representa 47,72 % da área total do Município, referente em sua grande maioria à áreas de mananciais, o que lhe assegura características discrepantes com o restante do município, completamente urbanizado e industrializado.

A vila ferroviária de Paranapiacaba foi implantada em 1867 com o objetivo de abrigar os trabalhadores da empresa inglesa São Paulo Railway Co. (SPR), concessionária do trecho ferroviário que fazia a ligação entre as cidades de Santos e Jundiaí. Essa estrada de ferro foi construída para servir como via de escoamento da

produção cafeeira paulista rumo ao mercado externo, aproveitando a vantajosa situação geográfica usada anteriormente por nativos e colonizadores.

Com o fim da concessão da São Paulo Railway Co. em 1946, a estrada de ferro e todo o seu acervo são encampados pela União e passa a se denominar Estrada de Ferro Santos –Jundiaí. Em 1957, a Rede Ferroviária Federal – RFFSA passa a assumir os equipamentos e o controle da malha ferroviária.

Nessa época, o Brasil passa por grandes transformações e na área do transporte as rodovias se destacam como prioridade nacional. Gradativamente, o transporte ferroviário foi perdendo a importância no cenário nacional, acarretando um processo de degradação do patrimônio da RFFSA. Na Vila de Paranapiacaba, além do processo de degradação física, devido à insuficiência da manutenção da estrutura existente, houve também a degradação social, uma vez que a maioria de seus habitantes vivia em função da ferrovia e com as demissões compulsórias tiveram que abandonar suas casas e partir. Tais mudanças induziram a um novo perfil de moradores, agora os não ferroviários.

A presença dos patrimônios arquitetônico e cultural de Paranapiacaba, única vila ferroviária em estilo britânico conservada no Brasil, e do patrimônio ambiental, devido aos remanescentes da Mata Atlântica, fizeram com que a Vila e seu entorno fossem tombados pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) através da resolução 37 de 30 de setembro de 1987. Ainda, no período entre 1999 e 2000, a Vila de Paranapiacaba foi inscrita na lista dos 100 monumentos mais ameaçados do mundo pelo World Monuments Fund (WMF). Em 2002 a Vila foi tombada pelo

CONDEPHAAPASA (Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico-Urbanístico e Paisagístico de Santo André) e pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), tornando-se patrimônio municipal e nacional respectivamente. A partir de 1999 o município de Santo André acentua sua preocupação com um patrimônio esquecido pelas demais esferas de Governo e resolve fazer gestões para adquirir a parte da Vila de Paranapiacaba em propriedade da RFFSA. Foi um processo lento que se efetivou em fevereiro de 2002, quando este importante patrimônio passou a ser propriedade dos cidadãos andreenses.

4.2 Descrição do quadro inicial

Paranapiacaba faz parte do território da cidade de Santo André, uma das sete que integram a região industrial paulista mais conhecida como o ABC (Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra Santo André, São Bernardo e São Caetano) que atravessa um período de mudança de seu perfil econômico.

A cidade de Santo André, assim como a região do ABC, conhecida pelo seu importante parque industrial automobilístico, metalúrgico, químico e petroquímico, busca novos investimentos, principalmente do setor de serviços de alta qualidade, para compensar a saída de alguns empreendimentos industriais da região.

No caso específico da Vila de Paranapiacaba o grande objetivo definido pela gestão pública municipal local é criar condições para que a Vila se transforme em um pólo de atração turística, com políticas públicas para um turismo ambientalmente,

arquiteticamente, socialmente e humanamente responsável, criando condições para o desenvolvimento sócio-econômico local.

No entanto várias dificuldades se apresentaram ao elaborar este plano de desenvolvimento, considerando a situação que a Vila de Paranapiacaba se encontrava no momento em que a Prefeitura de Paranapiacaba tomou posse deste patrimônio.

4.2.2 Aspectos políticos / Administrativos

Cabe aqui salientar que Paranapiacaba, apesar de politicamente, ser território de Santo André, na prática é uma vila isolada. Distante cerca de 40 km do centro do município e sem acesso exclusivo pelo território de Santo André. Para se chegar a Paranapiacaba é necessário passar por outros três municípios: Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

Este isolamento e a ausência por muitos anos de uma ação mais efetiva do poder público (municipal, federal e estadual) criaram o cenário favorável para que a Vila e seus moradores criassem suas próprias regras e líderes que decidiam tudo (desde quem poderia morar na Vila e quem não, até o valor dos aluguéis, etc). Esta situação criou núcleos de poder movidos apenas por interesses individuais e a instalação da Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense na Vila, trazendo discurso e práticas direcionados aos interesses comunitários, criou um conflito inicial com algumas lideranças que gozavam de privilégios.

Por outro lado a ausência de um poder central estimulou a formação de pequenos núcleos de poder com interesses específicos e que constantemente entravam em conflitos entre si, refletindo uma população desarticulada, onde o discurso de comunidade tornava-se difícil de ser traduzido.

A população não acostumada com uma ação mais próxima do poder público não entendia a dinâmica da burocracia pública e com um histórico de descrédito, não via com bons olhos os “estrangeiros” que chegaram.

4.2.2 Aspectos sócio-econômicos

Segundo o censo realizado no ano de 2000 a cidade de Santo André tem uma população total de 649.331 habitantes, sendo que 3.402 são moradores do Distrito de Paranapiacaba. Neste distrito situa-se a Vila de Paranapiacaba, dividida pela linha férrea em dois blocos, abriga 1171 moradores na Parte Baixa e 247 residentes na Parte Alta, totalizando 1418 habitantes na Vila. Os habitantes dividem-se em 49,5% do sexo feminino e 50,5% do sexo masculino e a projeção demográfica estimada para 2004 é de 1442 habitantes.

Considerando estatísticas demográficas de censos anteriores verifica-se que a Vila perde moradores ano a ano. Em 1991 a Vila de Paranapiacaba possuía 2012 habitantes, número que em 1996 é reduzido para 1638 e após quatro anos, em 2000 atinge 1418 habitantes. (IBGE, 2000).

Formada por 350 casas na parte baixa e 80 na parte alta, em 2001, cerca de 60% dos moradores da Vila estavam desempregados e 20% destes desempenhavam atividades temporárias e informais, tendo um rendimento mensal aproximado de R\$ 150,00. Dos 40% da população que estava empregada, 30% trabalhava em outro município, sendo que 10% trabalhava na própria Vila. O rendimento médio dessas famílias era de R\$ 550,00. A grande maioria da população é casada e têm em média 04 filhos que estudam na própria Vila. Os moradores são atendidos com 90% de cobertura vacinal e fazem seu tratamento dentário no local (CTR, 2001).

A presença das mulheres é muito forte. São elas que participam das atividades e despontam como líderes da comunidade. Um fator marcante é o grande índice de alcoolismo detectado nas famílias, que apontam o clima frio e o desemprego como "culpados". (PMSA, 2002).

4.2.3 Aspectos estruturais

Se do ponto de vista humano a situação não era das mais animadoras, a situação dos imóveis não era diferente. Como Vaclav Havel, sociólogo e ex-presidente da República Tcheca, disse em um de seus discursos proferido em 1968: "a visão das fachadas de uma cidade é uma forma de entender a situação emocional das pessoas, porque, se os homens abandonavam a parte visível dos edifícios em que viviam, estavam também abandonando o que havia dentro; se não conseguiam configurar um ambiente belo, é porque rejeitavam o sistema dentro do qual viviam".

A Vila Martin Smith, envolta pela Floresta Atlântica, desenhada e projetada pelos ingleses, com arquitetura típica, cujo projeto das moradias foi elaborado de acordo com a qualificação de mão de obra operária, a sua posição social e o seu estado civil é composta por blocos de duas, quatro ou seis casas térreas geminadas, dotadas de recuos de frente, dando para a rua principal, e de atrás, dando para as vielas sanitárias. Tais construções dão a impressão de uma única residência, cercada de jardins. Diferem das casas para os solteiros, cuja organização espacial assume um aspecto de alojamento, com a sala atendendo também as funções de quarto, ligadas por um corredor ao banheiro e cozinha coletivo. (PMSA, 2004)

Do ponto de vista formal, poderemos destacar que a madeira foi utilizada, predominantemente, como elemento construtivo. Pinho de riga foi o tipo de madeira escolhido pelos ingleses, importando grandes quantidades da Europa.

As casas, antes todas ocupadas por trabalhadores da ferrovia, atualmente têm apenas cerca de 20% com pessoas que têm ligações com a história ferroviária (PMSA, 2002) . A maioria das pessoas que moram nestas casas veio de outras regiões, em um processo de invasão, demonstrando o descaso com que era tratado o patrimônio histórico. Aqui nos deparamos com duas culturas distintas que contribuíram para a degradação do patrimônio: a dos descendentes de ferroviários, acostumados com uma ação paternalista da Rede Ferroviária, que mantinha os imóveis de seus funcionários e a dos moradores mais recentes que não têm uma história de vida relacionada à Vila e com baixo grau de comprometimento em relação ao patrimônio.

As casas da chamada parte baixa da Vila de Paranapiacaba passaram por um processo de degradação muito grande. São imóveis que ainda não perderam suas características, mas que atingiram um alto grau de degradação com o decorrer do tempo.

4.2.4 Aspectos turísticos e ambientais

Paranapiacaba, apesar dos problemas já expostos, sempre despertou a atenção e já atraía visitante por suas características singulares e pela proximidade dos centros urbanos.

A degradação dos imóveis não sobrepuja a beleza e singularidade do patrimônio construído e a natureza exuberante que cerca a Vila. Além do clima típico, com a pontual neblina, ou “fog” como preferem alguns moradores. Segundo Francisca C. Araújo, 68, poeta e artesã local, “neblina é coisa de pobre. Aqui nós temos Fog”, assumindo a visão colonizada e o histórico relacionado aos ingleses.

No entanto a ausência de infra-estrutura turística, falta de opções de locais para alimentação, ausência de estrutura de hospedagem, monitores desorganizados e sem qualificação, informações precárias e ausência de um ponto de referência para os turistas e visitantes, mostrava claramente ao visitante a desarticulação e desorganização do turismo local, onde cada um caminhava por si e a competição pelos poucos turistas era acirrada.

Este modelo de turismo praticado atraia um perfil específico de visitantes pouco preocupados com a infra-estrutura local e em busca de uma situação de “liberdade e ausência de regras” onde podiam extravasar suas energias, o que se traduzia em degradação do meio ambiente, através de desmatamentos para acampamento ilegais, ou coleta de plantas e animais e atos de vandalismo em relação ao patrimônio construído, como depredações e invasões.

Não é necessário dizer que este perfil de turista, conhecido pelos moradores como “mochileiros”, não era o único que freqüentava a Vila, mas representavam a grande maioria e além dos danos ao patrimônio natural e construído, não movimentavam a economia local, pois não consumiam quase nada na vila, trazendo seus alimentos e o dinheiro contado para a passagem de volta.

Obviamente os moradores não viam com bons olhos o turismo, pois o modelo praticado, não lhes trazia nenhum benefício, muito pelo contrário, contribuía para a degradação dos imóveis, da fauna e flora, perturbava o sossego e não movimentava a economia local.

Além da degradação causada pelos visitantes, os próprios moradores não tinham percepção clara dos impactos que suas ações causavam ao ambiente prejudicando as gerações presentes e futuras.

4.3 Plano de Desenvolvimento Turístico

Patrimônio histórico e ambiental em processo de degradação, população com alto nível de desemprego, baixa escolaridade e pouca capacitação profissional, deprimida, resistente à ação pública e desarticulada, conflitos com lideranças que perderam privilégios, ruptura de núcleo de poderes individualizados e ampliação e apropriação do espaço público, ausência quase que total de infra-estrutura turística, freqüência de visitantes que promovem degradação e não movimentam a economia local, são apenas alguns dos ingredientes indigestos que tiveram que ser deglutidos ao elaborar um plano de desenvolvimento sócio-econômico para a Vila de Paranapiacaba.

Certamente havia um contraponto de fatores positivos, como a singularidade e beleza do patrimônio arquitetônico e natural, a proximidade com os centros urbanos, o clima, os aspectos históricos e culturais.

A partir deste cenário inicial é que começou a ser construído um plano de desenvolvimento sócio-econômico para a Vila de Paranapiacaba, que tem como ator principal na sua formulação e elaboração a Administração Municipal. Para o poder público municipal estava claro que havia a necessidade de mudança de alguns paradigmas e que as ações deviam ter como referência o desenvolvimento local, com a participação da comunidade e a sustentabilidade.

Neste caso, desenvolvimento é entendido como a promoção da melhoria qualitativa das condições de vida da população de um local específico, associada à idéia de transformação das estruturas produtivas para torná-las mais eficientes e, dessa forma, mais apropriadas à geração de riqueza (Barbieri, 2000).

Como desenvolvimento sustentável adotou-se como ponto de partida a definição dada pela Comissão Brundtland em *Nosso Futuro Comum*, de que “desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades (p.46)”.

O conceito de sustentabilidade, neste caso foi entendido, tendo como base cinco dimensões: sustentabilidade social, econômica, ecológica, espacial e cultural (Sachs, 1993).

A primeira dimensão refere-se à equidade social, a ampliação do espaço público, ao empoderamento e estímulo à ação protagonista da comunidade. A dimensão econômica não se limita à necessidade de manter fluxos regulares de investimentos, mas também a gestão eficiente dos recursos produtivos e a manutenção dos benefícios do crescimento econômico no próprio local, para fortalecer as fontes endógenas.

A dimensão ecológica refere-se a ações para evitar danos ao meio ambiente provocados pelo desenvolvimento, enquanto que a dimensão espacial, busca uma configuração urbana equilibrada e uma melhor solução para os assentamentos humanos, considerando as condições impostas pelos órgãos de defesa do patrimônio histórico, artístico e arquitetônico. Finalmente a dimensão cultural, refere-se ao respeito que deve ser dado às diferentes culturas e às suas contribuições para a construção de modelos de desenvolvimento apropriados às necessidades de cada ecossistema, cada cultura e cada local. (p. 27)

Com base nestes conceitos a Administração Municipal estabeleceu um plano para a transformação da Vila em um destino turístico com inclusão social.

Esse é o Plano Patrimônio, que se insere dentro da política de desenvolvimento estratégico do município de Santo André, como o documento prévio necessário para seu posicionamento no cenário turístico nacional.

O Plano Patrimônio de Paranapiacaba formula a estratégia de futuro, a partir da análise dos recursos existentes e propõe estratégia a curto, médio e longo prazo e as ações, considerando a importância do Patrimônio Ferroviário, Arquitetônico Ambiental, Cultural e Social representados na Vila de Paranapiacaba. (PMSA, 2001)

Para que este plano pudesse ser implantado havia a necessidade de criação de uma estrutura administrativa que pudesse gerenciá-lo localmente e no curto prazo foram definidos cinco eixos estratégicos para o desenvolvimento turístico sustentável: divulgação e conscientização turística, participação popular, desenvolvimento sócio-econômico, gestão do patrimônio e adequação de infraestrutura.

4.3.1 O processo de mudança exige uma nova estrutura administrativa

Para a aplicação de uma nova estratégia, foi implantado um governo local, respondendo diretamente ao prefeito, com a estrutura de uma secretaria municipal, com larga autonomia de gestão.

Desta ação descentralizadora criou-se, em 2001, a Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense.

A Subprefeitura foi estruturada em 5 departamentos: Meio ambiente, Infra-estrutura, Desenvolvimento Social, Coordenadoria Administrativa e Paranapiacaba. Todos desenvolvem ações na Vila de Paranapiacaba direta e/ou indiretamente, mas é o Departamento de Paranapiacaba que tem a responsabilidade de gerir o patrimônio histórico e natural e as ações de turismo na Vila.

4.3.2 Eixos estratégicos da gestão do turismo

Uma vez decidido que o desenvolvimento da Vila de Paranapiacaba aconteceria através do fomento ao turismo, a gestão da Vila se estruturou em cinco eixos estratégicos.

O primeiro eixo foi direcionado à conscientização da população sobre as questões ambientais e turísticas que incidem no "modo de vida" em áreas protegidas, no desenvolvimento de atividades de convívio com a natureza e na divulgação interna e externa do patrimônio histórico, cultural e natural, presentes na Vila de Paranapiacaba, como um grande atrativo turístico.

O segundo eixo que trata das atividades relacionadas à participação dos moradores junto às decisões da administração municipal. Para isto foram criadas

instâncias de participação tais como o Conselho de Representantes, Câmaras Técnicas, Orçamento Participativo, Comissões e reuniões informais.

O terceiro ponto abordado foram as políticas de desenvolvimento social e econômico, estruturadas em torno de ações de qualificação profissional, do desenvolvimento de pequenos empreendimentos e da organização da comunidade em associações, cooperativas ou grupos informais.

A Gestão do Patrimônio representa o quarto eixo estratégico e refere-se a organização, regulamentação, uso e ocupação dos imóveis.

O quinto eixo refere-se a adaptação da infra-estrutura existente considerando as necessidades atuais e os cuidados e limitações impostas pelos órgãos de defesa do patrimônio para não provocar a descaracterização do sítio tombado.

O Poder Público local acredita que a somatória de ações articuladas nestes cinco eixos estratégicos conduzirão a Vila de Paranapiacaba ao desejável desenvolvimento sustentável.

No entanto como o tempo de viabilização destas ações transcende o período de uma gestão pública municipal, a garantia de continuidade só poder ser assegurada através da construção de parcerias sólidas.

O setor público municipal não pode tomar conta da revitalização de Paranapiacaba sem o empreendimento ativo e cooperativo da comunidade local, de empresas privadas, de outros níveis de governo, ONG, instituições de ensino e outros agentes sociais. Paranapiacaba é o resultado de uma aliança entre vários atores que promoverá o desenvolvimento econômico, com inclusão social, centralizado na participação comunitária e no processo de planejamento do desenvolvimento da Vila.

Portanto a articulação e soma de esforços com outros atores é fundamental para o desenvolvimento sócio econômico de Paranapiacaba e além dos eixos propostos pela Administração Municipal, este será um ponto analisado com atenção especial.

4.3.2.1 Conscientização e divulgação turística

Esta ação se deu em dois níveis, sendo um interno, voltado aos moradores e outro externo, direcionado às agências de turismo e ao perfil de potenciais visitantes e turistas que interessavam à Vila de Paranapiacaba.

Para os moradores foram conferidas palestras, mostrando as potencialidades do turismo quando bem planejado e realizadas visitas técnicas a cidades e localidades onde houve êxito na implantação de projetos de turismo. Estas ações contribuíram para mudar a visão que alguns tinham em relação ao turismo, mostrando a eles que esta podia ser uma opção viável para a Vila de Paranapiacaba.

Entre as ações desenvolvidas neste período, destacam-se cursos de educação patrimonial, de educação para o turismo e de monitoria ambiental .

No entanto para que os moradores pudessem interferir na elaboração de um plano de desenvolvimento sócio-econômico para a Vila de Paranapiacaba, não bastava que eles estivessem convencidos de que o foco no potencial turístico da Vila seria a melhor opção, precisavam saber os passos que deveriam dar neste sentido.

Para isto foram criados vários canais e meios de comunicação com o objetivo de suprir os moradores de informações, dando-lhes condições e oportunidades de estarem inseridos e participarem ativamente das decisões:

✓ Criou-se o “Bilhete”, um jornal mural com circulação quinzenal de 150 exemplares, em formato 60x40cm, fixado nos principais pontos de circulação da Vila e cujo conteúdo trazia as informações atuais em relação às ações do poder público local e os encaminhamentos relacionados ao plano de desenvolvimento turístico;

✓ Instalou-se uma rádio comunitária “Fog FM” no ar 24h, com programação musical variada e informações gerais sobre os acontecimentos na Vila;

✓ Criou-se o boletim “Paranapiacaba em casa - PEC”, com periodicidade mensal e tiragem de 400 exemplares, com dicas de serviços públicos e respostas às principais dúvidas dos moradores;

✓ Foram realizadas várias reuniões com grupos específicos para esclarecer dúvidas e discutir pontos relevantes

✓ Foi instituído um plantão para atendimento de moradores

Externamente, Paranapiacaba, apesar de ser conhecida não tinha boa imagem junto às empresas de turismo e ao público que buscava uma opção de turismo familiar.

Para mudar este conceito, foram elaborados materiais que pudessem mostrar as qualidades que a Vila de Paranapiacaba dispõe e indicar que o local estava passando por um processo de mudanças para oferecer melhores condições para os visitantes e empresas instaladas ou interessadas em instalar-se na Vila.

Até este momento não haviam sido produzidos materiais gráficos de boa qualidade e com informações corretas que pudessem orientar e estimular os visitantes, portanto, esta lacuna foi suprida através da elaboração de peças gráficas como o *Folder de Paranapiacaba*, divulgando o patrimônio arquitetônico e histórico, o

Folder Parque das Águas, com foco principal nos aspectos naturais que cercam a Vila, o *Guia de Serviços*, relação de guias locais, restaurantes, pousadas, opções de passeio, horários de trens e ônibus e demais informações que pudessem interessar e orientar o visitante, o *Folder Ateliês Residência*, divulgando as opções de turismo artístico/cultural que a vila oferece, o *Conjunto de cartões postais "Fotografe Paranapiacaba"*, imagens premiadas, produzidas por fotógrafos participantes de um concurso cujo tema era a própria vila, além de folheteria de divulgação de eventos diversos.

Além da produção de material gráfico foram realizadas outras ações junto ao *trade* turístico para mudar a imagem que tinham em relação à Vila:

- ✓ Realização de fantours para divulgação da Vila.
- ✓ Visitas às agências de turismo locais para apresentação do plano de desenvolvimento turístico
- ✓ Implantação do receptivo turístico da Vila.
- ✓ Coordenação do grupo de turismo do Consórcio Intermunicipal.
- ✓ Contratação de uma consultoria que elaborou de forma participativa as principais linhas para o desenvolvimento turístico da Vila.

4.3.2.2 Participação Popular

Envolver as pessoas nas ações do Plano de Desenvolvimento Sócio-Econômico e mais do que isto, ouvir a população local e adaptar as ações ou formatá-las de acordo com os anseios e realidades locais, além de compartilhar as decisões

estimulando ações comunitárias, motivaram a criação de várias instâncias de participação que se estendem desde mecanismos já consagrados como o Orçamento Participativo e Conselhos de Representantes até reuniões periódicas com grupos organizados para discutir e encaminhar temas relacionados a sua atuação.

Conselho de Representantes de Paranapiacaba e Parque Andreense

O Conselho de Representantes de Paranapiacaba e Parque Andreense foi criado em 2001, a partir de discussões com a comunidade, estabelecendo mais um espaço democrático de discussões, reflexões, encaminhamentos e definição de políticas públicas para a região.

Sua composição é paritária, com 56 membros, sendo 14 titulares e 14 suplentes da comunidade e o mesmo número de componentes do poder público. Para representar a comunidade foram escolhidos quatro representantes de moradores, um representante da indústria, dois representantes do comércio e dois das entidades além de um representante da comunidade eleito em outros conselhos que atuam na cidade, como o de Saúde, Educação, Transporte e Meio Ambiente.

O formato deste conselho e sua atuação regionalizada apresentaram-se como uma experiência inédita no âmbito da Prefeitura de Santo André.

A primeira eleição, em 2001 contou com a presença e voto de cerca de 800 pessoas.

A segunda gestão deste conselho, legitimada pela presença e voto de 500 pessoas, iniciou no dia 12/12/2002, quando foram nomeados os novos membros eleitos nos dias 23 e 24/11/2002, para mandato de dois anos.

Em novembro de 2004, foram eleitos com o referendo do voto de 567 moradores, os membros que conduzirão a terceira gestão do Conselho de Representantes no biênio 2005 e 2006.

A participação de um número maior de moradores na primeira eleição do Conselho de Representantes de Paranapiacaba e Parque Andreense, provavelmente deveu-se ao fato de ser a primeira vez que se organizou este processo de participação na região e portanto contou com divulgação maciça e também em virtude da disputa de espaço entre antigas e novas lideranças que articularam eleitores para garantir sua presença e atuação neste espaço de participação.

Câmara Técnica de Paranapiacaba

Por discutir temas amplos e por ter um grande número de participantes em cada reunião, para que fosse mais produtiva a discussão e encaminhamento de alguns temas específicos, foram criadas duas Câmaras Técnicas: a de Paranapiacaba e do Parque Andreense.

Estas Câmaras Técnicas reúnem-se quinzenalmente ou em prazos acordados pelos seus membros, com a presença dos representantes da comunidade eleitos pelo bairro e membros da Administração para discutir e encaminhar os temas relacionados especificamente a estas regiões. Os temas de caráter geral e de interesse dos outros bairros que compõem a região administrada pela Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense (por exemplo: atendimento de saúde, transporte...) são encaminhados para o Conselho de Representantes.

Orçamento Participativo

Mecanismo de participação consolidado no Município de Santo André, o Orçamento participativo, ganhou nova força na região de Paranapiacaba com a instalação da Subprefeitura, que passou a articular de forma mais próxima a divulgação e organização das plenárias.

Marcadas pela presença de um número representativo de pessoas, as demandas eleitas concentram-se principalmente nas áreas de segurança, infraestrutura e saúde. Nas plenárias também são escolhidos dois representantes locais para compor o Conselho de Orçamento de Santo André. A atuação dos conselheiros locais e de sua base de representatividade têm garantido a execução de boa parte das demandas eleitas e são um estímulo permanente para a organização da comunidade.

A plenária do Orçamento Participativo realizada em 2004, contou com a presença de 292 moradores da região.

4.3.2.3 Desenvolvimento sócio-econômico

Os projetos orientados para o desenvolvimento da Vila de Paranapiacaba buscaram efetivar o processo de inclusão social através de ações que priorizem os direitos de cidadania da comunidade, com especial atenção às mulheres, crianças e adolescentes, estimulando a participação comunitária e o empreendedorismo social. (PMSA, 2004)

Trata-se de uma trajetória árdua que parte da transformação de não-cidadãos em cidadãos e de cidadãos em empreendedores sociais. (Melo Neto / Froes, 2002)

Para isto, de início, buscou-se ampliar o “espaço público” e garantir o acesso a todos. É neste processo e, dependendo da qualidade do processo participativo, que são formados novos cidadãos e inicia-se o comprometimento individual para um coletivo mais equilibrado.

Conscientes de sua ação transformadora os indivíduos passam a exercer a sua cidadania e em alguns casos assumem a condição de empreendedores sociais locais.

Os empreendedores sociais são aqueles que orientam sua ação empreendedora não apenas para o lucro, mas para uma “economia solidária”, que de acordo com Paul Singer (2000, p.317), “é aquela que segue o caminho da cooperatividade em vez da competitividade, da eficiência sistêmica em vez de eficiência apenas individual, do ‘um por todos, todos por um’ em vez de ‘cada um por si e Deus só por mim’”.

Para estimular a ação de empreendedorismo social, a Administração Municipal orientou sua atenção para aumentar a produtividade social local investindo no capital endógeno.

Investir na capacitação e organização dos moradores, oferecendo-lhes as condições para empreender e gerar renda local foi a estratégia de desenvolvimento social e econômico adotada.

A viabilização desta estratégia se deu através de cinco eixos: ações desencadeadoras, capacitação e qualificação profissional, estímulo ao

empreendedorismo social, estímulo ao associativismo e formação de redes e regularização do setor informal da economia local.

Ações desencadeadoras

As propostas apresentadas e discutidas para o desenvolvimento sócio-econômico de Paranapiacaba, apesar de provocarem a reflexão dos moradores, ficavam distantes do plano real por apontarem para um horizonte distante, em longo prazo e estarem apenas no plano das idéias, portanto abstratas.

Era necessário que algumas ações fossem materializadas e provocassem mudanças no perfil de turistas que freqüentavam a Vila, indicando aos moradores que era possível um novo modelo de turismo que pudesse beneficiá-los.

Para isso a Administração Municipal adotou algumas ações desencadeadoras que tiveram importância fundamental neste momento inicial de mudanças de perfil e de conceitos e com isso possibilitaram o estabelecimento de futuras parcerias. As ações desencadeadoras são ferramentas estratégicas que agregam e abrem espaços, além de realizar um determinado objetivo imediato, mudam atitudes, rompem inércias sociais e institucionais.

No caso específico de Paranapiacaba, uma das ferramentas utilizadas foi o *Calendário de Eventos Culturais Local* que funcionou como mola propulsora de ações desencadeadoras. Este calendário foi elaborado em conjunto com a população local e buscava resgatar datas e eventos tradicionais.

A elaboração da programação dos eventos deste calendário foi formatada e divulgada de maneira a atrair um determinado perfil de público com maior poder

aquisitivo, maior nível de escolaridade, maior apego às questões culturais e artísticas, mais conscientes ambientalmente, com hábitos de viajar para locais próximos com a família, enfim, um perfil diferente se comparado aos freqüentadores habituais da Vila.

A visitação deste público mais qualificado, proporcionada pelos eventos criava oportunidades de geração de renda e empreendedorismo para os moradores, que podiam então, desenvolver suas atividades e manter os recursos financeiros na própria vila, movimentando a economia local.

Um dos melhores exemplos de ação desencadeadora é o Festival de Inverno de Paranapiacaba, cuja primeira edição foi realizada em 2001 e atualmente, como resultado de uma ação conjunta do poder público e comunidade local, somando esforços com empresas privadas, organizações do terceiro setor, instituições de ensino, produtores culturais e demais prefeituras da região, caminha para sua quinta edição a ser realizada em julho de 2005, que pretende repetir o sucesso dos anos anteriores e atingir o público superior ao ano anterior, estimado em sessenta e nove mil pessoas durante o período do evento (3 finais de semana).

No entanto este calendário não se limita a um evento, mas desenha uma programação anual, onde mês a mês, são criadas oportunidades e focos de atração de visitantes:

FEVEREIRO - Copa Brasil de Cross Country

MARÇO - Bailes Tradicionais de Carnaval e Encontro de Mulheres das Áreas de Mananciais

ABRIL - Aniversário da Cidade e Festa do Cambuci

JUNHO - Dia do Meio Ambiente e Festa Junina de Paranapiacaba

JULHO - Festival de Inverno de Paranapiacaba

AGOSTO - Festa do Padroeiro Bom Jesus de Paranapiacaba e Festival de Comida Caseira de Paranapiacaba

SETEMBRO - Missa do Ferroviário, Semana do Ferroviário, Festival de Jardins de Paranapiacaba e Dia do Ferroviário;

OUTUBRO - Baile de Aniversário do Clube União Lira Serrano e Baile das Bruxas

DEZEMBRO - Dia do Amigo e Programação Natalina

Programa de Capacitação e qualificação profissional

As atividades de qualificação profissional desenvolvidas em Paranapiacaba têm como objetivo criar condições para que os moradores possam participar dos programas relacionados ao desenvolvimento sócio-econômico da Vila e qualificar mão de obra que possa ser absorvida no próprio local.

Os cursos ocorrem através de parcerias entre a Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense, a Secretaria de Educação e Formação Profissional, o Centro de Estudos Sindicais, o SEHAL – Sindicato de Empresas de Hospedagem e Alimentação, o Centro Educacional Paula Souza, a ETE Julio de Mesquita e a empresa Solvay Indupa do Brasil S/A.

Em 2002 foram atendidas 120 pessoas e disponibilizadas vagas nos seguintes cursos: Noções Básicas de Restauro, Reaproveitamento de Madeira e Jardinagem

Em 2003, foram oferecidas 220 vagas para os seguintes cursos: 80 vagas para o curso de Pequenos Reparos em Construção Civil, 80 vagas para Marcenaria, 20 vagas para Jardinagem, 40 vagas para Monitoria de Turismo Cultural.

Em 2004 foram realizados vários cursos de artesanato utilizando materiais reciclados, além de cursos de corte e costura, culinária e ligados a área de turismo.

Estímulo ao Empreendedorismo Social

Em uma ação endógena, a Administração Municipal procurou desenvolver uma estratégia gradual baseada na identificação e estímulo aos moradores da Vila em montar ou ampliar pequenos negócios, que sejam fonte de geração de renda, movimentem a economia local e dêem suporte ao turismo, sem perder a perspectiva de compatibilidade com o meio ambiente natural e construído. Mais do que gerar renda individual buscou-se a autogeração de renda e emprego, provocada pela circulação dos recursos no próprio local, criando pequenas redes que dão sustentabilidade e reforçam o tecido social local, aumentando o capital social (PMSA,2004).

Adotou-se para isso, um conjunto de ações como: apoio técnico-jurídico, suporte financeiro, capacitação para gerenciamento e qualificação de mão-de-obra especializada, que viabilizaram as iniciativas dos novos empreendedores.

Por ser patrimônio tombado, os imóveis de Paranapiacaba possuem várias limitações impostas pelos órgãos de preservação do patrimônio, que dificultam mudanças estruturais, ampliações ou outras intervenções que possam

descaracterizá-los. Em face desta realidade a opção da Administração Municipal foi partir do pressuposto que deveria trabalhar com os imóveis nas condições em que se encontravam. Esta decisão colocada a campo estimulou a criação do programa "Portas Abertas" que reúne diversos empreendimentos caseiros, tais como:

✓ Ateliês residência - Residência de artistas e artesão abertos para visitação com venda e exposição de arte e artesanato.

✓ Bed and Breakfast - Residências de moradores que disponibilizam c modos para hospedagem com cama e café aos visitantes que pretendem ficar mais de um dia na Vila

✓ Fog e Fogão - Moradores que disponibilizam c modos de suas residências para servir refeições caseiras aos turistas e visitantes

✓ Entrepasto Cultural - Espaço público cedido a artistas e artesãos locais para exposição e venda de suas obras e produtos.   gerido por uma comissão eleita entre os expositores.

✓ Espaço Gastronômico - Espaço público cedido a quituteiras e doceiras locais para exposição e venda de seus produtos. Funciona no mesmo imóvel que o Entrepasto Cultural.

A posição do governo local baseia-se na conscientização, articulação, facilitação, regulamentação e capacitação, cabendo aos moradores a gestão dos seus próprios negócios.

Os projetos desenvolvidos contam com parcerias em diversos níveis, que mais do que ampliar a capacidade de a o, buscam criar bases sólidas que resistam as mudanç as administrativas das gestões públicas.

No âmbito interno da Administração Municipal as parcerias se dão principalmente entre a Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense com as Secretarias de Participação e Inclusão Social, Educação e Formação Profissional, Desenvolvimento Econômico e Saúde. Externamente as ações contaram com o apoio das seguintes entidades: Centro de Educação para Saúde, Centro de Estudos Sindicais, Fundação Santo André (início da parceria em 2003), SEBRAE e SEHAL – Sindicato das Empresas de Hospedagem e Alimentação.

Formação de cooperativas e associações

Para a Administração Pública organizar a comunidade torna-se mais importante do que a forma como ela irá se organizar. Cooperativas, Associações, grupos informais, ao contrario de ações de indivíduos isolados, ganham mais autonomia, têm mais facilidade para obter recursos para projetos comunitários e são menos expostas as variações políticas das administrações municipais, constituindo-se de forma mais duradoura.

A prefeitura apoiou a organização de cooperativas, associações e grupos informais, integrando produtores que se encontram desorganizados e dispersos.

Em Paranapiacaba, entidades foram formalmente criadas como a AMA - Associação dos Monitores Ambientais, a Ecoverde e a Ciclotur, mas outras atuam na informalidade (Entrepasto Cultural, Espaço Gastronômico, Associação de guardadores de veículos, Grupo de Empreendedores de Paranapiacaba...) e buscam a melhor maneira para se constituir formalmente.

- -AMA - Associação de Monitores Ambientais - Organização dos monitores ambientais para venda de pacotes turísticos. Surge do esforço de organizar monitores que atuavam de maneira dispersa. Constituída formalmente em 2002.
- Ecoverde - Organização dos monitores ambientais para venda de pacotes turísticos. Surge a partir de dissidências da AMA. Constituída formalmente em 2004.
- ✓ Ciclotur – empresa constituída para operar passeios e locações de bicicletas e o trenzinho (jeep que faz passeios com turistas pela Vila). Constituída formalmente em 2003.
- ✓ Associação de Guardadores de Veículos - Grupo que organiza e guarda veículos de visitantes, oferecendo as informações iniciais sobre a Vila e os serviços disponíveis aos turistas. Atua informalmente.
- ✓ Associação de Gestores da Rádio Comunitária - Grupo que administra e elabora a programação da Rádio Comunitária Fog FM. Atuou de 2001 a 2003, ano em que a rádio saiu do ar.
- ✓ Grupo de empreendedores de Paranapiacaba - Em fase de formação reunirá moradores que comercializam produtos e serviços relacionados à alimentação e hospedagem

Regularização do setor informal da economia:

Como ação paralela ao estímulo de novos empreendimentos, também fez parte do escopo do programa a regularização de unidades produtivas informais. Em 2002 foi estimulada a criação de pequenos empreendimentos pela comunidade. A partir de 2003 alguns interessados em desenvolver seus pequenos negócios, tiveram a oportunidade de participar do curso de “Empreendedor Popular”, que aborda noções de gestão e direciona os empreendimentos para sua formalização legal.

4.3.2.4 Gestão do Patrimônio

A viabilização do turismo está diretamente vinculada à preservação do patrimônio histórico. Dessa forma, para administrar o patrimônio, fez-se necessário elaborar um plano de gestão a partir da elaboração do cadastramento das famílias que residem nas 350 casas da parte baixa da Vila. Deste cadastramento obteve-se um diagnóstico da situação sócio-econômica que subsidia o plano de gestão do patrimônio construído.

Em função das informações levantadas elaborou-se critério de usos dos imóveis que formam o patrimônio construído. A primeira preocupação teve-se à questão de moradia na Vila de Paranapiacaba, a regularização contratual das famílias residentes – a maioria dos moradores apresentavam interesse em permanecer na Vila, convergindo com a política da Subprefeitura de conservar o patrimônio sem torná-lo desabitado.

A política de uso e ocupação do solo tinha a intenção inicial de conter as invasões e a rotatividade na ocupação dos imóveis que contribuía para acentuar o

processo de degradação dos mesmos. Também foi preciso criar condições de fixação dos moradores e para isso era necessário que eles obtivessem renda suficiente para arcar com suas responsabilidades contratuais decorrentes da permissão de uso do imóvel.

Desta maneira, foi preciso alterar as condições de uso dos imóveis possibilitando a ocupação mista (residencial e comercial) que permitiu aos moradores a implantação de pequenos empreendimentos domiciliares voltados para o atendimento das necessidades que o turismo demandava (venda de alimentação, artesanato, pousadas...). O surgimento destes pequenos empreendimentos gerou condições de renda aos moradores que possibilitou a eles arcar com seus aluguéis e fixar residência, além de propiciar uma nova relação do morador com o imóvel, que passa a ser cuidado e mantido em condições mais adequadas para atrair e receber os turistas e visitantes.

No entanto, para atender as demandas turísticas e qualificar os serviços locais, foi necessário atrairmos empreendedores externos, com capital suficiente para investir em imóveis de maior porte e com experiência empreendedora, que estimulasse e fosse referência aos novos negócios locais.

O plano de gestão é norteado pela estratégia de desenvolvimento de um pólo turístico, viabilizando a permanência dos moradores e a implantação de atividades econômicas que impulsionassem o fluxo de visitação na Vila.

Algumas ações desenvolvidas nesta área são: controle das invasões, regularização contratual dos moradores, controle dos pagamentos e estabelecimento de regras para manutenção dos imóveis, realização de licitações para cessão de

imóveis para empreendimento comercial, captação de investidores, acompanhamento nos Conselhos de tombamento (federal, estadual e municipal) dos pedidos de restauro e intervenções no patrimônio e estabelecimento de critérios e regras para uso dos imóveis.

Programa de Acompanhamento das Atividades Turísticas

Alguns imóveis que compõem o patrimônio arquitetônico da Vila de Paranapiacaba são destinados ao uso turístico, torna-se necessário que haja um acompanhamento e controle das atividades para avaliação de impacto. Para isso foi instituído um programa de acompanhamento das atividades turísticas que desenvolve as seguintes ações;

- ✓ Desde maio de 2002 o movimento de turistas na Vila é monitorado, especialmente nos finais de semana. Em setembro de 2002, os dados passaram a ser sistematizados, com informações de número de visitantes, locais procurados, renda gerada.

- ✓ Fiscalização contínua do uso das trilhas.

- ✓ Instalação de um núcleo da reserva da Biosfera para a realização do programa de jovens.

- ✓ Instalação do Museu ao céu aberto (Caminhos de Paranapiacaba).

- ✓ Manejo participativo de três trilhas (Pontinha, comunidade e Mirante) (instalação de bancos, lixeiras e placas).

4.3.2.5 Adequação de infra-estrutura

No esforço de deter o processo de degradação dos imóveis e iniciar a recuperação do patrimônio arquitetônico adequando-o às condições atuais de uso, a Administração Municipal buscou captar recursos junto à iniciativa privada e outras fontes de financiamento. Neste campo algumas ações já obtiveram sucesso:

- ✓ Obtenção de recursos da WMF – World Monument Found para restauro de dois imóveis: Casa Fox e Castelinho.
- ✓ Restauro do Antigo Mercado, um prédio simbólico porque fica no centro da Vila e faz parte da memória afetiva dos moradores, recuperado com recursos públicos;
- ✓ Restauro do Clube União Lyra Serrano com patrocínio da Petrobrás
- ✓ Restaurado imóvel para instalação do CIT (Centro de informações turísticas), com recursos públicos.
- ✓ Reforma de dois banheiros públicos na parte baixa da Vila, com recursos públicos.
- ✓ Reforma e inauguração do prédio da nova Biblioteca de Paranapicaba, com recursos públicos.
- ✓ Orientação e acompanhamento de projetos de reformas das casas da parte alta e intervenções nos imóveis da parte baixa.

4.3.3 A participação de outros atores

Desde a instalação da Subprefeitura na Vila de Paranapiacaba, em 2001, a Administração Municipal passa a ser o órgão que reúne as melhores condições de encabeçar o processo de revitalização e redestinação de Paranapiacaba.

A partir de 2002, com a aquisição da Vila de Paranapiacaba pela Prefeitura de Santo André, o município passa a ser o principal responsável pela revitalização da Vila.

Até então o que se observava era uma participação discreta de outros níveis de governo que na maioria das vezes ocorre de maneira indireta e ações desarticuladas dos demais atores.

A presença do Governo Estadual é materializada através da Escola Estadual Lacerda Franco, que oferece ensino básico e fundamental para cerca de 350 alunos residentes na Vila e nas proximidades. Há também um Posto da Polícia Militar, com dois soldados e uma viatura, que utiliza um prédio cedido e mantido pelo município. Outros recursos oriundos de verbas estaduais são destinados à área de saúde, em programas como o Dose certa ou a programas de atendimento social e complementação de renda como o Renda Cidadã, o Bolsa Família... No entanto este programas são direcionado ao município de Santo André e a destinação de uma cota para o atendimento da Vila de Paranapiacaba é opção do governo municipal.

Há também uma unidade do Instituto Florestal, ligada a Secretaria de Estado do Meio Ambiente, localizada na Rodovia SP 122, na altura do KM 40, que desenvolve estudos de fauna e flora na área vegetada próxima a Vila de Paranapiacaba e administra a área do Parque Estadual da Serra do Mar.

É responsabilidade do Governo Estadual a manutenção da Rodovia SP 122, única opção de acesso rodoviário a Vila de Paranapiacaba. Esta rodovia atravessa três municípios, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra e Santo André e em alguns trechos mais próximos a Vila de Paranapiacaba o pavimento tem várias irregularidades e buracos. É notório que a presença da empresa multinacional Solvay Indupa do Brasil, às margens desta rodovia, cria uma pressão adicional para manutenção da via, o que pode ser observado pela boa qualidade da pista até a entrada da portaria da referida empresa e a nítida diferença que se observa nos trechos mais a frente.

Por outro lado, a participação do Governo Federal na revitalização da Vila de Paranapiacaba é quase nula, limita-se ao tombamento do sítio histórico pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Fora do eixo governamental, a participação da sociedade civil acentuou-se em momentos em que a Vila de Paranapiacaba passava por momentos difíceis, como em 1980, quando a poluição do Pólo Industrial de Cubatão atingia a Flora e Fauna da Reserva Biológica, em 1981, quando o Sistema Funicular de descida da serra foi totalmente desativado, e quando algumas casas estavam sendo demolidas e um incêndio destruiu completamente a antiga estação (Comissão Pró Paranapiacaba, 1987).

A Vila de Paranapiacaba, na década de 80, reuniu esforços de atores diversos interessados em sua defesa. Os movimentos em defesa da Vila de Paranapiacaba se articularam em virtude da situação de degradação acelerada e descaso da Rede

Ferroviária Federal em relação ao patrimônio histórico, artístico, arquitetônico e natural.

Silvia Passarelli (1990), indica que as ações em defesa da Vila de Paranapiacaba tiveram início em 1977, quando o então vereador, José Mendes Botelho, solicitou ao CONDEPHAAT o tombamento da Vila.

Esta ação e várias denúncias que surgiram na imprensa apontando o estado de degradação da Vila despertaram a atenção de diversos atores interessados na preservação da área e deu origem à Comissão Pró Paranapiacaba, posteriormente, Movimento pró Paranapiacaba.

Esta movimentação cultural motivou a Prefeitura de Santo André a declarar a Vila de Paranapiacaba e seu entorno como “área de proteção ambiental e de interesse de preservação” (Decreto Municipal no. 10742, de 16/06/1983) e criar um grupo de trabalho com objetivo de definir diretrizes de preservação da Vila (portaria no. 1.730, de setembro de 1983) (Passarelli, 1990).

O Movimento pró Paranapiacaba, por sua vez, propunha a preservação de todo o conjunto - Vila operária, cidade civil e sistema ferroviário – e apontava como prioritária a realização de estudos alternativos de preservação antes de interferir no conjunto. Neste sentido realizou dois simpósios, o primeiro em 1983 e o segundo em 1985, concluindo pela necessidade de elaborar um Plano Integrado de Restauração e Revitalização da Vila de Paranapiacaba, consolidando todos os documentos já existentes e dando continuidade a outros estudos. Este plano, realizado pela EMPLASA, foi entregue em 1987, ano em que a homologação do

tombamento do núcleo urbano, equipamentos ferroviários e área natural de Paranapiacaba foi efetivado pelo CONDEPHAAT.

No entanto a implantação do referido plano implicava no detalhamento das ações e as diversas tentativas de reunir o grupo de técnicos que colaboravam com a Comissão Pró Paranapiacaba foram frustradas.

O que se observou então era um conjunto de esforços de diversos atores, com pouca articulação entre si, que foi denominado em matéria escrita na revista A Construção São Paulo como "multipaternalismo".

"O caso é típico para se avaliar as conseqüências de falta de definições políticas e posicionamento cultural em relação à preservação de patrimônios públicos históricos. Muitas mãos querem ajudar a viabilizar a revitalização da vila de Paranapiacaba, na encosta da Serra do Mar. Mas na ânsia de 'salvar' a estação e o pequeno núcleo urbano com características inglesas, em estado de grave deterioração, o objetivo final desse esforço, a preservação, acaba ficando como um sabonete solto em uma banheira inundada: pode acabar se desfazendo enquanto alguém consegue agarrá-lo. (...) o emaranhado de entidades e órgãos envolvidos com Paranapiacaba, nenhum em condições de encabeçar o processo de revitalização autonomamente, denota que este tipo de iniciativa no país continua sendo uma dura parada" (Marques, in Revista A Construção São Paulo, no. 2120, de 26/06/1988).

A ausência de um agente capaz de articular as ações e conduzi-las a todos em direção a um objetivo único provavelmente foi o principal responsável pela pulverização das ações e a conseqüente diluição dos movimentos em defesa da Vila de Paranapiacaba.

A década de 90 é marcada por ações de agentes isolados e pelo total descaso da Rede Ferroviária Federal em relação à Vila de Paranapiacaba, culminando com a ocupação irregular dos imóveis tombados em um processo de invasão dos domicílios desocupados que acentua o processo de degradação do patrimônio. Ao contrário do que aconteceu nos anos 80, quando um grupo encampou discurso coletivo em prol da defesa da Vila de Paranapiacaba, a década seguinte é marcada por ações individualizadas e pela exploração particular do patrimônio arquitetônico e natural.

Em 2001, com a instalação da Subprefeitura e a compra da Vila de Paranapiacaba no ano seguinte, a Administração Municipal se torna o agente com condições mais favoráveis para encabeçar o processo de revitalização da Vila.

Mais do que apresentar uma proposta de revitalização e redestinação econômica focada no turismo, a Administração Municipal empreendeu esforços para atrair outros agentes interessados na revitalização da Vila de Paranapiacaba, atraindo investimentos de empresas privadas como a Petrobrás SA, que patrocinou o restauro do Clube União Lyra Serrano e a sinalização e instalação do circuito de arborismo no Parque Municipal Nascentes de Paranapiacaba; o investimento de entidades internacionais como a WMF – World Monument Found, que proporcionou o restauro de mais dois imóveis – Castelinho e Casa Fox, além de atrair diversos empreendedores que instalaram seus negócios na Vila e contribuíram para recuperação de imóveis.

A Administração Municipal também buscou ampliar o diálogo com o meio acadêmico atraindo o interesse de universidades para a Vila, seja para a realização de estudos ou instalando-se fisicamente como é o caso da Fundação Santo André,

que implantou na Vila um Núcleo de Estudos na área de biologia e investiu na recuperação de um imóvel, situado na rua Direita, antigamente ocupado pelo SENAI.

Além da participação de agentes externos, a participação dos moradores, empreendedores e entidades locais se amplia, ganha fôlego e soma esforços para a revitalização da Vila de Paranapiacaba.

A ampliação dos espaços de participação popular na gestão pública, manifesta nos Conselhos populares existentes, de administração geral como o Conselho de Representantes e o Conselho do Orçamento Participativo ou de equipamentos específicos, como os de saúde ou educação, articuladas com a implantação de políticas públicas de gestão do território, propiciam condições eficazes para a construção de uma nova vocação econômica para a região compatível com o pressuposto de qualidade ambiental: o turismo histórico e ecológico e sua cadeia de prestação de serviços.

PROTAGONISMO COMUNITÁRIO

EM PARANAPIACABA

Neste capítulo pretendemos comparar dados sócio-econômicos anteriores ao ano de 2001 com dados atuais obtidos através da aplicação de formulários em campo e verificar as possíveis mudanças ocorridas. Entrevistas realizadas com lideranças e pessoas de referência na comunidade de Paranapiacaba serão utilizadas para corroborar a percepção de mudanças obtida através da análise de dados quantitativos e também para acrescentar aspectos qualitativos ao presente relatório de pesquisa e apontar as formas de organização ou reações da comunidade perante a nova realidade apresentada a partir da instalação da Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense na Vila de Paranapiacaba e a conseqüente implantação de políticas de reconversão econômica e social local.

Como já foi explicitado em outros momentos deste trabalho, não temos como pretensão fazer uma análise de causa e efeito e avaliar a interferência que as ações da Administração Pública causaram na Vila de Paranapiacaba. Acreditamos que seria difícil isolar a ação da Administração Pública, já que a proposta de gestão apresentada se constrói a partir da formação de redes locais, com ação integrada de diversos atores e também acreditamos que o período de quatro anos de gestão seja demasiadamente curto para avaliarmos os impactos gerados na comunidade local.

Acreditamos que a instalação da Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense e a seqüente compra de parte da Vila de Paranapiacaba pela Prefeitura de Santo André, sejam fatores relevantes que mudam os paradigmas de gestão local e

estabelecem novas diretrizes de ação que apontam para a reconversão econômica e social da Vila de Paranapiacaba e propõem trazer os atores locais para o centro deste processo tornando-os, no futuro, protagonistas do seu destino. No entanto, somente no futuro verificaremos se os objetivos propostos foram alcançados.

O Plano Estratégico de Desenvolvimento Local (Plano Patrimônio) proposto pela Administração Municipal, projeta ações e lança diretrizes para um período de vinte anos. Os primeiros cinco anos (2001 a 2005) correspondem à fase de sensibilização, envolvimento da comunidade local e implantação de estruturas básicas para suporte turístico.

A intenção deste trabalho é registrar este momento inicial e oferecer um quadro de informações que possam indicar algumas mudanças obtidas e servir de referência para análises futuras.

Os dados disponíveis anteriores ao ano de 2001 foram obtidos através de pesquisa documental e têm como referência duas fontes principais: as informações censitárias do ano de 2000 e levantamento realizado pela FAUUSP / LUME, no ano de 1999, por solicitação da Prefeitura de Santo André, para elaboração do Plano de Desenvolvimento Sustentável da Vila de Paranapiacaba. Também serão considerados para traçar este quadro inicial, os dados obtidos em pesquisa realizada pela CTR – Central de Trabalho e Renda, no início de 2001, que retratam a situação de trabalho e renda local.

Os dados atuais foram obtidos através da aplicação de formulários em campo, abordando os 350 imóveis existentes na parte baixa da Vila de Paranapiacaba e através de entrevistas com lideranças e pessoas de referência na comunidade local.

O universo pesquisado foi de 381 domicílios, em virtude de alguns dos 350 imóveis existentes abrigarem mais de um domicílio e 10 entrevistas com lideranças e pessoas que são referência na comunidade local.

Foram treinados 10 entrevistadores para utilizar o instrumento de pesquisa e a coleta de dados foi realizada no período de 2 meses (fevereiro e março de 2005). Um pré-teste foi aplicado, no início do mês de fevereiro, como parte do treinamento dos entrevistadores e serviu para afinarmos o instrumento de pesquisa.

As entrevistas com as lideranças e pessoas que são referência na comunidade local foram realizadas nos meses de junho e julho de 2005.

Convém ressaltar que a aplicação dos formulários restringiu-se aos imóveis da Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba que são propriedade da Prefeitura de Santo André.

5.1. Habitantes

Nos 381 domicílios pesquisados constatamos 898 moradores que comparados com os dados registrados no censo realizado no ano de 2000 (IBGE,2000), que apurou 1171 habitantes na parte baixa da Vila de Paranapiacaba, podemos presumir uma redução de 23,31% do número de habitantes. Há também uma mudança na divisão de moradores por gênero, sendo 50,66% do sexo masculino e 49,33% do sexo feminino.

No levantamento realizado em 1999, aplicando-se 94 questionários na Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba, obteve-se como resultado de divisão por gêneros, 60,64% de mulheres e 39,36% de homens.(FAUUSP-LUME, 1999)

Observamos a seguinte distribuição por faixas etárias:

Tabela1: Faixa etária 1999/2005

Idade	1999 %	2005 %
Até 10	-	23,55
11 a 15 anos	1,06	10,16
16 a 25 anos	27,66	18,97
26 a 35 anos	28,72	18,75
36 a 45 anos	27,66	15,07
46 a 55 anos	8,51	9,26
56 a 65 anos	4,26	3,13
66 a 75 anos	2,13	0,56
Acima de 75 anos	-	0,56
Total	100%	100%

No levantamento realizado em 1999, a grande maioria dos 94 entrevistados encontra-se na faixa etária entre 25 e 45 anos, a mesma indicação aparece na pesquisa realizada em 2005, no entanto registrou-se 23,55% de crianças até 10 anos, não apontadas em 1999 e 10,16% de jovens de 11 a 15 anos, sendo que em 1999, registrou-se apenas 1,06%. Na comparação dos dados obtidos em 1999 e em 2005, notamos uma diferença significativa na faixa etária de zero a 15 anos, acreditamos ser devido a amostra utilizada no levantamento feito pela FAUUSP, que entrevistou apenas indivíduos adultos coletando informações apenas do entrevistados, o que provavelmente gerou esta distorção nas faixas etária que compreendem crianças e adolescentes.

Mais da metade da população local declara sua raça como branca, os negros correspondem a 8,58% da população e os pardos 34,67%.

Tabela 2: Raça - 2005

Raça	%
Branca	56,30
Parda	34,67
Negra	8,58
Indígena	0,45
Total	100%

De acordo com os dados censitários a população da Vila de Paranapiacaba está reduzindo em número. A amostra utilizada pelo IBGE inclui os moradores da Parte Alta da Vila de Paranapiacaba, portanto não serve como parâmetro de comparação com os dados que coletamos na Parte Baixa da Vila, mas é um dado interessante já que supomos que na Parte Alta, onde os moradores são proprietários de seus imóveis, a evasão é menor do que na Parte Baixa, cujos imóveis não pertencem aos seus ocupantes.

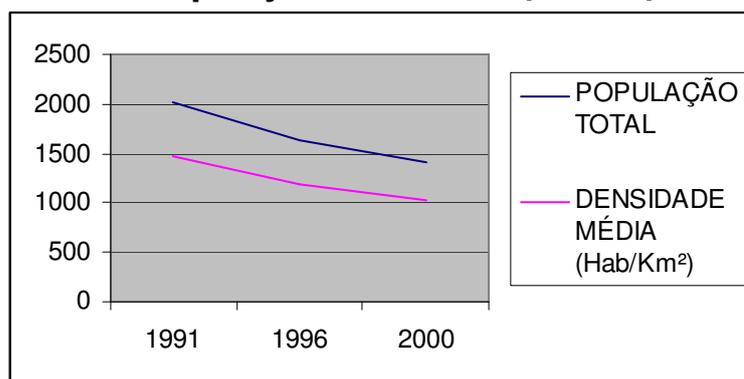
Tabela 3: População Censo 1991/1996/2000

	1991	1996	2000
POPULAÇÃO TOTAL	2012	1638	1410
DENSIDADE MÉDIA (Hab/Km²)	1468,613139	1195,620438	1029,19708

Elaboração:Coordenadoria de Indicadores Socioeconômicos - CIS / SOPP / PMSA

Fonte: Censo 2000 / IBGE

Grafico1: População Censo 1991 / 1996 / 2000



Se compararmos a população total registrada em 1991 na Vila de Paranapiacaba (Parte Alta e Parte Baixa) com o número de habitantes obtido em 1996 observaremos redução de 18,58% da população. Comparando-se os dados de 1991

com os obtidos em 2000, observaremos uma redução de 29,92% da população local. De 1996 para 2000 houve uma redução de 13,91% da população local.

Dos 381 moradores entrevistados, 12,07% afirmam ter nascido na Vila de Paranapiacaba. No levantamento realizado pela FAUUSP-Lume, em 1999, cerca de 35% declararam ter nascido na Vila ou vieram porque os pais trabalhavam na Rede e constatou-se que 26% dos entrevistados vieram por motivos relacionados ao aluguel baixo ou por não terem lugar para morar

Em 2005, os que não são nativos, quando foram questionados sobre o local que moravam antes ofereceram as seguintes respostas:

Tabela 4: Procedência - 2005

Local	%
Não responderam	43,58
São Paulo	11,64
Santo André	10,15
Mauá	7,16
Ribeirão Pires	5,37
Rio Grande da Serra	5,07
Minas Gerais	5,07
Santos	2,39
São Caetano do Sul	2,09
Ceará	2,09
Bahia	1,79
Pernambuco	1,79
São Bernardo do Campo	0,60
Diadema	0,30
Rio de Janeiro	0,30
Paraíba	0,30
Amapá	0,30
Total	100%

Entre aqueles que responderam a questão acima, observa-se que a maior parte residia em São Paulo ou em outras cidades do ABC, destacando-se Santo André (área central), seguida por Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. A maior parcela de moradores que afirma ter residência anterior em outros Estados, provém de Minas Gerais, seguida por parcelas menores de moradores que afirmam vir de cidades diversas do Nordeste Brasileiro.

Quando indagados sobre o motivo que os trouxe a Vila de Paranapiacaba, 45,37% optaram por não responder ou não sabiam dizer qual o motivo, 22,69% vieram em busca de trabalho, 20,90% por motivos familiares, 8,06% em busca de qualidade de vida e 2,99% por opção financeira já que não se pagava aluguel ou imposto ou os valores eram considerados baixos.

Tabela 5: Motivação - 2005

Motivo	%
Não respondeu	45,37
Trabalho	22,69
Família	20,90
Opção financeira	2,99
Qualidade de vida / tranqüilidade	8,06
Total	100%

Em relação ao tempo de moradia na vila, em 1999 metade dos entrevistados morava na Vila há menos de 10 anos e 40% dos entrevistados moravam na Vila há menos de 03 anos. Em 2005, 70,54% dos moradores declararam morar na Vila de Paranapiacaba há menos de 10 anos, sendo que 24,11% residiam há menos de 3 anos.

Tabela 6: Tempo de Moradia - 2005

Anos	1999 %	2005 %
0,6	0,64	7,25
1,6	11,7	7,03
3	17,02	9,82
5	6,38	17,52
10	6,38	9,60
15	10,64	28,91
20	12,77	8,26
30	15,96	7,03
40	3,19	3,35
50	4,26	1,12
60	0	0,11
70	1,06	0,00
Total		100%

5.2. Domicílios

Em relação ao uso dos imóveis observamos que 80,31% são residenciais, 10,76% comerciais, 7,35% são de uso misto e 1,57% são utilizados institucionalmente pela Prefeitura de Santo André ou por Instituições Universitárias.

Em virtude do plano de incentivo para o turismo que estabelece descontos no valor de locação do imóvel para os moradores inseridos nos programas de turismo ou que investiram na recuperação de seus imóveis, 171 domicílios possuem descontos nos valores de aluguéis.

Em virtude dos descontos obtidos por investimentos que o permissionário fez no imóvel ou pelos moradores estarem inadimplentes, 55,38% dos imóveis não recolhem aluguéis. A maior parcela dos moradores, 33,33%, paga aluguéis entre R\$40,00 e R\$50,00 reais/mês e o valor máximo pago por um morador não supera R\$ 200,00.

Tabela 7: Faixas de aluguéis - 2005

	Sem desconto	Com desconto
Isento ou não paga	24,41%	55,38%
até R\$ 39,00	0,00%	6,30%
de R\$ 40,00 a R\$ 50,00	8,40%	33,33%
de R\$ 51,00 a R\$ 100,00	30,71%	3,41%
de R\$ 101,00 a R\$ 150,00	18,11%	1,05%
de R\$ 151,00 a R\$ 200,00	15,22%	0,52%
Mais de R\$ 200,00	3,15%	0,00%
Total	100,00%	100,00%

Os dados obtidos através do levantamento realizado pela FAUUSP-LUME, em 1999, apontam índices menores de inadimplência, 80,85% dos entrevistados alegam pagar seus aluguéis e 19,15% estão inadimplentes, sendo que 78,72% disseram pagar para a Rede Ferroviária, 2,13% para outros, 1,06% para a MRS e 18,09% não responderam para quem pagam.

É interessante destacar que no levantamento realizado pela FAUUSP-LUME, se observou um índice menor de inadimplência, em um momento em que as faixas de valores de locação dos imóveis eram maiores.

Tabela 8: Faixas de aluguéis - 1999

Valor do Aluguel	Quantidade	%
R\$ 50,00	9	12,00
R\$ 100,00	37	49,33
R\$150,00	18	24,00
R\$200,00	9	12,00
R\$250,00	1	1,33
R\$300,00	1	1,00
Total	75	100

Fonte: FAUUSP-LUME (1999)

Não há bases suficientes para afirmarmos quais os motivos desta diferença em relação ao índice de inadimplência detectado em 1999 e 2005, mas é conveniente ressaltarmos que a pesquisa realizada pela FAUUSP-LUME abordou apenas 94 imóveis e o levantamento que realizamos abordou todos os 381 domicílios existentes na Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba, o que nos oferece uma amostra mais próxima da realidade.

Também é importante destacar que a pesquisa realizada pela FAUUSP ocorreu poucos anos após ter início o processo de invasão dos imóveis da Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba e portanto os invasores podem ter falseado informações.

"Em setembro de 1997, houve uma invasão das casas, tinha mais de cem casas vazias, e houve uma invasão totalmente desordenada. As pessoas quebravam cadeados para entrar nas casas e por um ponto foi bom porque a população voltou a ocupar Paranapiacaba, mas por outro ponto foi ruim, porque era um pessoal sem compromisso com nada. Não pagavam aluguel, não conservavam a casa em que moravam. Isso ficou muito desordenado mesmo. As pessoas moravam nas casas apenas por morar. Não arrumavam uma cerca, não roçavam o quintal, não arrumavam o telhado, houve casas que até caíram por causa disso... A Prefeitura colocou um pouco de ordem nas casas." **Maria Aparecida Marques, 48 anos, Coordenadora da Comissão da Igreja Bom Jesus de Paranapiacaba**

Outro fator que pode ter influenciado é o de que alguns moradores mais antigos relutavam em acreditar que a Prefeitura de Santo André de fato comprou a Vila de Paranapiacaba e ofereciam resistência em aceitar a Administração Municipal como nova proprietária da Vila de Paranapiacaba e conseqüentemente desprezam as propostas feitas pela Prefeitura de Santo André, bem como os boletos de pagamento de aluguéis.

"Agora têm moradores enraizados que além de não aderir, ainda tem idéias contra, movimentos tipos "nós não vamos aceitar". Mas agora acho que eles estão se convencendo de que isso não é mais possível. Até há bem pouco tempo tinha gente que falava "eu não tenho nada a ver com Prefeitura, eu pago meu aluguel em juízo, eu sou ferroviário"." **Zilda Maria Bergamini, 53 anos, Comerciante**

No entanto, hoje a população residente na Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba que tem alguma relação com a Rede Ferroviária como trabalhador ou ex-ferroviário é reduzida e representa, segundo dados obtidos nesta pesquisa, 13,12% dos moradores.

Também podemos considerar que o período que antecedeu a compra de parte da Vila de Paranapiacaba pela Prefeitura de Santo André, foi marcado pela ausência de atuação da Rede Ferroviária na Vila de Paranapiacaba o que criou um descontrole administrativo, propiciando a invasão de parte dos imóveis, a ocupação dos imóveis sem contratos de permissão de uso, o não pagamento de aluguéis e a conseqüente acentuação do processo de degradação dos imóveis. Com a chegada da Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense e a seqüente compra de parte da Vila de Paranapiacaba pela Prefeitura de Santo André, muitos moradores que viviam nestas condições, não acreditavam que ocorreriam mudanças em curto prazo e se surpreenderam e resistiram as primeiras ações da Administração Municipal para regularizar a ocupação dos imóveis.

"No início eles ficaram um pouco revoltados, porque desde 1996, quando a Rede Ferroviária abandonou a Vila, ficaram sem pagar aluguel, sem pagar nada, acostumados a viver em uma mordomia. Quando a Prefeitura comprou e começou a organizar e cobrar aluguéis, estas coisas, algumas

peças não queriam pagar, até hoje não querem, porque ficaram um certo tempo sem pagar nada, então foi um impacto quando a Subprefeitura começou a atuar aqui. As pessoas não estavam preparadas, achavam nada iria acontecer, que tudo ia ficar do jeito que estava, que ninguém iria pagar nada. Eles não estavam esperando e no início não acreditavam que a Prefeitura tinha comprado a Vila. Tinha muitos boatos, que era só um contrato de alguns anos. Depois viram que a Prefeitura tinha vindo para ficar e começou a investir tanto nas pessoas como no patrimônio e hoje as pessoas estão bem conscientes que Paranapiacaba é de Santo André.” **Ivanise da Silva Lima, 44 anos, Empreendedora na área de Gastronomia e Ecoturismo**

Atualmente as ações realizadas para controlar e regularizar a ocupação dos imóveis, são vistas por algumas lideranças como um dos fatores que, somados às opções de geração de renda local criadas, permitiu a fixação dos moradores e deteve o processo de degradação acentuada dos imóveis.

“Uma coisa que mudou muito nos anos que estou aqui é a fixação das pessoas, tinha um movimento de pessoas que entravam e saíam, porque não tinham vínculo, vinham em busca apenas de um lugar para morar e isso acentuou a degradação.” **Eduardo Pin, 40 anos, Monitor ambiental e historiador**

Complementando os dados obtidos nesta pesquisa em relação aos imóveis, constatamos 7 domicílios cujos ocupantes alegam ter invadido o imóvel, 44 moradores que afirmam ter sido notificados para desocupação do imóvel, em virtude de falta de pagamento de aluguéis ou ocupação irregular e 4 entrevistados cujos imóveis são motivo de ação de reintegração de posse proposta pela Prefeitura de Santo André.

No levantamento realizado em 1999, considerando os 94 domicílios visitados, observou-se que a média de pessoas morando na mesma casa é de 4,53, perfazendo um total de 456 habitantes. Em 2005, obtivemos uma média de 3,55 moradores por domicílio.

5.3 Ocupação/trabalho

O levantamento de dados realizado pela FAUUSP-Lume, em 1999 apontou que cerca de 40% dos entrevistados não trabalham. Quando se perguntou se estavam empregados no momento, mais de 63% dos entrevistados responderam “não” e entre os 28,72% que responderam “sim”, apenas 08 responderam qual o local e cidade onde trabalham e 13 pessoas disseram ser registradas. Pode-se concluir que a maioria dos entrevistados não possui um emprego formal. Importante ressaltar que 67% dos entrevistados responderam não estar procurando trabalho. Em ambas as Partes da Vila (alta e baixa) a maioria dos entrevistados não possui um emprego formal, ou vive de “bicos”, ou são sustentados por outros membros da família. (FAUUSP-LUME, 1999)

Segundo pesquisa realizada na Vila de Paranapiacaba pela Central de Trabalho e Renda no início do ano de 2001, cerca de 60% dos moradores da Vila estavam desempregados e 20% destes desempenhavam atividades temporárias e informais, tendo um rendimento mensal aproximado de R\$ 150,00. Dos 40% da população que estava empregada, 30% trabalhava em outro município, sendo que 10% trabalhava na própria Vila. O rendimento médio dessas famílias era de R\$ 550,00. A grande maioria da população é casada e têm em média 04 filhos que estudam na própria Vila. (CTR, 2001)

Comparando-se os dados obtidos nestas pesquisas verificamos que o número de desempregados residentes na parte baixa da Vila de Paranapiacaba é alto e atingia nestes dois momentos cerca de 60% dos moradores.

Em 2005, considerando-se o universo total de moradores da parte baixa da Vila de Paranapiacaba (898 habitantes), 439 declararam ter algum tipo de renda, somando renda individual média de R\$ 266,38 e renda familiar média de R\$ 945,50. Apenas 2 pessoas declararam estar desempregadas o que corresponde a 0,22% dos moradores, no entanto 56,68% afirmam que não trabalham. Entre aqueles que não trabalham 66,73% possuem menos de 18 anos, 26,53% entre 18 e 40 anos, 6,53% entre 40 e 60 anos e 0,2% acima de 60 anos.

Tabela 9: Desempregados - 2005

Idade	%
Menos de 18 anos	66,73
Entre 18 e 40 anos	26,53
Entre 40 e 60 anos	6,53
Acima de 60 anos	0,20
Total	100%

Presume-se que 32,53% da população apta para o mercado de trabalho, não trabalha ou declara-se como desempregada.

Tabela 10: Situação no mercado - 2005

Situação no Mercado de Trabalho	%
Não Trabalha	32,31
Menos de 18 anos	24,37
Autônomos sem previdência	14,03
Assalariados com carteira	12,91
Outros	6,17
Assalariados sem carteira	5,39
Aposentados	3,14
Autônomos com previdência	1,46
Desempregados	0,22
Total	100%

Percebe-se que houve uma mudança considerável em relação às condições de trabalho e renda. Comparando-se com o levantamento realizado em 1999, pela FAUUSP-LUME e em 2001 pela CTR-Central de Trabalho e Renda, houve uma redução no número de desemprego, apontado nestas pesquisas na faixa de 60% da população e em 2005 atingindo 32,31% da população. A renda média por pessoa passa de R\$ 150,00 (CTR,2001) para R\$ 266,38, um aumento de 77,58%. Outro fato considerável é que a maior parcela do empregos gerados ainda estão na faixa da informalidade, somente 14,37 % possuem carteira de trabalho assinada ou pagam a Previdência Social como autônomos.

Os gastos médios da família apontados entre os entrevistados totalizam R\$ 561,11, a maior fração desta despesa é direcionada a alimentação, 47,17% os gastos com transporte consomem 16,69% das despesas familiares. Os moradores da Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba não pagam taxas de energia elétrica, IPTU e apenas 33 moradores declararam pagar taxa de água, com gastos mensais médios de R\$ 16,42. O valor médio de aluguel declarado atingiu R\$ 60,45, no entanto os entrevistados incluem neste valor as parcelas de dívidas de aluguéis atrasados negociadas com a Prefeitura de Santo André e uma boa parcela dos moradores não pagam seus aluguéis em dia.

Tabela 11: Despesas familiares - 2005

Despesa	Valor em R\$	%
Alimentação	264,69	47,17
Transporte	93,67	16,69
Outros	79,05	14,09
Aluguel	60,45	10,77
Gás	30,5	5,44
Água	16,42	2,93
Medicamentos	16,33	2,91
Total	R\$ 561,11	100%

Comparando-se com os dados obtidos em 1999, percebe-se que houve um aumento na porcentagem de pessoas com rendimentos até R\$ 600,00, sendo que 42,27% ganham até R\$ 300,00 e 28,86% entre R\$ 300,00 e 600,00.

Tabela 12: Faixa salarial – 1999 e 2005

Faixa Salarial (R\$)	1999	2005
	%	%
0 a 300	38,3	42,27
301 a 600	22,34	28,86
601 a 900	17,02	15,00
901 a 1200	4,26	6,82
1201 a 1500	7,45	2,27
acima 1500	3,19	4,77
sem resposta	7,45	0,00
Total	100%	100%

Entre as lideranças e pessoas que são referência na Vila de Paranapiacaba entrevistadas, a maior mudança percebida por eles é em relação à geração de trabalho e renda.

"Ocorreram várias mudanças, principalmente no desenvolvimento sustentável da Vila." **Sonia Maria Félix Andrade, 49 anos, Antiga Moradora**

"...houve uma mudança muito grande na geração de trabalho e renda, pois muitas pessoas estavam desempregadas e hoje estão vivendo do turismo." **Ivanise da Silva Lima, 44 anos, Empreendedora na área de Gastronomia e Ecoturismo**

Entre as pessoas entrevistadas, 37,80% afirmam desenvolver alguma atividade local relacionada com o turismo, deste total 18,75% atuam como receptivos turísticos, 16,60% como monitor ambiental e 16,60% dos moradores faz parte do programa Portas Abertas.

Entre aqueles que desenvolvem alguma atividade local relacionada ao turismo, 24,30% são ex-ferroviários ou trabalharam na Rede Ferroviária. Entre os entrevistados 42,55% informam ter algum parente que trabalha ou trabalhou na ferrovia. Como os moradores que tem ou tiveram algum vínculo direto com a Rede

Ferroviária representam 13,12% do total de moradores da Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba, podemos afirmar que 70% deste segmento participam dos programas de turismo. Também ressaltamos que entre os moradores da parte baixa que são ex-ferroviários ou trabalharam na Rede Ferroviária, 86 % afirmam que a transformação da Vila de Paranapiacaba em pólo turístico trouxe benefícios. Estes dados se contrapõem a afirmação corrente entre os moradores locais de que os ex-ferroviários são aqueles que mais resistem a implantação de ações que redirecionam Paranapiacaba para uma nova vocação econômica, cujo eixo é o turismo. Algumas lideranças locais, apontam esta mudança de valores entre os ex-ferroviários:

"Quando eu comecei trabalhar com turismo e chegava aqui com as pessoas, com os grupos e passava pelos ferroviários, eles cuspiam, xingavam...Porque eles não queriam dividir Paranapiacaba. A Vila era deles e a gente estava interferindo. Hoje eu vejo um monte de ex-ferroviário trabalhando com turismo. Eu acho que isso é um ganho. Porque quando você acena com dinheiro, muda muitos conceitos. Por exemplo, antes as pessoas não tinham o compromisso de estar arrumando as suas casas, transformando este lugar, estavam de passagem, não eram daqui. Hoje eu vejo que as pessoas têm a possibilidade de continuar no lugar e a relação esta mudando. Para mim esta é a coisa mais importante de todas as mudanças." **Zélia Maria Paralego, 54 anos, Presidente SPR-paranap Sociedade de Preservação e Restauro de Paranapiacaba, monitora ambiental e empreendedora na área de hospedagem e alimentação**

Talvez esta afirmação de que os ex-ferroviários sejam resistentes a implantação do turismo na Vila de Paranapiacaba faça sentido e necessita de uma investigação mais ampla se formos considerar os moradores da Parte Alta da Vila de Paranapiacaba, onde talvez haja um número maior de ex-ferroviários que expressem maior resistência aos programas de turismo ou este indicador seja apenas uma mudança cultural que ainda não foi percebida pela maioria dos moradores locais.

Os entrevistados que afirmam ter gerado vagas em seus empreendimentos locais somam 17,36% daqueles que estão envolvidos com os programas de turismo.

Estes empreendimentos afirmam ter gerado um total de 52 vagas para trabalho na Vila de Paranapiacaba, em média 2,08 vagas por empreendimento.

Predominam os empreendimentos familiares que apesar de não abrirem contratações de vagas, absorvem a mão de obra familiar e geram renda local.

5.4 Escolaridade

Entre os entrevistados a maior parcela corresponde aos analfabetos e aqueles que cursaram até a 4ª série incompleta, somando 32,66%. Somando-se aos que possuem a 4ª série completa do Ensino Fundamental, totalizaria 38,38%.

Verificamos também que entre os analfabetos, 100% afirmam não freqüentar escola atualmente. As maiores taxas de freqüência escolar foram registradas entre aqueles que tem até 4ª. Série incompleta e entre aqueles que cursam entre 5a a 8a série do Ensino Fundamental.

Tabela 13: Grau de Escolaridade e freqüência - 2005

	Geral %	Não freqüentam escola %
Analfabeto	10,59	10,59
Até 4a série incompleta	22,07	5,80
Com 4a série completa do Ensino Fundamental	5,57	4,68
De 5a a 8a série incompleta do Ensino Fundamental	22,41	9,70
Ensino Fundamental Completo	4,24	3,90
Ensino Médio incompleto	14,94	7,25
Ensino Médio Completo	15,05	14,05
Superior Incompleto	2,45	1,23
Superior Completo	2,01	1,90
Especialização	0,56	0,33
Mestrado	0,11	0,11
Total	100%	100%

Comparando-se com os dados obtidos em 1999 veremos que houve ampliação da parcela daqueles que cursam o Ensino Médio e Superior, no entanto registra-se também um número maior de analfabetos. Cabe ressaltar que a pesquisa realizada pela FAUUSP-LUME, em 1999 abordou apenas indivíduos adultos e a pesquisa que realizamos em 2005 apesar de entrevistar o indivíduo adulto responsável legal pelo domicílio, colheu informações de todos os moradores da residência. Portanto entre os analfabetos, 74,75% possuíam menos de 10 anos de idade, os analfabetos com mais de 10 anos de idade representam 1,78% do total de moradores da parte baixa da Vila de Paranapiacaba e 50% deles não trabalham.

Tabela 14: Grau de Escolaridade – 1999 e 2005

Escolaridade	Quantidade	1999	2005
		%	%
Analfabeto	2	2,13	10,59
Sabe ler	5	5,32	-
1º Grau	65	69,15	27,64
2º Grau	19	20,21	56,63
Superior	2	2,13	5,13
Não respondeu	1	1,06	-
Total	94	100%	100%

Fonte: FAUUSP-LUME, 1999

Observamos que 59,53% no momento não freqüentam a escola 31,10% freqüentam Escola Estadual e 6,47% Escola Municipal na própria Vila de Paranapiacaba.

Tabela 15: Freqüência Escolar - 2005

Freqüenta Escola?	%
Não Freqüenta	59,53
Pública Estadual	31,10
Pública Municipal	6,47
Particular	2,01
Outra	0,89
Total	100%

Verificando-se o grau de escolaridade de acordo com a raça declarada, constataremos que os brancos e pardos obtêm maior grau de escolaridade do que negros e indígenas.

Tabela 16: Escolaridade e Raça - 2005

	Brancos	Pardos	Negros	Indígenas
Analfabetos	6,80	3,12	0,67	0,00
Até 4a série	26,31	11,26	4,12	0,00
Ensino Fundamental				
Completo	11,37	13,94	1,78	0,22
Ensino Médio				
Completo	9,92	5,57	1,90	0,11
Ensino Superior				
Completo	1,90	0,78	0,11	0,11
Total	56,3%	34,67%	8,58%	0,44%

5.5 Infra-estrutura local:

A principal queixa dos moradores em relação à infra-estrutura existente na Vila de Paranapiacaba é em relação ao transporte, apontado por 49,29% dos moradores entrevistados como algo ruim. Desde que os trens deixaram de vir até a Vila de Paranapiacaba, o transporte passou a ser o principal problema enfrentado pelos moradores que dependem exclusivamente de ônibus ou veículo pessoal para se

deslocar para fora da Vila de Paranapiacaba. Além da ausência do trem, a principal queixa é em relação ao preço da passagem e o longo intervalo entre um ônibus e outro.

No levantamento realizado pela FAUUSP-LUME em 1999, 27,42% dos moradores pleiteava mais trens ou melhores meios de transporte, no entanto o maior problema, apontado na época por 29,51% dos moradores era a falta de comércio no local que pudesse abastecer os moradores.

Na pesquisa realizada em 2005, o item “abastecimento”, empata com “segurança” e “iluminação”, citados por 10,71% dos moradores como algo ruim na Vila de Paranapiacaba.

Tabela 17: Pontos críticos - 2005

O que é ruim?	%
Transporte	49,29
Abastecimento (falta mercado / açougue / farmácia)	10,71
Segurança	10,71
Iluminação	10,71
Acesso (melhorar condições das vias)	9,29
Moradores (problemas de convívio e vizinhança)	6,43
Clima / borrachudos	2,86
Total	100%

Entre aqueles que afirmam gostar de morar na Vila de Paranapiacaba, 81,77% atribuem a ser um local tranquilo e sossegado e 15,76% em virtude de fatores ambientais. Em 1999, no levantamento realizado pela FAUUSP-LUME, a mesma pergunta recebeu mais de 40% das respostas foram referentes à tranquilidade e 29,30% referentes a fatores ambientais.

5.6 Turismo

Desde a instalação da Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense, no ano de 2001 e a compra de parte da Vila de Paranapiacaba no ano seguinte pela Prefeitura de Santo André, várias ações foram desenvolvidas com o objetivo de transformar Paranapiacaba em um pólo turístico. A sensibilização e capacitação dos moradores para este setor econômico, a criação de estruturas para receber os visitantes, a qualificação dos equipamentos públicos existentes, captação de investimentos externos, divulgação, mudança do perfil de visitantes, entre outros, são parte do elenco de esforços empreendidos pelos gestores locais para transformação da Vila de Paranapiacaba em um destino turístico.

Não encontramos dados em relação ao turismo na Vila de Paranapiacaba, que reflitam o cenário anterior a esta ação da Administração Municipal, que sejam confiáveis e possam ser utilizados para efeito de comparação. No entanto, é corrente a afirmação de que apesar do potencial existente, não havia ações articuladas para exploração adequada e sustentável do turismo na Vila de Paranapiacaba. Por outro lado, em virtude da falta de estrutura local, o perfil de público que freqüentava a Vila de Paranapiacaba estava classificado entre os menos exigentes, demandavam pouca estrutura local, praticamente não criavam movimentação econômica e muitos ainda deixavam um rastro de prejuízos locais, como a degradação da mata, do patrimônio arquitetônico, a perturbação do sossego, que contribuía para que os moradores tivessem uma visão negativa do turismo na Vila de Paranapiacaba..

"o turismo era uma possibilidade real em Paranapiacaba, mas acontecia através de um movimento predatório, as pessoas que vinham para cá, não contribuíam absolutamente com nada e não utilizavam a mão de obra local. Apenas três pessoas atuavam com monitoria - Zélia, Daniela e Elias - mas sem nenhuma qualificação específica. Conheciam a história local, pois viveram ela." **Eduardo Pin, 40 anos, Monitor ambiental e historiador**

Atualmente verificamos entre os entrevistados que 59.06% acreditam que a transformação da Vila de Paranapiacaba em pólo turístico trouxe benefícios à

população local, apenas 7,61% acreditam que não houve benefício algum e 33,33% não sabem afirmar se houve ou não algum benefício.

Tabela 18: Opinião – Pólo Turístico - 2005

A Transformação da Vila de Paranapiacaba em pólo turístico trouxe benefícios?

	%
sim	59,06
não	7,61
Não sabem	33,33
Total	100%

Entre os benefícios propiciados pela transformação da Vila de Paranapiacaba em pólo turístico, 97,02% dos entrevistados citam as oportunidades de trabalho e renda geradas no local e 1,19% acreditam que esta ação contribuiu para a preservação do patrimônio arquitetônico e ambiental.

Tabela 19: Benefícios - Turismo - 2005

Qual benefício o turismo trouxe?

	%
Geração de Renda	97,02
Preservação	1,19
Auto estima	0,60
Divulgação	1,19
Total	100%

No entanto entre os 7,61% dos entrevistados que afirmam que não houve nenhum benefício na transformação da Vila de Paranapiacaba em pólo turístico, 31,03% acreditam que os turistas contribuem para acentuar a degradação do patrimônio arquitetônico e natural e 17,24% acreditam que o turismo propiciou aumento do consumo de drogas e criminalidade local. Entre este segmento verificaremos que os outros problemas apontados mostram que a percepção deles é

que o turismo provoca a mudança de alguns hábitos e costumes, como a restrição de acesso às áreas do Parque Natural Nascentes de Paranapiacaba, a perturbação do sossego, impactos culturais, talvez provocados pelo fato da comunidade local ainda não estar preparada para o turismo ou acreditar no “sonho ferroviário” que por muitos anos e gerações foi alimentado na Vila de Paranapiacaba.

Tabela 20: Problemas - Turismo - 2005

Quais os problemas provocados pelo turismo?	%
Preservação (turista estraga)	31,03
Não vê benefício algum	24,14
Aumentou consumo de drogas	17,24
Impacto cultural	6,90
Restringiu acesso ao Parque	6,90
Acabou o sossego	6,90
Comunidade não estava preparada	3,45
Destruiu sonho ferroviário	3,45
Total	100%

Entre as lideranças e pessoas que são referência na Vila de Paranapiacaba entrevistadas é unânime a opinião que hoje o turismo é a principal vocação da Vila de Paranapiacaba.

"E agora que o pessoal descobriu que trabalhar com turismo é bom, acho que ninguém vai parar mais. A vocação é turismo agora. Funcionários da ferrovia tem poucos. Antes a vocação era só ferrovia. Tanto meu pai, meus irmãos, meu marido, só meus filhos que não foram ferroviários, porque não deu tempo. Antes era ser ferroviário, hoje é ser empreendedor e atender bem o turista, de qualquer maneira, seja como monitor, como comércio, é o jeito que a gente vê para viver aqui." **Zilda Maria Bergamini, 53 anos, Comerciante**

Os entrevistados concordam que a Vila de Paranapiacaba voltar a viver em função da ferrovia é uma possibilidade remota e que apesar do turismo hoje ser a

opção, a Vila de Paranapiacaba não comporta turismo de massa e que o turismo praticado deve ser direcionado para um público seletivo destacando-se os principais atrativos locais.

"Mesmo em longo prazo, se a ferrovia passar a ficar operante e há um movimento neste sentido, nunca mais a vila vai poder ser sustentável a partir da ferrovia. Mas sim através do patrimônio histórico, natural, através do turismo sustentável, que não pode ser um turismo de massas."
Eduardo Pin, 40 anos, Monitor ambiental e historiador

"Nós entendemos, quando vimos que a vila não seria mais uma Vila operária, que a única saída seria a turismo, como a Emplasa já havia direcionado antes do tombamento. É este o caminho, eu ainda acho, mas só que eu tenho algumas ressalvas. Eu penso que em Paranapiacaba não pode haver um turismo de massas. Paranapiacaba é um lugar muito especial que não comporta turismo de massas. Deveria ser um turismo ferroviário, ecológico..."
Zélia Maria Paralego, 54 anos, Presidente SPR-paranap Sociedade de Preservação e Restauro de Paranapiacaba, monitora ambiental e empreendedora na área de hospedagem e alimentação

No entanto os entrevistados divergem em opiniões quando citam o turismo histórico, cultural, natural ou ferroviário como o principal atrativo da Vila de Paranapiacaba. Os entrevistados apontam que entre as modalidades acima citadas, o turismo ferroviário é o que recebe menos atenção e investimentos por parte da Administração Municipal.

"Em primeiro lugar o turismo histórico, junto com o ambiental. E eu vejo um grande potencial para o turismo cultural."
Wal Volk, 37 anos, liderança do movimento cultural local e Artista Educadora

"Turismo ferroviário. Acho que precisa investir mais nesta área. Turismo histórico e ambiental, a vocação está bem clara, mas acho que precisa

investir mais no turismo ferroviário.” **Ivanise da Silva Lima, 44 anos, Empreendedora na área de Gastronomia e Ecoturismo**

"Turismo histórico, por ser um patrimônio tombado. Único no mundo praticamente, porque uma Vila como esta não tem outra." **Zilda Maria Bergamini, 53 anos, Comerciante**

Os entrevistados também apontam que a mudança do perfil de visitantes e ampliação do fluxo de visitação turística propiciou a criação de diversas oportunidades de geração de trabalho e renda local e estimula os moradores a se qualificar para aproveitar estas oportunidades.

De acordo com os dados de visitação turística apresentados pela Administração Municipal, o fluxo de visitantes na Vila de Paranapiacaba cresce ano a ano. Os registros feitos a partir de 2002, mostram um aumento da porcentagem de visitantes de 134% em 2003 e 60% em 2004.

Parte, portanto, de um patamar de 41.000 visitantes ao ano em 2002 e alcança 153.860 visitantes no ano de 2004, um aumento de 375,27% nestes dois anos. A tendência se comprova em 2005, cuja visitação de janeiro a julho atinge número similar a somatória de visitantes durante todo o ano de 2004.

Tabela 21: Visitação Turística - 2005

	Visitação Anual	% cresc
2002	41.000	0
2003	95.958	134,04
2004	153.860	60,34
2005	150.032 (até Julho)	

Observa-se ainda que a visitação é sazonal com maior concentração de visitantes no mês de julho, em virtude do Festival de Inverno de Paranapiacaba e com quedas de visitação nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

Tabela 22: Comparativo - Visitação Turística - 2005

	2002		2003		2004		2005	
mês	nº de visitantes	% fluxo anual						
JAN	-	-	1610	1,68%	2320	1,51%	5109	3,41%
FEV	-	-	1390	1,45%	2747	1,79%	12943	8,63%
MAR	-	-	6400	6,67%	4390	2,85%	7471	4,98%
ABR	-	-	3166	3,30%	9200	5,98%	14820	9,88%
MAI	-	-	2530	2,64%	9922	6,45%	12258	8,17%
JUN	-	-	3980	4,15%	8109	5,27%	8409	5,60%
JUL	20000	48,78%	66382	69,18%	71900	46,73%	89022	59,34%
AGO	-	-	2405	2,51%	9069	5,89%		0,00%
SET	4020	9,80%	2250	2,34%	12207	7,93%		0,00%
OUT2	3550	8,66%	2065	2,15%	8576	5,57%		0,00%
NOV	4175	10,18%	2730	2,84%	10537	6,85%		0,00%
DEZ	1615	3,94%	1050	1,09%	4883	3,17%		0,00%
	33360		95958	100 %	153860	100 %	150032	100 %

Fonte: PMSA, 2005

Além da ampliação do número de visitantes houve a qualificação do perfil de turistas / visitantes que freqüentam a Vila de Paranapiacaba. Verifica-se que boa parte dos visitantes residem em cidades do Grande ABC, mas um número expressivo vêm da cidade de São Paulo. A maior parcela dos visitantes situa-se na faixa etária entre 21 e 30 anos, possuem grau superior completo e se deslocam até a vila de carro (veículo próprio). Em pesquisa realizada durante o IV Festival de Inverno de Paranapiacaba, mesmo considerando ser um momento específico, podemos confirmar alguns destes dados:

Tabela 23: Pesquisa V FIP

PESQUISA - IV FESTIVAL DE INVERNO

Nº total de Visitantes: 69.000

Nº de pesquisas aplicadas: 634 pesquisas

Procedência: Santo André: 40,11% , São Paulo: 26,04%, São Bernardo do Campo: 9,58%, Mauá: 7,78%, Ribeirão Pires: 5,38%, Interior SP: 4,19%, Diadema: 3,29%, São Caetano do Sul: 2,09%, Rio Grande da Serra: 2,09%

Sexo: Feminino: 57,78%, Masculino 42,21%:

Idade: até 20 anos: 13,47%, de 21 a 30 anos: 37,42%, de 31 a 40 anos: 23,95%, de 41 a 50 anos: 16,76%, acima de 50 anos: 8,38%

Grau de Instrução: Primeiro Grau: 16,47%, Segundo Grau: 41,31%, Superior Completo: 42,21%

Meio de Transporte utilizado: carro: 49,40%, ônibus urbano: 15,26% trem e ônibus: 12,57%, ônibus de turismo: 9,88%, carro e traslado (Dallanese/Vila): 12,57%

Fonte: PMSA, 2004

Em relação à infra-estrutura disponível no local para atendimento aos turistas podemos observar que o número de empreendimentos e prestadores de serviço é alto se considerarmos a demanda local e o movimento econômico gerado: 23 empreendimentos na área de alimentação e portas abertas, 13 hospedagens, 15 pontos de comércio formal (bares, padarias...), 18 empreendimentos relacionados à arte e artesanato, 37 monitores, 09 guardadores de veículos, 24 receptivos. No entanto, a quase totalidade destes empreendimentos é informal e apresenta funcionamento irregular, ou seja, abrem apenas nos momentos de maior fluxo de visitação, como eventos, feriados... Comenta-se que muitos moradores mantêm "empreendimentos de fachada" para usufruir os descontos de aluguéis oferecidos como estímulo a todos que aderem ao programa de turismo.

5.7 Participação popular

Entre as lideranças e pessoas que são referência na comunidade local que foram entrevistados há concordância de que foram ampliados os espaços de participação popular, destacando-se o Conselho de Representantes de Paranapiacaba e Parque Andreense como o principal espaço de diálogo com a Administração Pública.

"O Conselho de Representantes é uma coisa nova que a prefeitura trouxe. Desde a época que eu morava aqui, nunca tinha ouvido falar de Conselho de Representantes, nada disso existia. Eu nem imaginava como fazia para reivindicar alguma coisa, falar com um vereador... Tínhamos problemas, claro que tínhamos, mas não sabíamos quem procurar, com quem falar. Hoje em dia não, nós temos aqui esta abertura do conselho, onde as pessoas podem deliberar, podem dar suas opiniões e ser respeitadas."
Ivanise da Silva Lima, 44 anos, Empreendedora na área de Gastronomia e Ecoturismo

As mesmas lideranças apontam este Conselho como um veículo importante para transparência das ações públicas e como instrumento que qualifica as críticas e reivindicações dos conselheiros e moradores.

"A gente tem 53 pessoas (no Conselho) que, não é que decidem, mas têm mais interesse, participação, pensam da mesma forma, sabem como é que estão as despesas, como estão investindo...Vê as coisas sendo feitas, entende as dificuldades, porque a área é grande. A gente não sabia do Parque das Garças e que lá também tinha que fazer as coisas. Hoje o pessoal já tem mais consciência quando critica."
Zilda Maria Bergamini, 53 anos, Comerciante

No entanto é opinião unânime entre os entrevistados que os moradores ainda procuram soluções individualizadas para os seus problemas e apesar de existirem espaços e instrumentos para decisões conjuntas, eles ainda são pouco utilizados.

Alguns moradores apontam falhas na condução dos processos participativos que podem comprometer a sua credibilidade.

"Eu particularmente participei como conselheira, fiz parte de várias reuniões, fiquei muitas horas discutindo, resolvendo e depois as coisas aconteciam de uma forma totalmente diferente do que nós tínhamos resolvido em reuniões." **Zélia Maria Paralego, 54 anos, Presidente SPR-paranap Sociedade de Preservação e Restauro de Paranapiacaba, monitora ambiental e empreendedora na área de hospedagem e alimentação**

Algumas lideranças e pessoas de referência na Vila de Paranapiacaba que foram entrevistadas apontam que apesar dos espaços de participação popular existentes não ser utilizados de maneira plena, sentem que atualmente possuem mais liberdade para se expressar e que os espaços de discussão das políticas públicas foram ampliados e democratizados na Vila de Paranapiacaba.

"Nesta última época, nestes últimos anos, a gente está com mais liberdade. Para trabalhar, para expor as vontades da gente, porque tem apoio e antes não tinha. Tinha que dizer" sim senhor "e pronto. Este ano está sendo o melhor ano, não que os outros não foram importantes, mas é que toda mudança é difícil e às vezes gente não se adapta a mudança assim de repente. Tem coisas, que inclusive eu, demorei a entender. E como o pessoal depende muito da gente aqui, se você demora a entender, o povo também demora. Agora, neste ano, já está bem mais compreensível, apesar de ter pessoas que ainda não aceitam a mudança, mas é para a melhoria." **Zilda Maria Bergamini, 53 anos, Comerciante**

"...era uma ditadura aqui (em Paranapiacaba). Meu pai era ferroviário, maquinista do locobreque. Nós morávamos na serra e eram poucos os lugares onde os filhos dos maquinistas podiam freqüentar aqui, além da escola. Os filhos dos engenheiros tinham mais acesso." **Sonia Maria Félix Andrade, 49 anos, Antiga Moradora**

Wal Volk, liderança do movimento cultural local e artista educadora residente na Vila de Paranapiacaba aponta divergências no discurso de participação popular empregado pela Administração Municipal, que segundo ela, em um primeiro momento, somente proporcionou inclusão e oportunidades de participação para aqueles que estavam inseridos nos programas de turismo propostos pela Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense.

"...em um primeiro momento eu senti que a Prefeitura tinha um projeto que tinha um discurso de participação popular, mas no início do primeiro mandato, esta participação ainda estava muito restrita às pessoas ligadas ao turismo imediato. Quem se dispôs a fazer ateliê residência, casa pousada, gastronomia, portas abertas, estava inserido e a nossa luta era por pessoas que não tinham nada a ver com tudo isso, que não tinham capital, que elas fossem incluídas." **Wal Volk, 37 anos, liderança do movimento cultural local e Artista Educadora**

Segundo a mesma liderança, esta postura da Administração Municipal foi revista a partir do confronto com o grupo de moradores que compunham a "Comissão Cidadã", que teve um primeiro momento de embates com a Administração Municipal, mas avançou possibilitando a adequação das políticas públicas às demandas locais e o amadurecimento das novas lideranças locais.

"Em um primeiro momento, houve um embate das novas lideranças com o Poder Público, através da Comissão Cidadã, a gente teve uma ação meio de guerrilha, uma coisa chata, de porrada mesmo com a Subprefeitura. A própria Prefeitura foi flexibilizando e criando outras alternativas de incluir pessoas que não tinham perfil para o comércio, para hospedagem... Hoje, por exemplo, eu sinto que por um lado a Prefeitura cresceu, por outro lado o movimento popular local mudou, porque a nossa reivindicação era de que tivesse mais oportunidades destes moradores ficar na Vila e isto foi conseguido. No primeiro momento com muito conflito, porque nem a comunidade entendia o imaginário da Subprefeitura, nem a Subprefeitura entendia o imaginário do movimento e isso é muito comum quando se começa um projeto de governo, até entrar em uma conjunção demora,

tem que ter a convivência.” .” **Wal Volk, 37 anos, liderança do movimento cultural local e Artista Educadora**

Percebe-se que a ampliação dos espaços de participação popular possibilitou o surgimento de novas lideranças locais e a instituição de locais neutros para discussões de interesse geral dos moradores.

“Percebi que a comunidade conseguiu se organizar, principalmente porque houve uma alteração das lideranças. Havia um grupo de liderança viciado, sempre girando em torno do mesmo assunto. Com a vinda da Subprefeitura, quebrou o monopólio destas lideranças, incentivando o surgimento de outras lideranças . Houve a implantação de alguns serviços que não existiam. Antes a Vila era coordenada por comerciantes que tinham ótimas intenções, mas nenhum conhecimento e algumas pessoas, uma elite local, que entende um pouco de memória, mas nada de política e tinha um outro fator que era um cara do Sindicato dos Ferroviários e estas três lideranças nunca tinham uma visão do conjunto da vila e os moradores não tinham um local neutro para fazer suas solicitações e conseguir a transformação.” **Wal Volk, 37 anos, liderança do movimento cultural local e Artista Educadora**

O fato de não haver uso pleno dos espaços participativos pela maioria da população local é visto pelas lideranças entrevistadas como um fator cultural característico de uma comunidade que possui conflitos internos que dificultam as decisões conjuntas e também por estarem pouco habituados ao exercício da participação popular e cidadania. Portanto há também uma resistência inicial em aceitar, acreditar e efetivamente utilizar destes espaços e instrumentos de participação que para os moradores são instrumentos totalmente novos e uma experiência ainda não vivenciada por eles.

“Acho que por um tempo havia uma resistência natural, talvez porque não tinham um vínculo de cidadania. Eles achavam que não pertenciam a Santo André, porque Santo André era um local muito remoto para eles.

Então este isolamento, não ter acesso ao serviço público, isso é uma queixa inclusive, porque a ferrovia dava isso tudo, não permitiam este vínculo. Quando a Prefeitura se instala aqui e oferece oportunidades de geração de renda e obter acesso aos serviços públicos, começa a mudar esta relação. Mas em um primeiro momento as pessoas não querem aceitar a mudança e preferem ver tudo como sempre foi. Isso mudou muito nestes seis anos em que eu estou aqui, hoje as pessoas são menos resistentes às mudanças, às coisas novas..." **Eduardo Pin, 40 anos, Monitor ambiental e historiador**

"As culturas são diferentes. Nós antigos, tínhamos uma cultura muito diferente. Agora tem outra cultura. O pessoal que chegou aqui novo, não admite a cultura da gente que é antigo. Até eu para me adaptar a cultura de vocês está sendo difícil. Isso vêm com o tempo, não é de um dia para outro não." **Francisca Cavalcante de Araújo, 74 anos, Artesã**

Todas as lideranças e pessoas de referência na Vila de Paranapiacaba entrevistadas reconhecem que atualmente a Prefeitura de Santo André é o principal ator responsável pela condução das políticas de desenvolvimento local e que os organismos existentes na comunidade não são capazes de conduzir este processo sem a interferência da Administração Municipal. Os conflitos entre os diversos grupos ainda são intensos e necessitam de um ente mediador, no entanto os entrevistados reconhecem que há vários grupos organizados, novas lideranças e grupos em fase de organização que deveriam ser reconhecidos pela Administração Municipal e capacitados, estruturados e qualificados para assumir futuramente a condução dos processos de desenvolvimento local.

5.8 Futuro

Quanto às expectativas de futuro das lideranças e pessoas de referência na Vila de Paranapiacaba entrevistadas é unânime o desejo de ver todos os imóveis restaurados. Reconhecem a importância da ação da Administração Municipal que nos quatro anos da gestão 2001 a 2004 efetuou ou deu início ao restauro dos principais

imóveis de interesse histórico / turístico - Antigo Mercado , Casa Fox, Clube União Lyra Serrano e Museu Castelo, entre outros - mas ressaltam que o valor atribuído ao patrimônio local é devido ao conjunto arquitetônico e não a alguns exemplares isolados, portanto o maior desejo que expressam é de ver todo o conjunto arquitetônico restaurado.

Acreditam que a ação de restauração de todos os imóveis se refletirá no aumento da visitação turística durante todo o ano, estimulada pela possibilidade de visitação de um sítio histórico em condições mais agradáveis de se ver e desfrutar e também teria reflexo na auto-estima dos moradores, resgatando-se as suas identidades e orgulho em morar na Vila de Paranapiacaba.

O outro desejo de futuro expresso pelos entrevistados é a volta do trem que, segundo eles, além de resgatar a identidade local, contribuiria para melhorar e diferenciar o acesso de turistas a Vila de Paranapiacaba e poderia propiciar opções de trabalho e renda para moradores ex-ferroviários.

"Gostaria de ver Paranapiacaba integra. Estou muito preocupada com a perda da nossa identidade. Gostaria de ter um turismo constante durante o ano inteiro. A minha sugestão é que fizessem festivais de teatro, de cenas curtas, de orquestras sinfônicas, enfim, ter várias atividades para que as pessoas criassem o hábito de vir e nós tivéssemos um perfil de público que realmente valorizasse este patrimônio. Gostaria de ver o trem chegando puxado por uma Maria Fumaça, o Funicular funcionando até o Quarto Patamar e as pessoas daqui felizes e integradas ao patrimônio." **Zélia Maria Paralego, 54 anos, Presidente SPR-paranap Sociedade de Preservação e Restauo de Paranapiacaba, monitora ambiental e empreendedora na área de hospedagem e alimentação**

"Gostaria de ver estas casas todas restauradas, o trem, o nosso trem andando ai nas linhas. Não só o que vai para São Paulo, mas o que vai para Santos também, pois dá muita saudade disso e é algo necessário para a gente que mora tão longe do centro. Gostaria de ver a população unida e Paranapiacaba como um lugar bonito." **Maria Aparecida Marques, 48 anos, Coordenadora da Comissão da Igreja Bom Jesus de Paranapiacaba**

"O que faz muita falta para nós moradores é o trem. Aqui é uma Vila ferroviária que não tem trem. E o trem é essencial para a Vila. Quem não gostaria de passear de trem? E outra coisa, o trem daria muito emprego para as pessoas, principalmente aqueles que são ferroviários e ainda permanecem na Vila." **Francisca Cavalcante de Araújo, 74 anos, Artesã**

CONCLUSÕES

Os dados obtidos nesta pesquisa mostram que nos últimos quatro anos a Vila de Paranapiacaba passou por um processo intenso de mudanças desencadeado pela proposta da Administração Municipal de ter atuação mais presente, instalando uma unidade administrativa no local. A seqüente aquisição de parte da Vila de Paranapiacaba, que passa a ser patrimônio municipal, permite a implantação de uma série de políticas para o desenvolvimento sócio-econômico local e o envolvimento dos moradores neste processo que tem como eixo o turismo.

Estes atos desencadeiam um processo de transformações que iniciam pela implantação de uma forma de gestão que se diferencia dos modelos até então existentes na Vila de Paranapiacaba. Tanto na época de domínio inglês como no período em que esteve sob responsabilidade da Rede Ferroviária Federal, a gestão se deu de maneira centralizada, verticalizada, em muitos momentos com o centro de decisões distante e distanciado das necessidades locais e onde os moradores atuavam apenas como sujeitos passivos.

A Administração Municipal apresenta proposta de gestão democrática e participativa que traz os moradores para a linha de frente das decisões locais, atuando como protagonistas do seu destino. Uma gestão que não se constrói de forma centralizada, mas ancorada em redes que envolvem os diversos atores locais e cujo centro de decisões está na própria Vila de Paranapiacaba, com envolvimento do Poder Público e dos moradores de maneira organizada. No entanto, a implantação deste novo modelo de gestão encontra barreiras que exigiram dos condutores revisões no processo e habilidades para transpô-las. Estas dificuldades passam pela descrença dos moradores em relação às ações do Poder Público, durante muito tempo ausente na Vila de Paranapiacaba e pelos rompimentos de privilégios estabelecidos ao longo dos anos, provocando o descontentamento em relação às ações da Administração Pública por parte daqueles que usufruíam benefícios com o estado de desordem física e institucional encontrado na Vila de Paranapiacaba.

Há também conflitos que surgem a partir de novas práticas locais. A ampliação dos canais participativos favorece o diálogo com o Poder Público, mas acirra as disputas internas entre lideranças já estabelecidas e novas lideranças que surgem.

A Administração Municipal também herda o ônus de gerir os imóveis em alto estado de degradação e ocupados irregularmente adotando medidas impopulares como a remoção de invasores e a regularização de uso dos imóveis, estabelecendo-se a cobrança de aluguéis e a responsabilidade de manutenção do imóvel.

Do ponto de vista da constituição social local, encontrou-se uma comunidade desorganizada, desagregada e socialmente vulnerável, com altos índices de dependências químicas, desemprego e baixa qualificação para o trabalho, isolada geograficamente e distante dos centros comerciais e postos de trabalho, com diversos conflitos internos, pouco habituada ao diálogo e construção coletiva, com pouca percepção do espaço em que atua e do ambiente (natural, físico e social) em que está inserida e cerceada por leis de preservação patrimonial e ambiental que restringem suas ações.

Estes são alguns dos ingredientes indigestos que compõem o quadro que deveria ser enfrentado pelos gestores públicos locais.

Os estudos até então existentes concentravam-se nos aspectos físicos e naturais como a recuperação do patrimônio construído e da área vegetada no entorno da Vila de Paranapiacaba. Pouco espaço foi dedicado aos aspectos sociais e culturais, elementos importantes, senão essenciais à implantação do processo de gestão proposto. No entanto, o cronograma das ações políticas transcorre de forma mais veloz do que o das necessárias investigações acadêmicas e das transformações sociais e a Administração Municipal, ao que parece pressionada pelas atenções despertadas pela aquisição de parte da Vila de Paranapiacaba, optou por implantar suas propostas consciente de que as informações que dispunha não eram completas e muitos problemas seriam equacionados de maneira empírica, na medida em que se apresentassem. Isso talvez justifique a crítica de algumas lideranças de que no momento inicial da implantação das ações não havia um projeto claro e completo e de que a comunidade local não foi adequadamente preparada para enfrentar as mudanças propostas.

Convocou-se a comunidade local e os demais atores envolvidos com a Vila de Paranapiacaba, para conhecer e participar da elaboração do Plano Patrimônio, um processo que ocorreu de maneira rápida e simultânea a implantação de algumas ações que estavam sendo desenhadas. O momento era de muita incerteza e descrença, dificultando a implantação de um processo participativo mais amplo. A Administração Municipal apostou que as ações concretas lhe credenciariam e ampliariam as oportunidades de participação local. Instrumentos e espaços de participação, como o Conselho de Representantes, orçamento participativo e as Câmaras Técnicas, entre outros, foram criados para garantir o acesso a participação.

A criação de espaços participativos e de decisão conjunta estimulou o surgimento de novas lideranças e ampliou o diálogo da comunidade com o poder público. As novas lideranças conquistam espaços e articulam grupos e segmentos que passam a se organizar. Hoje a Vila de Paranapiacaba não se expressa através de uma única voz e além de ampliar internamente a representação da diversidade de interesses local, externamente está representada em diversas instâncias, grupos e entidades, na cidade e fora dela. No entanto os conflitos internos ainda são acirrados e a necessidade de mediação do Poder Público é constante.

Apesar dos avanços consideráveis na organização da comunidade local, os moradores ainda não atingiram o desejável protagonismo, ainda atuam individualmente e não utilizam os espaços participativos e de decisão conjunta de maneira plena.

O referido Plano Patrimônio, pouco aborda as estratégias de inserção dos moradores, e estabelece como meta dos primeiros anos, 2002 a 2005, a "estruturação do modelo Paranapiacaba", que pressupomos envolver a comunidade local neste processo. Se as metas previstas em relação a inserção da comunidade neste processo foram ou não alcançadas, não é possível afirmar, pois inicialmente não estavam claras e sustentavam-se apenas em intenções, mas verificamos nos dados apontados nesta pesquisa que algumas conquistas ocorreram.

O Plano Patrimônio não se configura como um plano de desenvolvimento local, mas como uma estratégia de busca de parceiros externos, como um plano de negócios que apresenta aos possíveis investidores, as oportunidades de

investimento, a análise dos nichos de mercado local e a avaliação da imagem da Vila de Paranapiacaba. É um plano direcionado para uma ação exógena, mas na prática a Administração Municipal concentrou suas ações e obteve maiores resultados endógenos. Isso aponta que a referida “estruturação do modelo Paranapiacaba” que não figurava de maneira clara no citado Plano Patrimônio, hoje, carece de revisão urgente em virtude dos contornos diversos que as ações tomaram.

A transformação da Vila de Paranapiacaba em pólo turístico e a reconversão da economia local, através de estratégias de divulgação, que propiciaram a mudança do perfil do público visitante, atraindo pessoas com maior poder aquisitivo, mais exigentes e que demandavam maior infra-estrutura e serviços locais, criou condições para o surgimento de diversas oportunidades de trabalho e renda. Os novos postos criados surgem a partir de um mix de aproveitamento dos potenciais endógenos, estimulando moradores a desenvolver empreendimentos de caráter domiciliar e exógeno, atraindo investidores dispostos a recuperar o patrimônio e alavancar os empreendimentos locais.

A partir do momento em que os moradores perceberam que o modelo de turismo que estava sendo proposto se diferenciava do modelo predatório que conheciam e vislumbraram oportunidades de trabalho e renda local, alguns valores começam a ser mudados.

Uma das principais mudanças registradas nesta pesquisa é em relação a redução do desemprego local e aumento da renda média, mesmo considerando-se que a maior parte das vagas geradas está na informalidade, sem registros em carteira de trabalho e recolhimento à previdência social. Os números registram uma transição de uma taxa de 60% de desemprego para cerca de 30% e um aumento da renda média que era de R\$ 150,00 para cerca de R\$ 266,00 em um período de cerca de quatro anos.

As novas oportunidades de trabalho e renda e o novo mercado criado pelo turismo, estimulam o empreendedorismo e os moradores locais a se qualificar. Isto se reflete no aumento do nível de escolaridade e da capacitação para o mercado de trabalho.

Estes são os indicadores mais visíveis apontados nesta pesquisa: o surgimento de novas lideranças, uma nova configuração social e o aumento da renda e escolaridade média entre a população local.

Também verificamos entre as lideranças locais que as oportunidades de trabalho e renda no local e as ações da Administração Municipal para controle e regularização de uso dos imóveis, são apontados como os fatores que permitiram a fixação dos moradores no local, o que contribuiu para a preservação do patrimônio e construção de relações sociais mais sólidas.

É importante destacar que a Administração Municipal aponta a revitalização do patrimônio arquitetônico, natural e cultural como o principal objetivo das ações desenvolvidas na Vila de Paranapiacaba, no entanto, este resultado aparece nas citações das lideranças e entrevistados, indiretamente como efeito residual de iniciativas como as de geração de trabalho e renda. A revitalização do patrimônio também aparece de maneira unânime nas expectativas de futuro entre as lideranças entrevistadas.

Não acredito que haja divergências entre os anseios da Administração Municipal e da população local em relação a revitalização da Vila de Paranapiacaba, o que se destaca é que o aumento da renda média permitiu aos moradores cuidar melhor dos seus imóveis, no entanto a revitalização da Vila de Paranapiacaba não é uma tarefa que possa ser assumida apenas pelos moradores, há necessidade de investimentos externos e a Administração Municipal tem ido em busca destas fontes, no entanto, o altíssimo montante de recursos necessários para a revitalização de todo o patrimônio exige esforço maior na captação de investidores e parceiros externos.

Além dos aspectos mais visíveis já apontados, há outras conquistas não tão perceptíveis, pois ocorrem em um plano menos visível, mas nem por isso devem deixar de ser citadas: mudanças de valores culturais, aumento da auto-estima e maior consciência cidadã.

As entrevistas apontaram mudanças nos valores culturais dos moradores da Vila de Paranapiacaba, principalmente entre aqueles que tiveram alguma relação com a ferrovia. Estas pessoas, em um primeiro momento rejeitaram as propostas de

transformação da Vila de Paranapiacaba em pólo turístico e hoje, boa parcela delas, não apenas aceitam o turismo como a nova vocação econômica da Vila de Paranapiacaba, mas estão inseridas nos programas turísticos e têm neste segmento a sua principal fonte de renda.

O aumento da auto-estima é outro fator importante percebido e apontado nas entrevistas com lideranças locais. A Vila de Paranapiacaba era vista como um local abandonado e sem regras, com uma população considerada como desocupada e um local constantemente citado na mídia como palco de pequenos furtos, principalmente nas trilhas e áreas de mata próximo à Vila. Esta imagem negativa era motivo de constrangimento aos moradores quando indagados sobre seu local de moradia. Hoje a Vila de Paranapiacaba é constantemente noticiada na mídia, divulgando seus atrativos, atraindo um bom número de visitantes, que são recebidos por moradores locais inseridos nos programas de turismo e que se orgulham de apresentar e falar para os visitantes sobre o local onde moram. O aumento da auto-estima também se reflete em maior atenção no cuidado com os imóveis que abrigam empreendimentos domiciliares visitados pelos turistas.

Apesar de ainda não utilizar os espaços participativos disponíveis de forma plena, os moradores oferecem indicações de que adquiriram maior consciência sobre sua cidadania e esboçam organização no encaminhamento de suas demandas e reivindicações ao Poder Público e outras instâncias com as quais dialogam.

Percebemos no desenvolvimento desta pesquisa alguns fatores que podem ter sido dificultadores para o alcance de avanços maiores neste período de 2001 a 2004, mas careceriam de investigações mais profundas que nós conduzirmos a caminhos complementares, mas diferentes do que foi proposto neste estudo, cujo foco de concentração era voltado à investigação da comunidade local e suas formas de organização e respostas frente ao novo cenário proposto.

Percebemos que a Administração Pública ao propor ações de desenvolvimento local, preocupou-se em criar espaços de diálogo com a comunidade para ampliar a participação popular e também concentrou esforços na capacitação das lideranças que despontavam para que utilizassem os espaços de participação e entendessem a dinâmica do poder Público. No entanto, este diálogo pressupõe que os interlocutores

por parte do Poder Público também estejam capacitados para entender as dinâmicas da comunidade e ser flexíveis para rever seus planejamentos e adequar as ações às demandas negociadas com a comunidade. Quando se ampliam as possibilidades de participação popular, também são ampliadas as possibilidades de conflitos que precisam ser negociados. Nem sempre encontramos gestores públicos aptos a esta negociação. Às vezes o profissional é um excelente técnico e utiliza argumentos técnicos no diálogo com a comunidade, mas tem pouca flexibilidade e habilidade política para conduzir as negociações e entender as propostas que vêm da comunidade, muitas vezes de maneira desorganizada, e conduzir a discussão a um ponto de equilíbrio que seja aceito pelas partes. Considerando que o Poder Público exerce um papel importante nos processos de desenvolvimento local, seria interessante investigar como os gestores públicos se capacitam para o novo papel que devem exercer neste contexto.

Também acredito que seria interessante aprofundar a investigação sobre a participação de atores externos a Vila de Paranapiacaba no processo de desenvolvimento local, já que a pesquisa que desenvolvemos concentrou-se apenas nos atores internos, especialmente os moradores da Parte Baixa da Vila de Paranapiacaba. Noto que a participação de atores externos neste processo é reduzida e restringe-se a algumas universidades da região, que ainda não apresentaram propostas de atuação concreta na Vila de Paranapiacaba e algumas empresas privadas que oferecem patrocínios a eventos locais, especialmente o Festival de Inverno de Paranapiacaba, e apoios pontuais. Há também recursos de empresas privadas e outras fontes de financiamento em alguns restauros, mas são pontuais e não configuram relação contínua. Os demais atores, se existem, tem atuação passiva. Acredito que a Vila de Paranapiacaba somente terá um projeto de desenvolvimento local sustentável se houver a ampliação dos atores envolvidos, criando-se uma rede onde o Poder Público, o público interno e externo, atuem de maneira integrada. Portanto, parece ser oportuno aprofundar a investigação sobre a participação de atores externos no processo de desenvolvimento local da Vila de Paranapiacaba.

Acreditamos que este estudo apresenta o quadro encontrado neste momento na Vila de Paranapiacaba, que por ser decorrente de uma intervenção recente da Administração Municipal, seria precoce fazer análises definitivas. É um processo de mudanças ainda em curso e que somente no futuro apresentará desenhos mais definidos. No entanto, os dados apresentados poderão servir de referência para estudos futuros e identificação e mensuração de estágios para o alcance do desejado protagonismo local. No momento, apesar de avanços significativos, a comunidade local ainda depende da ação da Administração Municipal e nenhum outro ator local ou externo se apresentou com a capacidade e legitimidade para assumir a condução deste processo.

Se no momento ainda não podemos atribuir a Administração Municipal o mérito de definir o futuro da Vila de Paranapiacaba, certamente podemos lhe conferir o mérito de reabrir esta discussão, desta vez acrescentando ações práticas àquilo que até então se situava apenas no âmbito da retórica e com impulso de um governo local atuando em conjunto com a sociedade civil.

Acredito que as experiências acumuladas até o momento são fundamentais para subsidiar a tomada de decisões estratégicas que definam afinal, qual o “modelo de Paranapiacaba” que se pretende consolidar. Me parece que esta é a discussão que o momento requer.

Referências bibliográficas

- BARBIERI**, José Carlos. *Desenvolvimento Sustentável Regional e Municipal: Conceitos, Problemas e Pontos de Partida – Volume I – Número 4*. FECAP – Administração On Line: São Paulo, 2000.
- BOOTHROYD**, Peter / **DAVIS**, H. Craig. *Desenvolvimento econômico comunitário: três abordagens*. Canadá: British Columbia University, 2001.
- BORJA**, Jordi. *As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão européia e latino-americana*. In: Fischer, Tânia (org.), *Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1997.
- BUARQUE**, Sérgio C. *Construindo o Desenvolvimento Sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- CERVO**, Amado Luiz. *Metodologia Científica*. Amado Luiz Cervo, Pedro Alcino Bervian. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO**. *Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- CTR** – Central de Trabalho e Renda. *Relatório Paranapiacaba 2001*. Santo André, 2001.
- CUNHA**, Maurício. *Olhar Ecológico Paranapiacaba*. Santo André: Fundo Municipal de Cultura, 2001.
- DANIEL**, Celso, in *Retratos Metropolitanos: A experiência do Grande ABC em perspectiva comparada*. WILHELM, Hofmeister (org.). São Paulo: Consórcio Intermunicipal do Grande ABC e Fundação Konrad Adenauer, 2001.
- DANIEL**, Celso. *Programa de governo para Santo André*. Santo André, 1999.
- DOWBOR**, Ladislau. "No Vácuo do Estado". *Revista Poder Local*. São Paulo, Março de 2004.
- DOWBOR**, Ladislau. *A Comunidade Inteligente: visitando as experiências de gestão local*. São Paulo: Pólis; Programa de Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2001.
- DOWBOR**, Ladislau. *A Reprodução Social - Vol. II - Política Econômica e Social: os desafios do Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- DOWBOR**, Ladislau. *O que é Poder Local*. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos, 285)
- EMPLASA** - Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A . URL: <<http://www.emplasa.sp.gov.br>>. Consulta em Julho de 2002.
- FRANCO**, Augusto de. *Carta DLIS 32 - DLIS como política pública neste início de*

2003 no Brasil, 2003.

FURTADO, Celso – *Em busca de novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2000*. URL: <http://www.ibge.gov.br>. Consulta em julho de 2002.

JAGUARIBE, Hélio. *Introdução ao Desenvolvimento Social*. São Paulo: Circulo do Livro, 1978.

KLINK, Jeroen Johannes. *A cidade-região: regionalismo e reestruturação no Grande ABC Paulista*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001 - (Coleção Espaços de Desenvolvimento).

LIMA, NA & **LOBO**, RMB. *Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável para a Vila de Paranapiacaba*. São Paulo, 1998. (Tese apresentada à Pós-graduação Latu Sensu em Planejamento e Marketing Turístico do SENAC).

PMSA. Cadastro. 2002.

MELO NETO, Francisco de Paulo de / **FROÉS**, César. *Empreendedorismo Social: a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MEYER-STAMER, Jörg. *Estratégias de Desenvolvimento local e regional: Clusters, política de localização e competitividade sistêmica*. Santa Catarina, Fundação Empreender, 2000.

PNUD/Ipea. *Relatório sobre o Desenvolvimento Humano no Brasil 1996*. Brasília: PNUD/Ipea, 1996.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*. Paula Yone Stroh (org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SACHS, Ignacy. *Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo: Studio Nobel e Fundação de Desenvolvimento Administrativo, 1993.

SANTO ANDRÉ, Prefeitura Municipal. *Desenvolvimento Econômico e Comunitário e turismo para Inclusão Social: Projeto GEPAM - A experiência de Santo André*. Santo André: PMSA, 2004.

SANTO ANDRÉ, Prefeitura Municipal. *Plano de Desenvolvimento Sustentável da Vila de Paranapiacaba*. Santo André: FAUUSP-LUME, 1999..

SANTO ANDRÉ, Prefeitura Municipal. *Plano Patrimônio*. Santo André: PMSA, 2001.

SANTO ANDRÉ, Prefeitura Municipal. *Relatório Comparativo de Fluxo turístico*. Santo André, 2005.

SANTO ANDRÉ, Prefeitura Municipal. *Relatório de Pesquisa de perfil de visitantes do IV Festival de Inverno de Paranapiacaba*, Santo André, 2004.

SANTO ANDRÉ, Prefeitura Municipal. *Relatório Sócio Econômico*. Santo André, 2002.

SANTO ANDRÉ, Prefeitura Municipal. *Sumário de dados da Subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense*. Santo André: PMSA, 2002.

SASSEN, Saskia. *A nova economia urbana: a intersecção dos processos globais com a localidade*. In: *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998, pp. 75-102.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SINGER, Paul / **SOUZA**, A. R. (Org.). *A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

SINGER, Paul. *Globalização positiva e globalização negativa: A diferença é o Estado*. *Novos Estudos*, CEBRAP, julho de 1997, pp. 39-65.

SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

8
9
10

Identificação da pessoa

Nome Completo	
	Data de Nascimento
	Sexo (1. Masculino / 2. Feminino)
Nacionalidade (1. Brasileiro / 2. Brasileiro naturalizado / 3. Estrangeiro)	
País de Origem (Se estrangeiro)	
Data de Chegada ao Brasil	
Nome do Município de Nascimento	
UF Município de Nascimento	
Nome completo do Pai	
Nome completo da mãe	
Estado Civil (1. Solteiro (a) / 2. Casado (a) / 3. Divorciado (a) / 4. Separado (a) / 5. Viúvo (a))	
Raça / Cor 1. Branca / 2. Negra / 3. Parda / 4. Amarela / 5. Indígena	

Qualificação escolar

Freqüente escola

<input type="checkbox"/>	1. Pública Municipal / 2 . Pública estadual / 3. Pública Federal / 4. Particular / 5. Outra / 6. Não freqüente
--------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Grau de instrução

<input type="checkbox"/>	1. Analfabeto / 2 . Até 4ª. Série incompleta do ensino fundamental / 3. Com 4ª. Série completa do ensino fundamental / 4. De 5ª. a 8ª. série incompleta do ensino fundamenta / 5. Ensino fundamental completo / 6. Ensino médio incompleto / 7. Ensino médio completo / 8. Superior incompleto / 9. Superior completo / 10. Especialização / 11. Mestrado / 12. Doutorado
--------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Série escolar

<input type="checkbox"/>	1. Maternal I / 2 . Maternal II / 3. Maternal III / 4. Jardim I / 5. Jardim II / 6. Jardim III / 7. CA (alfabetização) / 8. 1ª. Série do ensino fundamental / 9. 2ª. Série do ensino fundamental / 10. 3ª. Série do ensino fundamental / 11. 4ª. Série do ensino fundamental / 12. 5ª. Série do ensino fundamental / 13. 6ª. Série do ensino fundamental / 14. 7ª. Série do ensino fundamental / 15. 8ª. Série do ensino fundamental / 16. 1ª. Série do ensino médio / 17. 2ª. Série do ensino médio / 18. 3ª. Série do ensino médio
--------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nome da Escola	
Em qual cidade a escola se localiza	

Qualificação profissional

Situação no mercado de trabalho

<input type="checkbox"/>	1. Empregador / 2 . Assalariado com carteira de trabalho / 3. Assalariado sem carteira de trabalho/ 4. Autônomo com previdência social / 5. Autônomo sem previdência social / 6. Aposentado / pensionista / 7. Não trabalha / 8. Outra
--------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nome da empresa em que trabalha

Nome:
Data de admissão:
Ocupação:
Remuneração deste emprego:
Outras rendas:

Característica da família

Tempo de moradia (em paranapiacaba)

<input type="text"/> Anos	<input type="text"/> Meses
---------------------------	----------------------------

Despesas da família

<input type="text"/>	Aluguel	<input type="text"/>	Transporte
<input type="text"/>	Prestação habitacional	<input type="text"/>	Medicamentos
<input type="text"/>	Alimentação	<input type="text"/>	Gás
<input type="text"/>	Água	<input type="text"/>	Outras despesas
<input type="text"/>	Luz	<input type="text"/>	Número de pessoas que vivem da renda desta família

Relação familiar

Parentesco em relação ao responsável legal da família, se o próprio, informar 01

<input type="text"/>	1. Mãe / responsável legal / 2. Esposo (a) / 3. Companheiro (a) / 4. Filho(a) / 5. Pai / 6. Avô - Avó / 7. Irmão - irmã / 8. Cunhado (a) / 9. Genro - nora / 10. Sobrinho (a) / 11. Primo (a) / 12. Sogro (a) / 13. Neto (a) / 14. Tio (a) / 15. Adotivo (a) / 16. Padrasto - madrasta / 17. Enteado (a) / 18. Bisneto (a) / 19. Sem parentesco / 20. Outro
----------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Se criança de 0 a 6 anos, com quem fica?

<input type="text"/>	1. Pai-mãe / 2. Irmão- Irmã / 3. Avô - Avó / 4. Sozinho/ 5. Creche / 6. Outro
----------------------	-------------------------------------------------------------------------------

Se grávida informar o mês de gestação

<input type="text"/>

Amamentando

<input type="text"/>	1. Sim / 2. Não
----------------------	-----------------

Participa de algum programa do Governo Federal ou recebe algum benefício social?

<input type="text"/>	1. Sim / 2. Não	Se afirmativo, qual?	<input type="text"/>
----------------------	-----------------	----------------------	----------------------

Dados do Domicílio

Tipo de uso?

<input type="text"/>	1. Domiciliar / 2. Comercial / 3. Misto / 4. Institucional
----------------------	------------------------------------------------------------

Valor da contraprestação?

<input type="text"/>

Possui desconto no valor do aluguel?

<input type="text"/>	1. Sim / 2. Não	Se afirmativo, porque?	<input type="text"/>
		Se afirmativo, qual o valor pago com o desconto?	<input type="text"/>

Vínculo Histórico cultural

Nasceu em Paranapiacaba?

1. Sim / 2. Não

Se a resposta for não:

Onde morava antes?

Porque veio morar em Paranapiacaba?

Já trabalhou na RFFSA?

1. Sim / 2. Não

Se a resposta for sim:

Qual função?

Alguém da sua família já trabalhou na RFFSA?

1. Sim / 2. Não

Se a resposta for sim:

Quem? 1. Pai/mãe / 2. Filho(a) / 3. Irmão (ã) / 4. Avô(ó) / 5. Marido / esposa / 6. Tio (a) / 7. Primo(a) / 8. Outros

Gosta de morar em Paranapiacaba?

1. Sim / 2. Não

Se a resposta for sim:

Porque?

O que você não gosta em Paranapiacaba?

A transformação da Vila de Paranapiacaba em pólo turístico trouxe benefícios à população local?

1. Sim / 2. Não / 3. Não sabe

Se a resposta for sim:

Qual?

Se a resposta for não:

Porque?

No caso de empreendedor:

Seu empreendimento gerou empregos?

1. Sim / 2. Não

Se a resposta for sim:

Número de empregos gerados?

Roteiro de entrevista com Lideranças

_Explicação sobre os fins da pesquisa, pedido de autorização para gravação e utilização do depoimento para o fim específico citado.

PERFIL

- Nome / Idade?
- Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?
- Qual papel você exerce hoje?
- Quais papéis você já exerceu?
- Se houve mudanças de papel, o que influenciou?

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?
- No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?
- Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- Você acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?
- Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?

PARTICIPAÇÃO POPULAR

- Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?
- Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?

FUTURO

- Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo....)?
- Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?
- Você acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?
- Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?

COMPLEMENTOS (os entrevistados ficaram a vontade para acrescentar ao seu depoimento o que tivessem vontade)

Ivanise da Silva Lima
Empreendedora na área de
Gastronomia e Ecoturismo.
Proprietária da Agência de Turismo Ecopasseios
(13/07/2005)

PERFIL

- **Nome / Idade?**

Ivanise da Silva Lima, 44 anos

- **Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?**

Sou sobrinha, neta de ferroviários antigos e vinha passear na vila desde os meus nove anos de idade. Gostava muito de passear no locobreque, meu tio era foguista do locobreque e me levava para passear e descer a Serra. Como moradora desde 1980.

- **Qual papel você exerce hoje?**

Sou empreendedora na área de gastronomia e de ecoturismo

- **Quais papéis você já exerceu?**

Atuei como conselheira representando a comunidade, pois como moro há algum tempo na vila tinha confiança de alguns moradores e procurei ajuda-los de alguma forma.

- **Se houve mudanças de papel, o que influenciou?**

A questão política influenciou muito na minha vida. Quando a Prefeitura comprou a Vila eu acreditei muito e achei ideal me integrar mais para ajudar minha família e a comunidade também.

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- **Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?**

Turismo ferroviário. Acho que precisa investir mais nesta área. Turismo histórico e ambiental, a vocação esta bem clara, mas acho que precisa investir mais no turismo ferroviário

- **No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?**

Vi muitas mudanças. Desde 1980 quando eu vim morar aqui na vila comecei a ver muitas coisas feias. Casas sendo invadidas, sendo quebradas, desmanchadas para construir garagens, anexos e a gente não podia fazer nada quanto a isso. Só ver o que estava acontecendo e não tinha como tomar providência. Mas a partir da compra da Vila pela Prefeitura, as coisas mudaram da água para o vinho, as casas estão mais conservadas, está sendo organizadas as condições de moradia, de permissão de uso e eu acho isso muito importante

- **Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?**

Com certeza sim. As restaurações do patrimônio que é muito importante e estavam degradados. Também houve uma mudança muito grande na geração de trabalho e renda, pois muitas pessoas estavam desempregadas e hoje estão vivendo do turismo.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- **Você acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?**

Com certeza, muitas pessoas aderiram, abraçaram a idéia e estão acreditando que as coisas aqui irão acontecer. Claro que não é a curto prazo, tudo tem um tempo determinado para que aconteça, mas as pessoas que estão empreendendo na vila sabem que no futuro isso vai ter um retorno.

- **Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?**

No início eles ficaram um pouco revoltados, porque desde 1996, quando a Rede Ferroviária abandonou a Vila, ficaram sem pagar aluguel, sem pagar nada, acostumados a viver em uma mordomia. Quando a Prefeitura comprou e começou a organizar e cobrar aluguéis, estas coisas, algumas pessoas não queriam pagar, até hoje não querem, porque ficaram um certo tempo sem pagar nada, então foi um impacto quando a Subprefeitura começou a atuar aqui. As pessoas não estavam preparadas, achavam nada iria acontecer, que tudo ia ficar do jeito que estava, que ninguém iria pagar nada. Eles não estavam esperando e no início não acreditavam que a Prefeitura tinha comprado a Vila. Tinha muitos boatos, que era só um contrato de alguns anos. Depois viram que a Prefeitura tinha vindo para ficar e começou a investir tanto nas pessoas como no patrimônio e hoje as pessoas estão bem conscientes que Paranapiacaba é de Santo André.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

- **Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?**

Alguns participam sim. Tem o pessoal do contra e os a favor. Então fica meio dividido. Mas a maioria participa sim e acredita.

- **Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?**

Atuam bastante individualmente. Tem aquela coisa que quem atua como conselheiro é puxa saco, só vai do lado da Prefeitura é contra os moradores. Então tem pessoas que fazem a cabeça de outras para que não se integrem aos conselheiros para que as coisas possam melhorar.

O Conselho de Representantes é uma coisa nova que a prefeitura trouxe. Desde a época que eu morava aqui, nunca tinha ouvido falar de Conselho de

Representantes, nada disso existia. Eu nem imaginava como fazia para reivindicar alguma coisa, falar com um vereador...Tínhamos problemas, claro que tínhamos, mas não sabíamos quem procurar, com quem falar. Hoje em dia não, nós temos aqui esta abertura do conselho, onde as pessoas podem deliberar, podem dar suas opiniões e ser respeitadas. Não vou dizer que tudo aquilo que a gente pede consegue, mas é preciso ter paciência e perseverança e esperar que um dia acontece.

FUTURO

- **Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo....)?**

Acho que não tem clareza, por enquanto ainda não. Precisa de um apoio externo para que tudo possa dar certo.

- **Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?**

Claro que em primeiro a Subprefeitura administrando a Vila como tem feito e a comunidade também, procurando se integrar mais com a Subprefeitura e acreditando nos projetos, pois isso não é uma coisa só para agora, não é só Festival de Inverno é para sempre na vila de Paranapiacaba.

E também a gente precisaria saber como procurar a pessoa certa para resolver o problema certo. No caso, nos temos um problema sério de transporte, que não é de hoje. Nos temos uma empresa atua na vila há tantos anos e não sei porque que ela continua atuando desta forma, com um péssimo serviço, já que foram feitas reclamações na EMTU e até agora nenhuma providência foi tomada.

- **Vc acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?**

Com certeza sim. Se nas próximas eleições não houver continuidade de governo, muita coisa vai mudar. É preciso conscientizar as pessoas e continuar a mostrar o trabalho e mostrar que as coisas que acontecem lá fora não interferem na Prefeitura de Santo André. Cada político age de uma forma. E Santo André, graças a Deus não está envolvido nestas coisas. Se mudar o governo pode ser que eles não tenham tanto interesse na vila, achar que não precisa investir aqui, não vão acreditar nos empreendedores internos e trazer pessoas de fora e isso vai ficar muito complicado para nós.

- **Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?**

Gostaria de ver todas as casas de Paranapiacaba restauradas e também o nosso trem voltando, não vou dizer o trem urbano, que transporta os moradores, mas o trem turístico seria um acontecimento para a Vila. Para uma Vila com características ferroviária, não tem sentido não ter um trem. As pessoas perguntam para a gente e nós não conseguimos explicar, é inexplicável.

E também um apoio maior, um patrocínio, para os empreendedores fazerem cursos profissionalizantes nas suas áreas. Nós precisamos estar mais preparados, não só para atender o Festival de Inverno, mas os visitantes que vem o ano inteiro. Acho que se nós fossemos mais preparados, muita coisa poderia mudar. Com as casas restauradas e os empreendedores locais qualificados, nós iríamos ter uma qualidade de primeira que traria muito mais turistas para a Vila.

COMPLEMENTOS

Quando houve uma reunião sobre o Festival de inverno que disseram que os moradores da Vila que pegaram barracas não tinham qualidade de serviços e capacidade de abastecimento para atender o volume de turistas e por isso este espaço seria cedido para um empreendedor externo, nós concordamos, mas infelizmente o empreendedor que veio não tem qualidade nenhuma e causou vários problemas...

Declaro que o texto acima, reflete integralmente as minhas opiniões e pensamentos, e autorizo a sua reprodução total ou parcial, para os fins específicos da pesquisa acadêmica, realizada por Marco Moretto Neto, intitulada "*Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: os impactos das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico e comunitário de Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004* ", que será apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

_____/_____/_____.

Assinatura

Rg/CPF. _____

Zélia Maria Paralego
Presidente SPR-paranap Sociedade de
Preservação e Restauro de Paranapiacaba,
monitora ambiental e empreendedora na
área de hospedagem e alimentação
(13/07/2005)

PERFIL

- **Nome / Idade?**

Zélia Maria Paralego, 54 anos

- **Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?**

Eu cheguei a Paranapiacaba aos nove anos de idade em maio de 1961. A Minha vida não foi toda sedimentada em Paranapiacaba. Eu sai cinco vezes, retornei seis e o último retorno foi em 1982, quando minha mãe sofreu um acidente sai mais uma vez e voltei definitivamente no final de 1983.

- **Qual papel você exerce hoje?**

Eu tenho uma vida de luta por Paranapiacaba desde 1986, no ano do tombamento em 1987, no ano de 1989 nós fundamos uma Ong que se chama Sociedade de Preservação e Resgate de Paranapiacaba. Então desde 1986 até hoje, nós temos uma atividade de luta de preservação e resgate da memória de Paranapiacaba.

- **Quais papéis você já exerceu?**

Algumas coisas eu continuo, como por exemplo, o projeto conhecer para preservar, ele existe desde 1988, que são as visitas monitoradas, este trabalho de informação ao público. Nós já fizemos muitas apresentações, no campus avançado da USP, palestras, visitas às escolas... E eu comecei todo este trabalho em 1988, porque soube que a Vila iria deixar de ser importante para a ferrovia. Então este trabalho a gente mantém e temos um site que recebe 195 visitas diárias em média e eu comecei a abrir a minha casa para alimentar as pessoas que vinham porque não havia esta infra-estrutura, hoje eu faço isso num restaurante mais estruturado e também comecei a abrir a minha casa para as pessoas conhecerem, comer e dormir e hoje nós temos a hospedaria "Os Memorialistas". São as mesmas coisas só que hoje com mais estrutura.

- **Se houve mudanças de papel, o que influenciou?**

Com a compra da Vila operária Inglesa pela Prefeitura Municipal de Santo André, nós tivemos uma abertura dentro de um projeto interno para que nós nos estabelecêssemos comercialmente. Então eu fui a primeira a ter uma hospedagem, que é a Hospedaria Os Memorialistas que funciona na Av. Fox, 525 / 526, e em baixo, no porão, que é um espaço extremamente agradável, nós transformamos em um restaurante. Isso graças a compra e ao projeto da Prefeitura e Subprefeitura de Paranapiacaba.

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- **Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?**

Nós entendemos, quando vimos que a vila não seria mais uma Vila operária, que a única saída seria a turismo, como a Emplasa já havia direcionado antes do tombamento. É este o caminho, eu ainda acho, mas só que eu tenho algumas ressalvas. Eu penso que em Paranapiacaba não pode haver um turismo de massas. Paranapiacaba é um lugar muito especial que não comporta turismo de massas. Deveria ser um turismo ferroviário, ecológico... Pelos cinco patrimônios que ela envolve, nós teríamos que desenvolver um projeto que mantivesse visitação contínua, durante todo o ano, mas de pequeno porte.

O maior patrimônio que nós temos é o ambiental, natural, que é a Serra do Mar, a Mata Atlântica e a área de Mananciais. Por conta deste patrimônio, nós tivemos uma grande dificuldade para a construção da primeira ferrovia paulista que é a SPR, então nós temos o patrimônio tecnológico que são os funiculares, os museus funiculares, e é uma pena que não se tenha uma percepção para o turismo ferroviário, um trem turístico de São Paulo a Paranapiacaba e descer a Serra até o quarto patamar que é o único funicular deste porte no mundo todo e que poderia funcionar. Mesmo que não funcionasse o funicular, que fosse possível as pessoas descerem a Serra pelo leito ferroviário. Já seria muito interessante e atrairia muitos turistas.

Depois nós temos o patrimônio arquitetônico. Paranapiacaba é tão pequenina, mas nós temos duas grandes influências – que são duas vilas operárias inglesas – uma da década de 1860, outra de 1900 e apesar das muitas modificações que vem sofrendo ainda conserva muito da sua essência. Ai nós temos o patrimônio histórico que é o binômio ferrovia-café que muda toda a história deste país, nós temos o primeiro pólo industrial no ABC, uma região que se desenvolveu por causa desta ferrovia. Depois nós temos um patrimônio que eu tenho um carinho muito especial, que é o sócio-cultural. Por conta da imigração que nós tivemos em Paranapiacaba, ingleses, franceses, holandeses, americanos, portugueses, espanhóis, italianos, nós temos uma história muito rica. É interessante quando a gente faz trabalhos fora e encontra pessoas que tem cargos importantes neste país e quem tem sua origem em Paranapiacaba. Então é esta história que nós estamos perdendo entre os dedos, que o projeto Casa da Memória em Paranapiacaba, da SPR-Paranap, que a gente tanto fala e gostaríamos de estar fazendo, é um grande patrimônio.

- **No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?**

Eu tenho um coisa gravada na minha memória. Em 1961, minha mãe era muito apaixonada por Paranapiacaba, nós viemos para cá do Paraná e descemos na estação Sorocabana e pegamos um trem até Santos aonde iríamos morar, mas na estação de Paranapiacaba houve um atraso de 47 minutos e minha mãe se apaixonou pelo lugar até o final de sua vida. Então eu me lembro que um dia eu fui pedir alguma coisa para ela e ela estava conversando com uma vizinha, a vó Maria, e tinha chovido alguns dias e depois fez um dia maravilhoso, com muitas

flores na mata e minha mãe olhou e disse assim: "Vó Maria eu amo tanto este Lugar. Aqui é um pedacinho do Paraíso". E a Vó Maria olhou para ela e disse assim: "Minha filha, tu não conhecestes este lugar como eu conheci. Digo a você, estamos em franca decadência". Então, infelizmente, as mudanças, durante mais de trinta anos, foram de decadência.

E hoje nós estamos vendo que há um esforço para que façamos o caminho de volta e você sabe que todo caminho de volta é mais difícil. Eu vejo que existe um grande esforço, mas há um grande caminho a ser percorrido, mas como eu sempre digo, por maior que seja o caminho, se a gente não der os primeiros passos, nunca vamos saber até onde podemos chegar.

- **Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?**

Houve sim. Por exemplo. Quando eu comecei trabalhar com turismo e chegava aqui com as pessoas, com os grupos e passava pelos ferroviários, eles cuspiam, xingavam...Porque eles não queriam dividir Paranapiacaba. A Vila era deles e a gente estava interferindo. Hoje eu vejo um monte de ex-ferroviário trabalhando com turismo. Eu acho que isso é um ganho. Porque quando você acena com dinheiro, muda muitos conceitos. Por exemplo, antes as pessoas não tinham o compromisso de estar arrumando as suas casas, transformando este lugar, estava de passagem, não eram daqui. Hoje eu vejo que as pessoas têm a possibilidade de continuar no lugar e a relação esta mudando. Para mim esta é a coisa mais importante de todas as mudanças.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- **Você acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?**

Eu acho que não. Ainda não há uma consciência muito grande sobre isso. Quando eu fui chamada aqui e recebi a notícia que meu empreendimento tinha sido certificado com três vagões, eu fiquei muito triste, porque só nós chegamos a esta pontuação e para muitos empreendedores foi preciso "chegar a nota" para receber pelo menos um vagão. E eu fiquei muito triste, porque isso demonstra que a gente não está conseguindo chegar nos nossos objetivos. Muitos estão neste programas para ter descontos no aluguel e não estão integradas e conscientes do que é o projeto. Eu penso que é preciso ser trabalhado melhor isso, porque muitas pessoas estão nos projetos só pelo desconto de aluguel, infelizmente.

- **Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?**

A princípio, nós tivemos muitos problemas e não sei se a Subprefeitura percebeu isso, porque em Paranapiacaba existe uma realidade até as cinco da tarde e depois outras até as nove horas do outro dia. Na frente da Subprefeitura as pessoas fazem de conta que aceitam, mas depois, no outro período, a conversa é bem diferente. Houve por parte de algumas pessoas, um trabalho muito intenso de instalar a desconfiança, de que não compraram a vila, não pagaram, que a Vila

iria voltar para a Rede Ferroviária, e as pessoas acreditavam nisso e falavam nisso... E eu acho, e aí é uma crítica construtiva, que não houve por parte da Subprefeitura muitas reuniões, a apresentação dos demonstrativos de pagamento e aí as pessoas iam se apropriando. Parece que a compra ficou lá em Santo André, que é lá longe, e nós aqui ficamos com algumas pessoas que ainda queriam o caos. Porque algumas pessoas ganhavam muito com o caos em Paranapiacaba. Eu só consegui acabar com esta conversa quando disse que tinha visto, apesar de não ter visto nada, os comprovantes de pagamento com o Subprefeito e pedi para aqueles que dissessem que isso não era verdade que me trouxessem por escrito outro documento que provasse o contrário. No entanto eu tinha informações da própria RFFSA de que os pagamentos estavam sendo feitos. Aí, pelo menos para mim, não vieram mais com esta conversa. Mas ainda há alguma resistência, porque algumas pessoas preferem realmente o caos.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?

Não. Eu particularmente participei como conselheira, fiz parte de várias reuniões, fiquei muitas horas discutindo, resolvendo e depois as coisas aconteciam de uma forma totalmente diferente do que nós tínhamos resolvido em reuniões. Cito o caso das placas que me afetou profundamente. Ficamos uma tarde inteira resolvendo sobre os logradouros, placas e tal e eu bati muito que concordaria com novas placas onde não houvessem as antigas e a primeira coisa que fizeram foi detonar a placa (antiga) da Av. Fox, em frente a minha casa, para colocar uma placa nova e nos locais onde nós estudamos a colocação até hoje nenhuma placa foi colocada. Então, infelizmente, eu tenho que dizer para você que não existe esta participação. As coisas chegam resolvidas para a gente e em baixo, as penalidades, penalidades... Isso prova que existem muitas regras, porque é mais fácil governar com regras, eu sei. A Administração acha que conversar e reconhecer o trabalho das pessoas é tratá-las de forma diferente e eu penso que não, que as coisas só vão funcionar se as pessoas que trabalham se sentirem donas. As vezes eu tenho a impressão que não sou dona do meu empreendimento, pois existem algumas regras que me podam naquilo que eu poderia crescer e por outro lado me obriga a coisas que não são viáveis. Eu penso que a Prefeitura comprou casas com pessoas, não comprou nossas, vidas, as pessoas e muito menos os empreendimentos, porque eles existem com os nossos recursos. Existem incentivos, sim, mas pelo menos em nosso caso a gente tem devolvido isso fazendo benfeitorias para a casa, mas eu não me sinto muito segura em relação aos meus empreendimentos. Acho que a Administração está meio equivocada nisto ainda

Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?

Atuam de maneira individualizada. Eu acho que até os espaços existem. Por exemplo, existe o Conselho, mas lá se discutem boa parte de questões de interesse individuais. As pessoas não estão maduras ainda, precisa haver mais conversas, por setores e alguns problemas que são graves para a gente poderiam ser resolvidos. No começo se discutirá muito o individual, mas depois se passa para o coletivo. É preciso trazer as discussões para instâncias mais específicas e com mais frequência. É preciso abrir um espaço na agenda, porque os empreendedores quando são chamados para falar dos seus estabelecimentos, suas dificuldades, sentem que a Administração está interessada em conhecê-los, saber o que eles estão passando. Senão é como se eu fizessem uma cartilha de como os funcionários da Subprefeitura devem trabalhar e jogasse na mesa com o aviso de que se não cumprissem seriam demitidos. Isso não é legal para ninguém.

FUTURO

- **Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo....)?**

Por conta desta falta de conversa, de estruturação, de não termos cursos de como captar recursos, porque isso é muito importante para a nossa sobrevivência, desta falta de entrosamento, não é de paternalismo não, é de conversa. Porque quando nós conversamos eu posso te dar algumas coisas para complementar o que você pensa e você pode me dar algumas visões que eu desconheço. Então, esta troca real de informações, ela é muito importante. Eu penso que a comunidade hoje não tem esta clareza e esta é uma das minhas preocupações maiores. Eu lutei muito para o Celso (Daniel) comprar isso aqui, eu fui uma das pessoas que apresentou Paranapiacaba para ele e hoje tenho dúvidas de qual vai ser o futuro de Paranapiacaba. Porque eu sei que este projeto é uma coisa do Celso, do PT, do João, mas até quando?

- **Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?**

Eu acho que a Subprefeitura é um instrumento muito importante nisto. E hoje nós não temos mais, durante um tempo a SPR tinha, mas hoje não temos mais porque achamos que já cumprimos essa função, hoje fazemos outras coisas. Mas eu acho que devemos formar e não é formar uma ou duas pessoas, mas uma comunidade para dar um prosseguimento nisso. Porque hoje nós não temos. Temos uma Associação de Comerciantes com duas pessoas, começamos com o Sebrae, um órgão que poderia apresentar um caminho melhor, mas se desvirtuou completamente. Então nós precisamos achar um caminho para a Administração ir compartilhando isso e depois ir transferindo isso e ficar como apoio.

- **Vc acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?**

Com certeza. É preciso valorizar mais a comunidade local. Os funcionários da Prefeitura estão de passagem, eu já tenho saudades deles. Quem vai ficar são as pessoas que vivem, gostam e querem continuar vivendo aqui. Tem muitos oportunistas, mas é preciso começar a detectar as pessoas interessadas e começar a transferir este conhecimento que a Administração obteve durante todo este tempo. Porque realmente, infelizmente os funcionários aqui estão só de passagem.

• **Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?**

Gostaria de ver Paranapiacaba integra. Estou muito preocupada com a perda da nossa identidade. Gostaria de ter um turismo constante durante o ano inteiro. A minha sugestão é que fizessem festivais de teatro, de cenas curtas, de orquestras sinfônicas, enfim, ter várias atividades para que as pessoas criassem o hábito de vir e nós tivéssemos um perfil de público que realmente valorizasse este patrimônio.

Gostaria de ver o trem chegando puxado por uma Maria Fumaça, o Funicular funcionando até o Quarto Patamar e as pessoas daqui felizes e integradas ao patrimônio.

COMPLEMENTOS

Eu penso que as universidades, os estudantes, pessoas como você, têm um papel muito importante dentro deste desenvolvimento sustentável deste patrimônio e para a preservação para as futuras gerações. Eu gostaria que estas pessoas retornassem com os seus trabalhos, o que já seria uma coisa importante, que nós tivéssemos aqui um local que agregasse todos estes valores, este trabalhos... Que Paranapiacaba fosse melhor usada, com atividades que não degradem, que as universidades venham para cá, e que os funcionários da Administração que ficaram um bom tempo conosco, não nos abandonasse. Continuassem presentes, não como poder público, mas como pessoas apaixonadas por Paranapiacaba.

Declaro que o texto acima, reflete integralmente as minhas opiniões e pensamentos, e autorizo a sua reprodução total ou parcial, para os fins específicos da pesquisa acadêmica, realizada por Marco Moretto Neto, intitulada "*Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: os impactos das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico e comunitário de Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004*", que será apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

_____/_____/_____.

Assinatura

Rg/CPF. _____

PERFIL

- **Nome / Idade?**

Eduardo Pin, 40 anos

- **Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?**

Como morador, 6 anos, mas já era um freqüentador da Vila há mais de 20 anos. Primeiramente vim para a vila por uma questão afetiva. Desenvolvi minha formação em história e fiz meus primeiros trabalhos de conclusão aqui na Vila sobre imigração percorrendo os caminhos dos imigrantes da Europa até as fazendas de café. Foi quando conheci Paranapiacaba, então houve um encantamento pelo lugar e passei a freqüentá-lo como visitante.

Depois em um outro momento, quando a Rede Ferroviária tinha abandonado a Vila, eu me interessei em colaborar com a recuperação de uma casa. Minha idéia não era morar na Vila, mas ter uma casa para vir aos finais de semana quando eu freqüentava aqui. Então eu fiz a solicitação da casa e é nela que moro até hoje.

- **Qual papel você exerce hoje?**

Faço parte de um grupo de moradores, os monitores ambientais, apoiados pela Prefeitura, e fazemos atendimento turístico tanto na área de patrimônio ambiental, quanto histórico.

- **Quais papéis você já exerceu?**

Vim para Paranapiacaba em busca de qualidade de vida, procurar um local mais tranquilo para morar, morava em São Paulo e vim para a Vila com a idéia de lecionar.

- **Se houve mudanças de papel, o que influenciou?**

Quando já estava fixo na vila, surgiu a oportunidade de um primeiro curso de monitores. Como queria ter mais informações sobre o local e o patrimônio histórico, fiz o curso. Tinham 40 vagas para o curso e a população naquele momento não percebia as oportunidades do turismo enquanto renda e as vagas não foram totalmente preenchidas. Não sei se era um problema de comunicação que não atingia os interesses das pessoas. Trinta pessoas se inscreveram e apenas 12 chegaram até o final do curso. Estas pessoas então começaram a pensar na maneira se organizar, já que o turismo era uma possibilidade real em Paranapiacaba, mas acontecia através de um movimento predatório, as pessoas que vinham para cá, não contribuíam absolutamente com nada e não utilizavam a mão de obra local. Apenas três pessoas atuavam com monitoria - Zélia, Daniela e Elias - mas sem nenhuma qualificação específica. Conheciam a historia local, pois viveram ela. E o curso estimulou a organização da população para este tipo de atendimento.

Uma coisa que mudou muito nos anos que estou aqui é a fixação das pessoas, tinha um movimento de pessoas que entravam e saíam, porque não tinham vínculo, vinham em busca apenas de um lugar para morar e isso acentuou a degradação. Meu interesse era também em contribuir com o desenvolvimento da Vila neste aspecto.

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- **Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?**

Mesmo em longo prazo, se a ferrovia passar a ficar operante e há um movimento neste sentido, nunca mais a vila vai poder ser sustentável a partir da ferrovia. Mas sim através do patrimônio histórico, natural, através do turismo sustentável, que não pode ser um turismo de massas.

- **No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?**

A primeira mudança e que deve ser o ponto de partida de tudo foi no aspecto de geração de renda. As pessoas só vêm vantagem quando respondem "o que vou ganhar com isso?". Hoje nós temos 24 monitores sendo que 17 só fazem isso. Então toda a renda que eles obtém vem da atuação no local e isto é bastante considerável. Alguns deixaram empregos formais para se dedicar a isso, como é o meu caso, do Jorge e isso eu acho um grande ganho.

Outros ganhos não podem ser avaliados numericamente. A autoestima. Principalmente os jovens que hoje atuam na Associação de Monitores Ambientais, tinham vergonha de dizer que moravam em Paranapiacaba. Porque estavam excluídos, pelo relativo isolamento geográfico deles com a cidade... Hoje eles ganham a vida demonstrando o bairro em que moram e isso é motivo de orgulho e muda a relação do morador com o patrimônio.

Outro aspecto é o educativo, o grupo de monitores é bastante heterogêneo, antes tínhamos pessoas semi letradas e hoje isto mudou.

Outra questão é a de cidadania. Na época da ferrovia as pessoas tinham um sentimento que não faziam parte do município. A Rede dava casa, médico, água, luz. Não havia sentimento de cidadania. Quando a Prefeitura se instala aqui e os grupos organizados passam a ter acesso às políticas da cidade, isso é uma mudança significativa. Na AMA (Associação de Monitores Ambientais), nós temos representação da Vila no Contur (Conselho de Turismo), na Nudec (Núcleo de Defesa Civil) , no Fungephapa (Fundo de Gestão do Patrimônio de Paranapiacaba), no Conselho de Representantes e então, na verdade, a organização do grupo permitiu o acesso a cidadania.

- **Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?**

Em 2001 nós éramos um grupo informal na Vila. Atuávamos, mas não havia a formalização como pessoa jurídica. O curso de monitores ambientais realizado pela Prefeitura, através do Instituto Florestal, contribuiu para caracterizar a atividade do grupo como reconhecida.

O segundo momento que contribuiu para a consolidação do empreendimento e da associação foi a criação do Parque Nascentes de Paranapiacaba. Quando se criou

uma unidade de conservação e as regras de uso da área ficaram mais claras e obrigaram a utilização de um monitor ambiental, contribuiu para dar um impulso para associação e isso foi decisivo para a AMA.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- **Você acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?**

Efetivamente eu acredito que sim. Acho que uma questão que tem a ver com isso é a regulamentação da ocupação das casas. Isso é fundamental e hoje está mais claro que as pessoas tem que ter um vínculo com os imóveis, quitar seus compromissos de maneira regular... Até o comportamento do cotidiano teve modificações. Em Paranapiacaba o turista sempre foi visto como um invasor. Não era bem vindo aqui. Não se faz turismo sem hospitalidade. As pessoas pouco se importavam, pois o salário delas não dependia dos visitantes. Um ou dois que tinham ligação com o turismo. Quando se começa a mudar esta relação e com a mudança do perfil dos visitantes, os moradores viram a possibilidade do ganho. Hoje eles se importam se vai chover, a população também implica se há alguma atividade turística que eles não são informados, na própria atitude, no envolvimento, a gente percebe que as pessoas estão atentas as oportunidades que o turismo pode oferecer para melhoria da qualidade de vida delas.

- **Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?**

Eu acho que a maioria das pessoas que hoje mora em Paranapiacaba que são desligadas da ferrovia, aposentados, não moram na parte baixa, são exilados, como eu falo, moram na Parte Alta. Mas do ponto de vista de se manter em Paranapiacaba, há um transporte caro, virou uma cidade dormitório, mas para que haja possibilidade de ganhos para a população é preciso mudar a relação com o patrimônio, principalmente no sentido deles perceberem que o visitante vem aqui justamente para ver como são as casas... Isso cria um laço com a recuperação. As pessoas nem sempre fazem aquilo que é melhor para o patrimônio, mas eu sinto nelas uma vontade de melhorar as características da casa...

PARTICIPAÇÃO POPULAR

- **Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?**

Acho que sim. Acho que mais recentemente. Acho que por um tempo havia uma resistência natural, talvez porque não tinham um vínculo de cidadania. Eles achavam que não pertenciam a Santo André, porque Santo André era um local muito remoto para eles. Então este isolamento, não ter acesso ao serviço público, isso é uma queixa inclusive, porque a ferrovia dava isso tudo, não permitiam este vínculo. Quando a Prefeitura se instala aqui e oferece oportunidades de geração de renda e obter acesso aos serviços públicos, começa a mudar esta relação. Mas em um primeiro momento as pessoas não querem aceitar a mudança e preferem

ver tudo como sempre foi. Isso mudou muito nestes seis anos em que eu estou aqui, hoje as pessoas são menos resistentes às mudanças, às coisas novas...

- **Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?**

Não é o ideal ainda, as pessoas ainda estão muito preocupadas com seus umbigos. E o turismo funciona em ciclos, como uma cadeia. É preciso pensá-lo de maneira conjunta. Mas hoje, na cidade, existe uma política específica para Paranapiacaba e a população tem uma participação mais efetiva. Acho que existem espaços sim, mas ainda não são utilizados de uma maneira plena, porque participação é um exercício. Não conheço nenhum bairro em uma cidade do tamanho de Santo André em que haja tanto acesso a participação. Tem toda uma estrutura aqui que te permite o acesso direto. Você conhece as pessoas, tem um Conselho de Representantes... Hoje o morador que disser que não tem acesso, que ele não entende o que acontece é porque ele não tem desejo de participar. Para os que querem, o acesso está garantido.

FUTURO

- **Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo....)?**

Ainda não. Não acredito nisso não. Vejo a recuperação da Vila Paranapiacaba de uma maneira que envolva tudo isso. Nunca vai chegar o momento que o poder público possa se retirar.

Hoje nós temos infra-estrutura para o atendimento turístico, mas está longe do ideal. É preciso investir na qualificação dos moradores para o atendimento turístico e isto está longe do ideal.

- **Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?**

O poder Público na figura da Subprefeitura, as organizações dos empreendimentos, Associações, os empreendimentos de alimentação, os portas abertas, as hospedagens, todos os segmentos envolvidos com o turismo.

Algo que eu sempre sou muito explícito é em relação a esta coisa de "dar tudo pronto". Esse envolvimento é algo mais recente que está acontecendo. Na área de recursos naturais, as coisas foram feitas de maneira participativa de verdade, os monitores participaram, tiveram acesso e até hoje tem um respeito muito grande em ver tudo o que está acontecendo na área. Em relação ao patrimônio acho que isso ainda está distante. É preciso que haja uma política que envolva o morador nas decisões também. Do que ele acha mais interessante, do que ele julga mais importante do ponto de vista histórico, cultural... Às vezes se investe em um atrativo histórico, que não é os que os moradores vêem como mais importante. É preciso trabalhar mais com a consulta popular, é obvio que nem todos têm este interesse, mas aquele grupo mais envolvido com o patrimônio tem que ser trazido à participação. A maior parte das coisas de Paranapiacaba não é

mais a visão tradicional e esta é uma maneira muito interessante deles se apropriarem desta história.

- **Você acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?**

Quando mais recentemente nos mantivemos o PT na Vila eu fiquei mais tranquilo, porque a primeira gestão ainda não está consolidada, por isso que é muito importante um investimento direto na organização da comunidade, seja na qualificação, na organização dos grupos, porque isso que vai garantir a continuidade na mudança de um governo. Fortalecer os grupos que já existem, estimular a criação de outros em outros segmentos, criar uma co-gestão do patrimônio, trazer todos atores para uma instância, uma Fundação talvez. Mudaria o governo, mas as regras e a política não.

- **Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?**

Revitalização do aspecto da Vila, principalmente em relação às casas. Foi feito um investimento para restaurar os imóveis de maior interesse turístico, os prédio institucionais, importantes e que devem ser restaurados mesmo, mas Paranapiacaba é um conjunto e eu gostaria de ver as casas restauradas, pois criaria um vínculo maior do morador com a casa, aumentaria a autoestima, ninguém gosta de morar em casa caída.

Outra coisa é que como Paranapiacaba tem aparecido muito na mídia, o perfil de visitante mudou. Vem um público mais elitizado com um nível de exigência maior do que aquele que vinha. Para aqueles que vinham sempre aqui de maneira espontânea, há mais de seis anos atrás, se surpreenderão com os avanços. Para aqueles que vem pela primeira vez a exigência é maior e pode haver uma frustração. Por exemplo, hoje o visitante cada vez chega mais tarde na Vila e após as 18h os equipamentos estão fechados.

COMPLEMENTOS

Eu não tenho dúvidas da intenção do poder Público em recuperar a Vila, mas há um problema de comunicação. Essa comunicação tem que se afinar.

Penso em uma maneira de personalizar este atendimento. Muitas vezes por falta de entendimento o morador repete erros.

Também há pessoas na vila que não querem nada, não querem se envolver com o turismo, apenas morar aqui. E elas devem ser contempladas, desde que tenham compromissos em preservar o patrimônio público.

Declaro que o texto acima, reflete integralmente as minhas opiniões e pensamentos, e autorizo a sua reprodução total ou parcial, para os fins específicos da pesquisa acadêmica, realizada por Marco Moretto Neto, intitulada "*Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: os impactos das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico e comunitário de Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004*", que será apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

_____/_____/_____.

Assinatura

Rg/CPF. _____

Maria Aparecida Marques

**Coordenadora da Comissão da
Igreja Bom Jesus de Paranapiacaba
(13/07/2005)**

PERFIL

- **Nome / Idade?**

Maria Aparecida Marques, 48 anos

- **Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?**

Eu nasci aqui. Aqui é minha terra natal. Minha família era de Bragança Paulista, meu pai veio para cá, mais ou menos em 1950, porque trabalhava na ferrovia e já veio casado com a minha mãe e eu nasci aqui.

- **Qual papel você exerce hoje?**

Eu sou comerciante, assumi o bar do meu sogro que era português, e sou coordenadora da Comissão da Igreja Católica.

- **Quais papéis você já exerceu?**

Antes eu morava na parte baixa. Eu casei com 19 anos e fui morar na parte alta e comecei a aprender a trabalhar no bar com meu marido, minha sogra e meu sogro.

- **Se houve mudanças de papel, o que influenciou?**

Sempre fui comerciante e membro da comissão da Igreja católica.

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- **Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?**

Tudo o que tem aqui é atrativo, principalmente a água o ar limpo, sem poluição, o patrimônio histórico daqui é muito bonito, a ferrovia que está extinta em muitos Estados. Em muitas cidades foi extinta a ferrovia e aqui, pelo menos a de carga, nós ainda temos aqui. Tudo isso é atrativo.

- **No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?**

Quando tombou pelo patrimônio histórico, em 1987, a Vila ficou muito abandonada e isso nos entristeceu muito.

E isso de tombar, não seria para deixar abandonada, mas para a conservação. Mas estava tudo indo para o chão, principalmente quando começaram a querer arrumar a Vila como era antigamente e começaram pela igreja, quebraram a igreja quase toda e depois foram embora e nunca mais voltaram. Ai a comunidade se juntou e consertou e conseguiu conservar. Ainda bem que não mexeram em outros patrimônios, senão iria ficar tudo do mesmo jeito... O Castelo, o Clube, talvez ficasse abandonado do jeito que deixaram a igreja.

A gente estava muito triste por estar acabando tudo. Em setembro de 1997, houve uma invasão das casas, tinha mais de cem casa vazias, e houve uma invasão totalmente desordenada. As pessoas quebravam cadeados para entrar nas casas e por um ponto foi bom porque a população voltou a ocupar Paranapiacaba, mas por outro ponto foi ruim, porque era um pessoal sem compromisso com nada. Não pagavam aluguel, não conservavam a casa em que moravam. Isso ficou muito desordenado mesmo. As pessoas moravam nas casas apenas por morar. Não arrumavam uma cerca, não roçavam o quintal, não arrumavam o telhado, houve casas que até caíram por causa disso. Por falta de manutenção. Por causa desta bagunça. Tem até um caso engraçado de uma senhora que arrumou uma casa para ela morar, a deixou toda ajeitada e foi até outra casa para buscar os pertences dela. Quando ela voltou a casa já tinha sido ocupada por outra pessoa. Mas ela brigou e acabou ficando na casa. Mas era assim, quem tinha casa ruim ia para uma melhor e as casas ruins ficavam para pessoas de fora. Vinha gente até de outros Estados para morar em Paranapiacaba. Morar de graça, quem é que não quer?

Pelo que eu fiquei sabendo havia uma ordem da Rede Ferroviária que podia liberar as casas para que quisesse e as invasões aconteceram quase todas no mesmo dia e depois aos poucos foram chegando outras famílias.

- **Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?**

A mudança foi bem significativa. A Prefeitura colocou um pouco de ordem nas casas. Por conta das casas que estavam invadidas, sem pagar aluguéis. E até para conservar as casas também. As pessoas não ligavam muito e hoje as pessoas ligam para isso.

O patrimônio também, como o Clube (União Lyra Serrano) o Castelinho também, que estavam deteriorando. Então foi uma coisa muito boa que aconteceu, restaurar estes patrimônios. O Antigo Mercado também, que já tinha sido restaurado, mas por causa do tempo ficou sem conservar e começou a estragar de novo, ficar feio, o telhado caindo. Fui muito bom vê-lo de novo restaurado.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- **Você acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?**

A maioria não. Muitas pessoas não aceitam que tenha um dono, que ele mande, que ele exija... Eu acho que muita gente ainda fala que não paga conta de água, pega a conta e guarda e diz que não precisa pagar, a mesma coisa com os aluguéis.

Outro dia escutei uma história sobre conta de água. Diz que tem uma rua aí, que só uma pessoa paga a conta, então quando acontece de vazar algum cano, de faltar água, todos os moradores vão falar com este que paga, pois só ele pode fazer a reclamação no SEMASA. Então o povo se acomoda demais e isso é muito ruim, o pessoal não tem compromisso com nada.

- **Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?**

Eu acho que muita gente conseguiu aceitar por conta dos "Portas Abertas", do pessoal que começou a trabalhar com turismo. Isso foi um incentivo muito bom para as pessoas que conseguiram fazer o seu negócio. Tinha muita gente desempregada, que não tinha onde trabalhar, então isso foi muito incentivante, os "portas Abertas", os monitores, os guardadores de carro...

PARTICIPAÇÃO POPULAR

- **Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?**

Oportunidades elas têm, mas muitos não participam não. Tem muitos cursos que são dados e as pessoas não se interessam, eu não sei porque. As vezes eu fico achando que é porque eles acham que a prefeitura está mandando então não querem se envolver com a Prefeitura e isso não tem nada a ver, eles tinham mais é que aproveitar e muita gente não participa. As pessoas não dão valor ao que está acontecendo.

- **Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?**

Eu acho que falta o pessoal da Subprefeitura se envolver mais com a comunidade, em reuniões, apesar de que a gente sabe que muitas pessoas não aparecem nas reuniões. Mas eu acho que é preciso se entrosar mais, com alguma coisa que chame as pessoas para participar mais, a gente não sabe bem o que, mas eu acho que tem que ter mais envolvimento entre os moradores e o pessoal da Subprefeitura.

As pessoas da população vêm o pessoal da Subprefeitura como alguém que eles não podem chegar e conversar. Porque um tem uma cara amarrada, outro tem... Então as pessoas ficam receosas deste relacionamento.

FUTURO

- **Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo....)?**

Acho que ainda não. Falta muita coisa ainda. Aqui muita gente não se dá um com o outro, pensam, diferente, um não aceita que tenha um líder, alguém que saiba mais orientar, muita gente ainda não aceita isso. Precisaria ter mais convivência, mais união entre a população mesmo.

- **Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?**

Em primeiro lugar seria a Subprefeitura e depois a população que meteu as caras e conseguiu fazer seu negócio, seu comércio. São pessoas que tiveram a coragem de enfrentar. Os empreendedores, a AMA, os guardadores de carros, a gente vê que eles são bem organizados.

- **Vc acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?**

Eu penso que sim. Para evitar isso precisaria ter mais união entre os empreendedores, principalmente os "Portas Abertas". Eu que estou do lado de lá (Parte Alta) é diferente, mas quem está na parte baixa, tem que se organizar para criar força ter como combater com quem chegar aqui e quiser acabar com o comércio deles. É preciso que a comunidade se organize e se una.

- **Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?**

Gostaria de ver estas casas todas restauradas, o trem, o nosso trem andando ai nas linhas. Não só o que vai para São Paulo, mas o que vai para Santos também, pois dá muita saudade disso e é algo necessário para a gente que mora tão longe do centro. Gostaria de ver a população unida e Paranapiacaba como um lugar bonito.

Ver o que está sendo feito agora e mais. As vezes eu penso que as casas deveriam ser cada uma de uma cor, ai a cidade iria ficar bem bonita. A gente iria olhar lá de cima e ver as casas cada uma de uma cor. Iria ser a coisa mais linda...

COMPLEMENTOS

Acho que falei tudo.

Declaro que o texto acima, reflete integralmente as minhas opiniões e pensamentos, e autorizo a sua reprodução total ou parcial, para os fins específicos da pesquisa acadêmica, realizada por Marco Moretto Neto, intitulada "*Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: os impactos das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico e comunitário de Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004* ", que será apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

_____/_____/_____.

Assinatura

Rg/CPF. _____

Gersino Luiz da Silva

Conselheiro representante da população e
empreendedor na área de

ecoturismo

(21/07/2005)

PERFIL

- **Nome / Idade?**

Gersino Luiz da Silva, 48 anos

- **Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?**

10 anos de vínculo. Aqui é um lugar diferente que chamou muito a minha atenção pela natureza e como a gente gostava muito de fazer passeios aos finais de semana em locais que tivessem natureza, aqui foi o lugar exato para vir passear. Depois consegui um lugar para morar aqui e gostamos muito e estamos até hoje.

- **Qual papel você exerce hoje?**

Tenho um empreendimento que é a Ciclotur. Nós fizemos um investimento muito grande agora que é a compra do Trenzinho. O dono queria pegar ele de volta, o aluguel não estava compensando, então eu acabei comprando. Agora nós temos o trenzinho, as bicicletas, as oficinas de rapel... Eu também sou representante comercial autônomo e na comunidade local eu sou representante da comunidade no Conselho.

- **Quais papéis você já exerceu?**

Eu participo de todos eventos que têm, procuro estar junto em reuniões, participar da vida da Vila, para poder me inteirar e ajudar de alguma forma, a unir a comunidade e o governo. Fazer uma ligação de comunicação entre o pessoal, porque uma questão muito difícil em Paranapiacaba é a desunião entre todos, no caso, governo, moradores... Eu procuro unir, mas é uma questão muito difícil.

- **Se houve mudanças de papel, o que influenciou?**

A gente via a Vila muito abandonada na época (1994), tinha muito lixo, muitas coisas jogadas...A Rede tinha abandonado tudo, os trens pararam de vir...Então eu comecei a participar das ações, juntava a turma para catar lixo, nós formamos uma associação, a "Mãe Natureza", eu, o Eric (Lamarca), meu filho Jefferson, uma turma que ficava lá no Israel e tirávamos o lixo da rua... Eu comecei a me envolver desta forma, foi o que me motivou meu envolvimento nos projetos da Vila, e hoje quero me envolver cada vez mais para fazer algo para a vila.

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- **Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?**

A gente acha que é o turismo mesmo. É uma coisa que começou a dar certo. No início a gente já fazia passeio, levava pessoas para fazer trilhas, acreditamos muito nisso e começamos a fazer coisas ligadas ao turismo.

O (turismo) histórico na Vila é muito importante. Você pode ver que os meus trabalhos são nesta área, são passeios históricos na Vila e isso é muito especial. As pessoas que vêm para a Vila, que nunca vieram, que vêm pela primeira vez, querem saber a história. Uma história bem contada, um passeio bem feito é muito bem vindo para a Vila. Além disso tem a questão dos esportes radicais. A gente já conversou bastante sobre a "Vila Adventure" e é um sonho que isso aconteça e traga muitos eventos e público.

- **No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?**

As mudanças vieram mesmo com a vinda da Subprefeitura. A principal mudança é a limpeza que a gente brigava muito por ela e hoje é uma cidade limpa. Falta alguma coisa ainda, por exemplo a manutenção de vias, de ruas que são muito esburacadas e ai vêm aquelas mulheres de salto alto e caem...Mas hoje é uma cidade limpa e mudou também a manutenção das casas. Hoje é uma cidade que dá para freqüentar.

- **Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?**

A mudança é esta mesmo: a limpeza e manutenção da Vila. Na verdade a Prefeitura tem envolvido a comunidade e gostaria de deixar registrado o trabalho que a Ruth (Gerente de Recursos Naturais) faz pelo PJ (Programa de jovens), voltado para o social e sério. Quando fica sabendo de algum problema ela conversa com a pessoa e acaba levando para o PJ e faz um trabalho bonito. É um trabalho que todo mundo percebe e se pudesse estender para o restante da comunidade, iria ter todo o nosso apoio, todo mundo iria se envolver com isso e ajudar.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- **Você acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?**

Não, ela não aderiu. Os motivos são vários. Eu acho que não foi feito um estudo antes, o que foi feito foi muito prematuro, as pessoas, os profissionais não tiveram cuidados... Porque fazer a remoção de uma pessoa de uma casa para outro, de uma família inteira, está mexendo com a vida das pessoas... A pessoa mora em uma casa há dez, vinte anos, até ele se adequar a outra é difícil... Deixar uma casa em que seus móveis estão sobre medida. É igual procurar uma namorada, quando você procura uma casa para morar. É difícil tirar uma pessoa do habitat dela. É como tirar um bicho do mato e trazer para a cidade. Quando a mudança é grande, ninguém aceita de uma hora para outra. Eu acho que não foi bem feito e você pode ter números disso.

- **Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?**

No início foi muito difícil. Aqueles que aderiram foram aqueles que se envolveram, que se convenceram a se envolver no projeto de turismo. Aderiram com uma certa resistência, mas aderiram. Mas muita gente ainda continua contra. É difícil mudar a cabeça das pessoas, não muda de uma hora para outra.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

- **Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?**

Na minha opinião, o espaço que é dado para a comunidade ainda é muito pequeno. Eu tenho conversado com alguns moradores e achamos interessante fazer uma avaliação dos últimos seis meses do governo, porque a gente não teve muita possibilidade de opinar ou fazer alguma coisa para ajudar a Administração a desenvolver os trabalhos mais rápido, que o pessoal aceitasse qual a opinião do povo. Porque quando a Administração não sabe qual a opinião da comunidade, uma visão completa, toma decisões que fere muita gente. E hoje tem moradores que não gostam de funcionários da Administração e se o governo fosse montado com pessoas envolvidas com a comunidade, com programas sociais, mais populares, ganharia as eleições brincando.

- **Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?**

Desde que eu vim para cá, a minha vontade é de unir o pessoal. Mas é difícil, precisa encontrar uma forma. Jogos de futebol...

Os espaços existem. Eu acho que deveria ser convocadas plenárias pelo menos uma vez por mês e conversar sobre os problemas da vila, a maneira de se administrar... Fazer mais festas para o pessoal ficar mais junto, um evento, uma coisa que tentasse unir mais o pessoal. Eu não sei qual que é a maneira ideal, mas tem que ajustar isso.

FUTURO

- **Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo....)?**

Ela não caminha sozinha. É difícil para uma comunidade caminhar sozinha, é preciso achar um grupo da comunidade com mais carisma para lidar com eles e as pessoas da Administração desenvolver estes grupos. Seria preciso que pessoas da Administração morem na vila para conhecer os problemas, para conviver com o pessoal, ver a dificuldade de sair daqui e ir a um mercado em Rio Grande da Serra. A dificuldade para se deslocar para trabalhar, arrumar um emprego em São Paulo ou em outro lugar e ter que sair de madrugada, na chuva e voltar nove, dez horas da noite... Se a pessoa que administra sente tudo isso, então quando for mexer com qualquer pessoa da Vila, ele saberá o quanto esta pessoa é

sofrida, o tanto que ela luta para se manter aqui e se está aqui é porque gosta da Vila. Porque não é fácil e não é barato. Dizem que o aluguel daqui é barato, que é envolvido com turismo só paga uma taxa, mas é muito caro morar em Paranapiacaba. Para você ter idéia, neste ano, nos últimos seis meses eu já gastei cerca de quatro mil reais na manutenção do meu carro. E quem não tem carro tem que carregar sacolinha de dedo, carregar nas costas, pagar táxi, pagar Perua para trazer compras... A dificuldade é grande.

- **Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?**

Hoje seria a Subprefeitura. Teve uma época que nós formamos um grupo, o Grupo Gestor do Turismo, que deu uma arrancada boa. Mas se desfez e nós temos sonhos de que ele volte. Um grupo deste tipo seria capaz de tocar (o projeto). Este grupo ainda está vivo, parou por causa de algumas desavenças entre pessoas, mas não devia ter parado. Eu tenho sonho que este grupo volte, talvez com outras pessoas e lidere isso. Mas precisa de uma pessoa bem mais esclarecida, para dar alguns conselhos, alguma direção para a gente e mediar as discussões, porque as discussões não podem virar brigas.

- **Você acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?**

Com certeza. Quando muda de governo, muda toda a equipe. Nós teríamos que formar um Conselho da comunidade e garantir a permanência dele. Seriam dois governos, um que manda e outro que faz a ligação governo / comunidade. O Conselho da Comunidade deveria estar se renovando, entrando gente nova, mas mesmo mudando o governo ele continua. E o novo governo iria ter que ouvir primeiro o que esta acontecendo para tocar de uma forma que não interferisse no andamento dos projetos que estavam vindo antes.

- **Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?**

Gostaria de ver uma vila bem cuidada, todas as casas restauradas e ruas, vias todas iluminadas, com manutenção feita. Onde for asfalto, por asfalto, Onde for calçamento, colocar calçamento. E com o turismo realmente pegando forte, não só no Festival de inverno, mas todo o período. Termos um calendário de eventos para o ano inteiro. Condução para todo mundo, enfim garantir condições de sobrevivência de uma maneira mais fácil.

COMPLEMENTOS

Acho que tudo o que eu tinha a falar eu falei em cima das perguntas que você fez.

Declaro que o texto acima, reflete integralmente as minhas opiniões e pensamentos, e autorizo a sua reprodução total ou parcial, para os fins específicos da pesquisa acadêmica, realizada por Marco Moretto Neto, intitulada "*Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: os impactos das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico e comunitário de Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004*", que será apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

____/____/____.

Assinatura

Rg/CPF. _____

Edna Maria Cavalcante de Miranda

**Conselheira representante da população e
Coordenadora da Comissão do Entrepasto Cultural
(26/07/2005)**

PERFIL

- **Nome / Idade?**

Edna Maria Cavalcante de Miranda, 44 anos

- **Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?**

Nasci aqui tenho, 44 anos de vínculo. Meu pai era de Minas, fugiu da fazenda do meu avô e veio morar aqui em Paranapiacaba. Aqui ele se tornou ferroviário. Não lembro as datas. Aqui ele conheceu minha mãe que era empregada doméstica e trabalhava na Rua dos Engenheiros. Eles se casaram e foram morar no porão do Nacif, na parte alta que hoje já não existe mais. Foi lá que eu nasci. Quando eu tinha seis meses, sou primogênita de oito filhos, nós fomos morar na Serra, no terceiro patamar. Com seis anos fomos para parte Alta, morar no Kanep que hoje também não existe mais. Era onde fica hoje o Funicular. Com onze anos fui morar na Vacaria e de lá sai para casar.

- **Qual papel você exerce hoje?**

As pessoas me tratam como líder comunitária. Tudo que é problema eles vêm atrás de mim. Existia aqui na Vila um problema muito grave – uma ditadura.

Quando a Rede Ferroviária sumiu daqui, eu não vou citar nomes, algumas pessoas assumiram e isso começou a virar uma favela. As pessoas começaram a reclamar, porque mandavam os ferroviários embora e quando você é ferroviário e fosse embora da firma, tinha que deixar o imóvel. Isso era de praxe. Mas como a Ferrovia foi embora daqui, ela deixou uma pessoa para poder mandar. Como um Coronel, tinha um coronel aqui. Então as pessoas começaram a me procurar e eu comecei a ajudar, a entrar nos conselhos, inclusive agora com a chegada da Subprefeitura, me incluí nos Conselhos que tem aqui e continuo. Faço parte do Conselho de Saúde, do Conseg, do Conselho da Escola, coordeno o Entrepasto Cultural e o Mercado das Artes e outros que eu não estou lembrando agora.

- **Quais papéis você já exerceu?**

Não tive outros papéis.

- **Se houve mudanças de papel, o que influenciou?**

Hoje eu tenho com quem falar. Hoje eu tenho a quem recorrer, antes como era uma ditadura, você não tinha portas abertas. Para você ir à Rede Ferroviária reclamar era uma dificuldade. Hoje eu tenho onde bater.

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- **Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?**

O Turismo, principalmente os atrativos dos imóveis, da parte arquitetônica.

- **No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?**

Na época da ferrovia era tudo a mil maravilhas. Houve mudanças boas com a Prefeitura e outras ruins. As boas é que acabou a ditadura e as invasões. Antes as pessoas entravam nos imóveis e até hoje a Prefeitura tem problemas para tirá-los. Hoje com as licitações ficou melhor. Uma das coisas ruins, foi que algumas pessoas que moravam aqui, no primeiro ano da Subprefeitura, foram tiradas daqui. Houve alguma coisa errada e este para mim foi o pior erro que a Subprefeitura cometeu o resto está dez.

- **Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?**

Gerou empregos, quem vinha para cá não tinha onde trabalhar, hoje tem. O mercado das artes... Até catador de latinha, vivem com os eventos grandes. Em todos os aspectos gerou renda, dinheiro para o povo. Quem disser para você que não está ganhando dinheiro aqui na Vila está mentindo. Mudou completamente.

Tem também a proteção da mata, com os agentes ambientais, com os monitores. Hoje você não vê ninguém invadindo a mata, deixando lixo... Até nós moradores temos uma carteirinha para entrar na Mata. É bom porque também caiu o número de pessoas desaparecidas, mortas no meio do mato. Isso quando eu era mais jovem acontecia direto. Meu pai várias vezes tirou pessoas da Mata, até algumas mortas.

A segurança também melhorou muito. Mas também trouxe algumas coisas ruins, porque com o turismo vêm também alguns aproveitadores. Temos muitos especuladores aqui ainda.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- **Você acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?**

As pessoas de bem, a maioria sim. Agora aqueles que são invasores, aproveitadores, para não dizer outro nome, vão lutar sempre contra.

- **Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?**

Foi ai que entrou a gente. A Igreja Católica foi muito importante nisso. Como os moradores viam a gente conversando com a Administração e explicando para eles que as coisas que estavam acontecendo era para melhorar a vida deles, aos poucos eles foram se adaptando. Para eles, quando a Prefeitura chegou aqui era apenas "mais um para querer mandar". Mas ai a gente ajudou a ver que não era nada disso e a Administração sempre teve portas abertas para o diálogo.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

- **Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?**

Quem é interessado participa. Tem aquele problema, que muitas pessoas reclamam para a gente, mas quando são chamadas para uma reunião, como a do Conselho de Representantes, que é uma boa reunião, elas colocam uma pauta mas não comparecem. Tiram o corpo fora, ficam em cima do muro, querem que você lute por ela mas não querem comparecer. Assim não dá para ajudar também.

- **Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?**

Existem os espaços. O Conselho, a própria Subprefeitura. Por exemplo, o problema das casas, as pessoas reclamam com a gente e nós dizemos vai lá e conversa no departamento, marque hora, a gente orienta eles. Se eles vão lá bater na porta a gente nem sempre sabe. Mas as pessoas ainda atuam de maneira individualizada, olham só para o umbigo. Se tiverem três famílias com o mesmo problema, eles não querem se unir para vir conversar. Pensam: "Eu vou resolver meu problema, se você quiser resolva o seu". Isso é cultural.

FUTURO

- **Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo....)?**

Não tem clareza de jeito nenhum. Até hoje têm pessoas que questionam a compra da Vila. Que a Vila foi arrendada, que a Prefeitura não comprou...São pessoas completamente leigas.

- **Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?**

A Subprefeitura.

- **Você acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?**

Com certeza. Se mudar o governo a Vila cai. Hoje, francamente eu não sei o que poderia ser feito para evitar isso se houver mudança de governo. Uma coisa é certeza, eu ia lutar muito.

- **Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?**

Gostaria que tivesse mais eventos e todas as casas restauradas. Devia ter uma parceria com a Subprefeitura como tinha com a Rede. Se uma cerca caísse a Rede dava o material para refazer. No meu tempo estas casas aqui eram todas pintadas. Por exemplo, o restauro do Castelo, eu acho que não é um restauro, mas sim uma reforma, as aquelas cercas faz muito tempo que não via aqui. Buscaram nas fotos e colocaram lá. Não ficou bonito? As casas pintadinhas, os telhados, não precisam ser limpos, mas reformados, tirar estes puxadinhos... Quem olha lá da parte alta vê lona amarela, lona preta... Para quem chega vê

que a Vila está feia. Eu queria que daqui a cinco anos estivesse tudo arrumadinho e no mesmo padrão como era antigamente, porque hoje em dia não se vê mais isso.

COMPLEMENTOS

Acho que falei tudo. É só isso mesmo.

Declaro que o texto acima, reflete integralmente as minhas opiniões e pensamentos, e autorizo a sua reprodução total ou parcial, para os fins específicos da pesquisa acadêmica, realizada por Marco Moretto Neto, intitulada "*Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: os impactos das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico e comunitário de Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004* ", que será apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

____/____/_____.

Assinatura

Rg/CPF. _____

Zilda Maria Bergamini

Comerciante
(15/07/2005)

PERFIL

- **Nome / Idade?**

Zilda Maria Bergamini, 53 anos

- **Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?**

Eu vim morar aqui no dia 12 de maio de 1970, faz 35 anos.

- **Qual papel você exerce hoje?**

Sou comerciante, minha vida depende da Vila. Minha família trabalha comigo.

- **Quais papéis você já exerceu?**

Já trabalhei bastante para a Vila. Já trabalhei na escola, no posto de saúde, para a ferrovia. No Posto de Saúde trabalhei nove anos, quatro como faxineira e depois fiz um curso e trabalhei mais cinco anos como atendente e hoje eu sou Conselheira (representante da População) da Saúde em Paranapiacaba.

- **Se houve mudanças de papel, o que influenciou?**

Eu sempre participo de movimento comunitários, faço parte da Associação de Amigos de Bairro, fiz vários concursos, festas juninas... Mas a época que eu comecei a me envolver mais com a Vila foi quando houve o Simpósio para o tombamento. Eu fazia parte do Conselho da Rede (ferroviária) e fui convidada a participar deste Simpósio. Ai eu vi a necessidade de começar a trabalhar, pois vinha muita gente e não tinha comida, então saiu a idéia de fazer barraquinhas. Não tinha como ter comércio, era até proibido pela Rede. E ai nós começamos a trabalhar, tinha cinqüenta e seis barraquinhas e a minha era a vinte e um. Elas ficavam em frente ao Lyra.

Depois do tombamento, ainda continuou a vir muita gente e nós tivemos a autorização da Rede para trabalhar no Largo dos Padeiros em uma feirinha. Eu trabalhei lá em 1987, 88 e 89. Em 1989, eu peguei o ponto que era de uma quitanda, tive que pedir para a Rede, levantar documentação, demorou uns seis meses. Ai eu comecei a trabalhar lá e estou até hoje.

Na época do simpósio eu dava aula em Ribeirão (Pires). Tinha me formado como professora primária. A partir da participação no Simpósio que mudou minha atuação na Vila. Eu dava aula para a terceira série e passei a trabalhar com a barraquinha. Para mim era melhor. Eu ganhava mais e estava perto de casa e não parei mais até hoje.

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- **Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?**

Turismo histórico, por ser um patrimônio tombado. Único no mundo praticamente, porque uma Vila como esta não tem outra. E agora que o pessoal descobriu que trabalhar com turismo é bom, acho que ninguém vai parar mais. A

vocação é turismo agora. Funcionários da ferrovia tem poucos. Antes a vocação era só ferrovia. Tanto meu pai, meus irmãos, meu marido, só meus filhos que não foram ferroviários, porque não deu tempo. Antes era ser ferroviário, hoje é ser empreendedor e atender bem o turista, de qualquer maneira, seja como monitor, como comércio, é o jeito que a gente vê para viver aqui.

• **No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?**

Muitas. Quando eu vim morar aqui em 1970, era uma época boa da ferrovia. Eu fiquei um bom tempo sem trabalhar. O que meu marido ganhava dava para manter um padrão bom de vida. A Vila era exclusivamente ferroviária e a gente vivia assim, no horário de trabalho, trabalhava e no resto do dia era reunião com amigos, festa de rua, passeios de trem... O trem era a maior facilidade, a gente andava de graça, era uma época boa.

Depois eu comecei a estudar, comecei a ver a vida diferente, comecei a trabalhar... Ai já mudou um pouco o aspecto, mas era bom ainda.

Depois veio a época da decadência da Vila. Ai começou a cortar as viagens de trem, as bolsas de estudo... Meus filhos estudavam em colégio particular, pago pela ferrovia. Em 1989, 90, 91, já estavam bem fracas as coisas. Foi quando veio a época da privatização. Então teve um incentivo para quem queria continuar na ferrovia e quem queria ir embora, mas nós não fomos embora. Depois veio a aposentadoria do meu marido e mesmo com a crise que ferrovia estava, tinha aquela coisa que funcionário aposentado tinha três meses, noventa dias para desocupar a casa. Mas na época que meu marido aposentou, nós ainda ficamos dois anos, porque não estavam contratando ninguém, então não vinha ninguém para morar nas casas, pois estava fechada a admissão. Então ficamos dois anos e foi o prazo para receber o dinheiro da ferrovia e construir uma casa em Ribeirão. Eu já estava trabalhando, agora eu falo empreendedora, mas naquela época era barraqueira mesmo e já ajudava bastante no orçamento. Nós conseguimos construir uma casa boa, mas na hora de mudar foi difícil. Ninguém queria mudar. Apesar da casa ser melhor, do lugar ser melhor, as crianças não queriam. A Daniela chorou muito, porque não acostumou lá. Ela foi a primeira a que voltou. No ano seguinte eu fiz o contrato de uma chácara, porque a gente queria voltar para cá, mas também não deu certo. O homem faleceu, a família entrou na justiça e está assim até hoje. Mas ai a Rede estava naquela época que não tinha mais ninguém, então eu consegui fácil uma casa para mudar e depois logo consegui comprar este lugar onde eu trabalho hoje. O ponto era de graça, que era da Rede, mas as instalações ele cobrou caro. Eu não tinha nem condição de comprar. Ele devia conta de luz, conta de água, não tinha firma... Foi difícil, mas eu consegui colocar tudo em ordem. E hoje eu vejo a vida diferente aqui, não existe mais a mãe que era a Ferrovia, porque e se faltasse um parafuso, qualquer coisa em casa, você ia nos galpões da ferrovia e buscava e quando terminou as atividades, o pessoal teve que começar a trabalhar, fazer cursos diferentes... Aquela idéia que o filho iria ser ferroviário, já não existe mais. Não havia mais interesse em trabalhar na ferrovia. Então começaram a fazer uns cursos diferentes, a trabalhar no comércio e esqueceram a ferrovia. Logo parou de vir os trens, o subúrbio, que era o elo de ligação nosso com a capital, a cidade. Nesta

época de decadência, da privatização, passaram três anos que ninguém queria. Grandes investidores até que queriam, mas não podiam, porque o Condephat não permitia mudanças. A Ferrovia segurava muito. Teve uma época que falavam que iriam vender as casas para os moradores. Era uma proposta que vinha da Ferrovia, mas tinha que ser oferecido para os órgãos públicos primeiro, para a Prefeitura, não sei como que era. E se eles não quisessem é que passaria para os moradores. E aí a Prefeitura quis. Nestes anos a gente não sabia quem iria ficar com a Vila, se a gente que iria continuar morando se iria ter que ir embora e até a acostumar com os padrões que são totalmente diferentes, a Ferrovia agia de uma forma, a Prefeitura de outra, mas a gente conseguiu se adaptar bem. Hoje acho que está bem. A Prefeitura, por sorte nossa tinha, o mesmo interesse que a gente, que era transformar isso em um lugar turístico, onde a atividade agora é exclusivamente atender o visitante. Foi difícil o primeiro ano, o segundo, mas agora está melhorando bastante.

- **Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?**

Nesta última época, nestes últimos anos, a gente está com mais liberdade. Para trabalhar, para expor as vontades da gente, porque tem apoio e antes não tinha. Tinha que dizer "sim senhor" e pronto. Este ano está sendo o melhor ano, não que os outros não foram importantes, mas é que toda mudança é difícil e as vezes gente não se adapta a mudança assim de repente. Tem coisas, que inclusive eu, demorei para entender. E como o pessoal depende muito da gente aqui, se você demora para entender, o povo também demora. Agora, neste ano, já está bem mais compreensível, apesar de ter pessoas que ainda não aceitam a mudança, mas é para a melhoria.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- **Você acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?**

Aderiu assim, a parte interessada, que é a parte dos empreendedores e os novos moradores. Agora têm moradores enraizados que além de não aderir, ainda tem idéias contra, movimentos tipos " nós não vamos aceitar". Mas agora acho que eles estão se convencendo de que isso não é mais possível. Até há bem pouco tempo tinha gente que falava "eu não tenho nada a ver com Prefeitura, eu pago meu aluguel em juízo, eu sou ferroviário". Hoje já não tem tanto este tipo de gente, até bem pouco tempo tinha. E quando vinha uma mudança que não era boa para eles, normalmente eles colocavam isso na cabeça de pessoas mais simples e ficava difícil deste povo entender que hoje a gente tinha um novo dono e que era bom para nós, porque tinha mais liberdade. Hoje está mudando, apesar do fator da dívida, que tinha gente que achava que nunca iria ter que pagar nada, hoje está sendo chamada para pagar e durante um mês, dois, fica na revolta falando, mas depois já se acostuma com a idéia.

- **Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?**

De início, eles eram totalmente contra e hoje ainda tem gente contra. Na parte baixa menos, na parte alta é uma rejeição total, eles acham que o turismo só atrapalha, faz barulho, vandalismo... Na verdade eles não observam que não é só o turista que faz vandalismo, não é o turista que depreda... Agora que a gente está tendo mais oportunidade de ficar junto, conversar, acho que alguns já estão entendendo isso e estar deixando de fazer um bloqueio, porque o turista hoje chega aqui pela parte alta. Antes a gente não dava nem ouvido às reclamações deles porque o turista chegava pela estação (ferroviária) e já vinha para cá (parte baixa). Por mais que eles reclamassem que o barulho não deixava eles dormirem, que o turista falava palavrão, mas como não ia para o lado deles não tinha muito problema. Depois que parou o trem e o turista começou a chegar lá em cima, aí teve muita rejeição. O pessoal não aceitava e se a gente defendia eles diziam que era pelo dinheiro. A preocupação deles era só com o dinheiro que a gente ganha, mas os maus pedaços que a gente passa não preocupa ninguém.

Hoje eles não chegam no turista e falam mal, não esperam o ônibus para dizer para o pessoal voltar que aqui não tem nada... Até isso eles faziam! Parece uma coisa de mexeriqueiro, mas era isso que acontecia. Às vezes chegava carro com família e perguntava "onde fica tal coisa" e eles respondiam "aqui não tem nada para turista ver, tudo se acabou, a ferrovia se acabou, a Prefeitura não quer saber de nada, os moradores exploram... Acho melhor vocês irem para outro lugar." Agora não, agora já não se vê mais este tipo de coisa. Até eles estão trabalhando e atendendo o turista.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

- **Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?**

Acho que sim. Tem bastante contra, mas se alguns aceitam, principalmente as lideranças, eles aceitam também.

Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?

Bastante individual. Mesmo tendo a idéia que precisa ser conjunto, muitas vezes não é. A pessoa concorda, mas depois ela age de forma diferente.

Para decisões conjuntas tem as reuniões que a gente faz normalmente no Conselho, existem também as associações locais, igreja eu acho difícil falar que contribui, porque não contribui e a escola. Mas falta interesse, muitas vezes a gente é convidado para reuniões importantes e vai poucas pessoas. É sinal que poucas pessoas se interessam pelas mudanças que acontecem, independente da vontade deles, acaba acontecendo. Só que a maioria não aderiu e aí aparece uma idéia de um morador novo, que não tem raiz, não sabe o que está fazendo...Então se os moradores mais antigos e com maior consciência da preservação do patrimônio histórico participasse, seria melhor. Tem gente que sabe muito, mas não contribui nada com estas mudanças.

FUTURO

- **Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo....)?**

De jeito nenhum. Agora ela está se preparando para isso, mas ainda falta bastante.

- **Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?**

Depois que tirou a força das falsas ONGs que até um ano atrás, dois, vinham... Acho que agora é a Prefeitura mesmo. Poder público que fala, né? Até pouco tempo era o poder público, morador e as ONGs. Falsas ONGs que nunca fizeram nada para cá tinham mais poder do que quem tava trabalhando e isso dividia muito as pessoas. Hoje a realidade é que eles viram que o espaço fechou para eles. Como eles realmente não estavam à serviço ou saiam dos programas, então melhorou bastante.

Hoje eu sou independente, tenho uma firma, não dependo da Prefeitura, mas se você for analisar, realmente não existe (outro responsável pelo desenvolvimento da Vila). Existem movimentos, associações, ONGs, mas não tem o poder de colocar alguma idéia em prática, de fazer alguma coisa... Faz assim, reuniões no centro da cidade, se intitula como representante, como se adotaram Paranapiacaba, mas nunca pôs nada em prática. As ONGs antes pegavam dinheiro de organizações que destinavam para cá e nunca chegava aqui. O Castelinho mesmo, quando a Prefeitura pegou, há muito vinha recebendo dinheiro para a reforma dele e ele estava caindo. Eu participei de muitas reuniões onde a verba estava destinada para cá e não chegou aqui. O Parque Estadual da Serra do mar, nós fizemos reunião, fizemos movimento na Secretaria do Estado, entregamos em mãos do próprio secretário e nunca fizeram nada pelo Parque. Foram implantar uma ordem agora, depois que a Prefeitura assumiu. Então aquela parte de movimento, de muitos grupos que participavam e tudo, na verdade não levava a nada. Enquanto tinha Ferrovia, nós corríamos a trás, brigava, batia pé, e ela como dona, mesmo contra vontade, fazia algo. Depois que acabou, a gente tinha em um levantamento que eu fiz uma vez, umas vinte e cinco ONGs que na verdade, para Paranapiacaba, não traziam nada. Lamentavam a decadência, falavam da sujeira, lamentavam as casas caindo, faziam jantar para arrecadar dinheiro para isso, mas não retornava nada. Lembra da casa onde hoje é a "Casa Fox". Ela ganhou muito dinheiro para se levantar e só não caiu totalmente porque a Associação (de amigos de bairro) fez o telhado dela. Mas não deu tempo de fazer isso com a Pensão Velha, com a Padaria velha, então deteriorou tudo. A Casa Fox, o Castelinho, o Mercado... Houve movimento até para implosão do Mercado, porque estava perigoso cair na cabeça de alguém. Ai as ONGs vinham e diziam que não que era contra o patrimônio histórico... Não pode, mas a gente não tem dinheiro para o restauro, vai esperar cair na cabeça de alguém? Eles faziam movimento, mas não tinham ação.

- **Vc acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?**

Se fosse hoje sim. Futuramente a gente não sabe como vai agir. Para garantir que continuasse, os moradores tinham que aproveitar esta chance que estão tendo para assumir o lugar como responsáveis, já que outras pessoas vão assumir depois (o governo).

- **Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?**

Como aqui é um subdistrito, vai ter sempre uma Subprefeitura. Gostaria de ver estas pessoas sempre voltadas para os interesses da Vila. No começo a gente sentiu que tinha que puxar Parque Andreense. Hoje a gente sabe que o Parque Andreense faz parte da área de manancial, uma área grande totalmente descuidada, 56% (do território da cidade) que é maior que Santo André (área central). Mas antigamente, não tinha lugar onde dava para sobreviver. O Parque Andreense era decadente, Paranapiacaba estava se acabando... Hoje o pessoal está estudando, está trabalhando, a única coisa que continua preocupando é o transporte. O transporte aqui é caro, isso tem que mudar. A administração tem que continuar, não sei como é esta questão de dinheiro que em alguns lugares está vergonhoso, mas aqui até agora é transparente. A gente tem 53 pessoas (no Conselho) que, não é que decidem, mas tem mais interesse, participação, pensam da mesma forma, sabe como é que estão as despesas, como estão investindo...Vê as coisas sendo feitas, entende as dificuldades, porque a área é grande. A gente não sabia do Parque das Garças e que lá também tinha que fazer as coisas. Hoje o pessoal já tem mais consciência quando critica.

No ano passado tinha muita revolta, porque um puxava para um lado e outros para outro. Quando começam a puxar para o mesmo lado a coisa melhora um pouco. Hoje nós já conseguimos neutralizar cinco pessoas que tinham outros interesses. Não vou dizer o nome porque você não tem nada com isso é coisa da comunidade, da vila, uma coisa antiga. Pessoas que dividiam o povo em grupos e o povo dividido não chega a lugar nenhum. Eu acho que política tem importância, mas não é tudo. Se o povo estiver desunido, não tem político que dê jeito, por melhor que ele seja. Eu já vi passar, nestes 35 anos, quantas Administrações? E muitos passaram e não fizeram nada. Outros quando a gente solicitava, faziam alguma coisa. As pessoas dizem: " O Dr. Brandão nunca fez nada para cá!" É porque eles não querem ver. Ele fez. Não fez tudo o que poderia fazer, mas fez. O Celso Daniel não teve tempo. Eu fui a primeira pessoa para quem ele falou as idéias dele sobre Paranapiacaba. Sentada na escada do Castelo, ele disse que queria transformar isso em patrimônio público da humanidade, onde os moradores seriam guardiões. Acho que ele teria muito orgulho de voltar hoje aqui e ver que esta caminhando para isso. Eu não sou de defender partido político ou pessoas, mas sempre ajudei porque gostava muito dele. Hoje o Avamileno está puxando para o nosso lado. Não vai fazer milagre, mas o que ele prometeu para a gente em uma reunião, até agora ele está cumprindo. Então a nossa obrigação é cumprir a nossa parte agora.

COMPLEMENTOS

O pessoal reclamava muito que não tinham voz, que não eram atendido...Acho que este ano isso já foi corrigido, mas por menor que ela seja, pode estar contribuindo para o desenvolvimento que interessa para nós hoje, que é o turismo. Mas é preciso ter mais atenção na entrada de pessoas (na Vila), para elevar um pouco a raiz, porque um patrimônio histórico sem história, não vai sobreviver. O nossa principal preocupação, é claro que tem o transporte e o patrimônio que já está sendo restaurado, o Castelinho, o Mercado, o Clube e as casas que os empreendedores também estão trabalhando para isso, mas falta ainda o Museu Funicular. Não sei se vai ser uma luta ou vai ser fácil, mas ele pertence a Paranapiacaba e não a outra organização.

Declaro que o texto acima, reflete integralmente as minhas opiniões e pensamentos, e autorizo a sua reprodução total ou parcial, para os fins específicos da pesquisa acadêmica, realizada por Marco Moretto Neto, intitulada "*Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: os impactos das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico e comunitário de Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004* ", que será apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

____/____/_____.

Assinatura

Rg/CPF. _____

PERFIL

- **Nome / Idade?**

Valéria Volk, 37 anos

- **Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?**

Eu moro na Vila há 4 anos, mas já participava da Semana do Ferroviário desde 1998, colaborando com a ONG SPR – Paranap como associada.

- **Qual papel você exerce hoje?**

Eu sou fomentadora de geração de renda através do artesanato cerâmico e agora em vidro também. Meu trabalho é organizar o movimento cultural e qualificar esteticamente artistas e artesãos locais. Além de coordenar o Núcleo de cerâmica, organizo os encontros e rodas de cultura popular.

- **Quais papéis você já exerceu?**

Nas Semanas do Ferroviário eu sempre trabalhava com as programações, com a Zélia Paralego.

- **Se houve mudanças de papel, o que influenciou?**

Antes eu não morava aqui e quando vim morar a minha intenção era trabalhar com fotografia. Como vi que a comunidade tinha muitos problemas sociais, percebi que teria que trabalhar algo que juntasse a arte com a geração de trabalho e renda, dentro desta realidade. Em um passeio com o Tony Gonzagto, conheci as minas de argila lá do Taquarussu e vislumbrei a possibilidade de no futuro utilizar a matéria prima daqui e criar um Núcleo de cerâmica local, que juntasse a comunidade de baixa renda, a qualificação dos artistas e artesãos e esse trabalho com o terceiro setor.

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- **Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?**

Em primeiro lugar o turismo histórico, junto com o ambiental. E eu vejo um grande potencial para o turismo cultural. Penso na criação da Universidade Livre das Artes de Paranapiacaba, local para pesquisa de linguagem e turismo cultural.

- **No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?**

Percebi que a comunidade conseguiu se organizar, principalmente porque houve uma alteração das lideranças. Havia um grupo de liderança viciado, sempre girando em torno do mesmo assunto. Com a vinda da Subprefeitura, quebrou o monopólio destas lideranças, incentivando o surgimento de outras lideranças. Houve a implantação de alguns serviços que não existiam. Antes a Vila era coordenada por comerciantes que tinham ótimas intenções, mas nenhum conhecimento e algumas pessoas, uma elite local, que entende um pouco de

memória, mas nada de política e tinha um outro fator que era um cara do Sindicato dos Ferroviários e estas três lideranças nunca tinham uma visão do conjunto da vila e os moradores não tinham um local neutro para fazer suas solicitações e conseguir a transformação.

- **Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?**

Eu acho que houve. O meu papel começou como presidente da Comissão Cidadã, porque em um primeiro momento eu senti que a Prefeitura tinha um projeto que tinha um discurso de participação popular, mas no início do primeiro mandato, esta participação ainda estava muito restrita às pessoas ligadas ao turismo imediato. Quem se dispôs a fazer ateliê residência, casa pousada, gastronomia, portas abertas, estava incluído e a nossa luta era por pessoas que não tinham nada a ver com tudo isso, que não tinham capital, mas tinha direito de ser incluídas. Em um primeiro momento, houve um embate das novas lideranças com o Poder Público, através da Comissão Cidadã, a gente teve uma ação meio de guerrilha, uma coisa chata, de porrada mesmo com a Subprefeitura. A própria Prefeitura foi flexibilizando e criando outras alternativas de incluir pessoas que não tinham perfil para o comércio, para hospedagem... Hoje, por exemplo, eu sinto que por um lado a Prefeitura cresceu, por outro lado o movimento popular local mudou, porque a nossa reivindicação era de que tivesse mais oportunidades destes moradores permanecerem na Vila e isto foi conseguido. No primeiro momento com muito conflito, porque nem a comunidade entendia o imaginário da Subprefeitura, nem a Subprefeitura entendia o imaginário do movimento e isso é muito comum quando se começa um projeto de governo, até entrar em uma conjunção demora, tem que ter a convivência. E depois a Subprefeitura ampliou a inclusão através de receptivos de turismo, hoje têm pessoas incluídas que pagam R\$ 10,00 de aluguel para trabalhar no receptivo de turismo. É uma parcela bem popular da comunidade, o que me deixa feliz porque geralmente os projetos turísticos excluem os pobres. É só ver o Pelourinho, só tem alemão. Depois o Parque Natural Nascentes também se apropriou de uma parcela dos moradores. Algumas empreiteiras, e isso foi uma reivindicação do movimento, da Comissão Cidadã, que não era um movimento de cunho social, mas político, e a gente queria muito que a Prefeitura incorporasse a mão de obra local através das empreiteiras. Havia, por parte da Subprefeitura uma dificuldade administrativa, porque não tinha este poder sobre as empreiteiras. Mas com o tempo houve uma negociação e hoje tem a Frente de Trabalho, a mão de obra foi mais incluída no projeto... Enfim, tem várias outras oportunidades. Por exemplo, conheço um rapaz que é jardineiro e troca o aluguel da casa dele arrumando o jardim da Casa Fox. Então estas ações de inclusão, por um lado tem muito a ver com a implantação da Subprefeitura que quebrou vícios de lideranças e outras lideranças foram surgindo e houve um espaço democrático de negociação, que no início foi conflituoso e isso é normal. Eu só sinto que em alguns momentos, o poder público não esteve preparado para entender que este conflito era natural naquele momento e alguns funcionários do Poder Público, não tão bem preparados para aquilo acabaram levando para o pessoal e o protagonismo verdadeiro pressupõe encarar os conflitos.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- **Vc acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?**

Acho que boa parte aderiu, mesmo aquela parte que contestou, acabou trazendo, de uma forma talvez um pouco desorganizada, sugestões que agora estão sendo incorporadas. Por exemplo, um coisa que eu acho ótima e a gente sempre lutou por isso, são os critérios para destinação de casas em licitações internas. Não havia transparência nos critérios e eles não eram democratizados. Toda esta construção de critérios se deu através de conflitos e isso é natural.

- **Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?**

Em um primeiro momento houve um pânico geral dos moradores que não estavam incluídos. Aqueles que foram incluídos de imediato ficaram em uma situação cômoda de aceitação e como naquele primeiro momento, bem no começo da primeira gestão, também não tinha uma ação mais ampla de inclusão as pessoas que estavam fora, tinham medo de que se não estivessem nos projetos de turismo iriam perder a casa. Então se vinculou no imaginário da comunidade que elas tinham que obrigatoriamente estar vinculadas ao turismo. Com o passar do tempo, com o amadurecimento dos dois lados, tanto da comunidade quanto da Administração, hoje o imaginário já permite algo como: " Eu não trabalho com turismo, mas eu pago meu aluguel e tenho direito de ficar." Eu sinto que a Comissão Cidadã teve um papel muito grande em ensinar o morador a se relacionar institucionalmente com a Subprefeitura. Eu ficava das sete da manhã às onze da noite na minha casa, voluntariamente e recebia gente e dizia que eles tinham que protocolar os pedidos, vocês têm que se relacionar com o Poder Público assim... Então foi um serviço educativo e com isso acho que hoje não tem mais tanto medo. Não vejo mais o pânico, que em um primeiro momento as pessoas tinham, e houve algumas falhas da Administração que levou a isso, que as pessoas achavam que se Prefeitura achasse que um imóvel era bom para o turismo, as pessoas seriam arrancadas dele. Depois de resolver as questões básicas de educação cidadã, parti para a geração de renda através da arte, no Núcleo de Cerâmica e venho me concentrando muito nisto.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

- **Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?**

Começam a surgir alguns pontos de movimento, muito pequenos e seria bem legal se o Poder Público pudesse trabalhar esta questão do empoderamento local e o fortalecimento das lideranças que já existem, mas principalmente da conscientização do que é ser uma liderança.

- **Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?**

Aqui ainda há modelos de liderança que atua apenas com o seu grupo e não amplia. Aliás, às vezes não chega nem ao grupo dele. Eles não sabem como fazer, como montar um núcleo de base, discutir as questões e levar para os espaços, não a opinião dele, mas do grupo que ele representa. E também trazer informações de volta a este grupo. Se conversa ainda de uma forma aleatória, quando encontra na rua se fala alguma coisa... Não há uma sistematização dos conselheiros ou lideranças para fazer uma ação mais global. As pessoas praticam, mas dentro do seu conhecimento e não houve por parte do Poder Público, e nem sei se cabe a ele este papel de formação política destas pessoas para elas compreenderem como vai ser a prática delas. Eles fazem de uma forma empírica, acham que ser liderança é isso. E fazem o melhor que podem, dentro da limitação delas. Mas não atinge a Vila e seus problemas como um todo.

FUTURO

- **Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo...)?**

Algumas pessoas sim. Tem alguns focos, mas estes focos não são conectados em redes, ainda não se teceu a rede aqui e a minha grande preocupação é que o governo não pode pensar na continuidade do projeto através de reeleição. Então este governo deve estar começando a pescar quem pode, numa suposta não reeleição, quem pode tocar esta Vila, por exemplo, o terceiro setor. Pois se isso foi o ícone desta gestão, não vai ser provavelmente de outra gestão. Então a gente pode ficar a mingua, se o poder público agora não atuar detectando as lideranças, o perfil delas, a fala delas e depois colocar estas lideranças em contato e prepará-las para auto-gerência da Vila.

- **Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?**

Por enquanto ainda está nas mãos da Subprefeitura. Por exemplo, o Festival de Inverno é praticamente o único evento de sustentabilidade turística do ano. Eu tenho tentado me concentrar nas Festas Juninas e Rodas de Cultura Popular, mas olhando as festas, sem falar das pessoas, o Carnaval, em fevereiro, não se fortaleceu um bloco local. A Prefeitura criou o carnaval, mas não teve o fortalecimento de quem já faz o carnaval espontaneamente. Depois tem a Festa do Cambuci em abril, eu não tenho certeza se os empreendedores já tomaram para eles a Festa do Cambuci. Depois vem a Roda de Cultura Popular e as Festas Juninas, eu tenho tomado isso para mim, porque sou da área de cultura, sou produtora cultural e consigo fazer isso, independente de Prefeitura. Mas eu, sem ser arrogante, sou uma liderança que tem um grau de diferença das outras. Porque sou pós-graduada, já trabalhei na administração pública em São Paulo, sou captadora de recursos... As outras lideranças não têm estas qualidades.

Então não se sedimentou as festas e não se detectou quem são as lideranças de cada festa e se fortaleceu estas lideranças para, na saída do Poder Público, no sentido de uma outra gestão tomar conta da Prefeitura de Santo André e deixar Paranapiacaba a mingua, como Paranapiacaba vai viver? Vai viver de novo em função de um evento por ano? E se não tiver nem isto?

- **Vc acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?**

Eu já senti uma diferença dentro da própria gestão. Antes quem organizava o Festival de Inverno era a Subprefeitura. Nós tínhamos críticas, mas eu sentia que sendo a Subprefeitura que organizava tinha mais a cara do lugar. A Comissão de Festejos foi deixada de lado e era um espaço para o protagonismo local se expressar, era uma conquista de protagonismo. Quando o Festival de Inverno passou para a Prefeitura, eu achei uma puxada de tapete, porque a gente sempre houve falar em governos de esquerda em descentralização do poder, de horizontalização e aí o que se faz é uma verticalização e centralização de tudo. Se para os funcionários da Subprefeitura já é difícil compreender o imaginário local, imagina com a dificuldade geográfica, como vai ser em Santo André. Eu listei propositalmente treze críticas ao Festival de Inverno e percebi que se os moradores estivessem mais organizados teriam feito uma intervenção junto a Prefeitura, mas não estamos. Agora ficou o pessimismo e a desconfiança com a Subprefeitura, uma descrença, pois o Festival de Inverno é uma aposta de renda local e com a tercerização dos serviços, a comunidade ficou excluída.

A gente não pode perder as Comissões. Eu acho uma perda não ter mais a Comissão de Festejos, ela tinha vários encontros, não era um único encontro para organizar uma coisa. Perde-se avaliação do processo. Se não tem avaliação como fazer intervenções nesta comunidade para que ela seja protagonista dela mesmo. Então é isso, nem precisa mudar o governo. Isso ostra que nós ainda não estamos preparados. O movimento do qual eu sou liderança, tem tentado ao máximo a independência. Eu nem abri o Núcleo de Cerâmica para o Festival, porque ele não está pronto ainda e não tenho nenhuma preocupação com o Festival, porque o meu projeto de cultura acontece todos os dias e um dia ele vai abrir no festival. Mas não tem outras lideranças ou movimentos assim, acontecendo independentes da Prefeitura. Ainda, todos os movimentos que, se é que tem movimentos, são dependentes.

- **Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?**

Gostaria de ver esta comunidade mais pronta para assumir este processo que foi iniciado pela Subprefeitura e que naturalmente teve embates com o movimento local que fez crescer a reflexão da Subprefeitura e a nossa. Eu queria muito que esta comunidade estivesse preparada, porque o que eu sinto é que as ONGs de Meio Ambiente não estão conectadas em rede, trabalham ainda com disputas internas e isso é péssimo, porque se disputam entre elas e o único ponto de equilíbrio é o Poder Público, a partir do momento que não houver mais o Poder Público aqui, eu tenho medo do que vai acontecer com a Mata Atlântica e com a

Vila. Se detonar a cidade o turista não volta. O que eu queria daqui quatro ou cinco anos é que esta rede estivesse razoavelmente tecida.

COMPLEMENTOS

Acho que houve falhas dos dois lados. Em alguns momentos a ação cidadã local foi vista como embates pessoais. Têm funcionários da Administração que não falam mais comigo, passam pela rua e atravessa, porque não entenderam o papel. Quando você trabalha com protagonismo, você está muito mais sujeito a conflitos e como o poder Público orienta seus funcionários para lidar com estes conflitos?

Declaro que o texto acima, reflete integralmente as minhas opiniões e pensamentos, e autorizo a sua reprodução total ou parcial, para os fins específicos da pesquisa acadêmica, realizada por Marco Moretto Neto, intitulada "*Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: os impactos das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico e comunitário de Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004* ", que será apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

_____/_____/_____.
Assinatura
Rg/CPF. _____

Sonia Maria Félix Andrade

Antiga Moradora

(04/07/2005)

PERFIL

- **Nome / Idade?**

Sonia Maria Felix Andrade, 49 anos

- **Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?**

Nasci na Vila, há 49 anos. Meu avô era português e trabalhou um tempo em Paranapiacaba e depois foi para Pernambuco. Depois meu pai veio para Paranapiacaba na época em que eu estava para nascer.

- **Qual papel você exerce hoje?**

Não faço parte de nenhum conselho atualmente, mas já participei de vários. Fiz parte do Conselho da Igreja, já fui conselheira da População no Conselho de Representantes e fui a primeira conselheira do Posto de Saúde de Paranapiacaba.

- **Quais papéis você já exerceu?**

Participei de conselho de escola, da APM, sempre onde meus filhos estavam.

- **Se houve mudanças de papel, o que influenciou?**

Atualmente não penso tanto na comunidade, pois acho que ela é mal agradecida. Penso no bem da Vila de Paranapiacaba.

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- **Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?**

Turismo, com certeza.

- **No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?**

Quando eu era criança, eu não entendia muito como eram as coisas, mas era uma ditadura aqui (em Paranapiacaba). Meu pai era ferroviário, maquinista do locobrequê. Nós morávamos na serra e eram poucos os lugares onde os filhos dos maquinistas podiam freqüentar aqui, além da escola.

Os filhos dos engenheiros tinham mais acesso. Mas aqui era muito bom, sempre foi.

Eu sempre digo que Paranapiacaba era a cidade mais moderna, pelo menos para mim que conhecia só São Paulo.

Os ferroviários não pagavam aluguel, nem água e nem luz e ganhavam bem, porque trabalhavam muito, 12 horas. Então tinham tudo de moderno, aqui tinha luz e água e em vários bairros de São Paulo que eu conhecia não tinha. Minha família tinha televisão e meus primos que moravam em São Caetano não. Eles vinham passar as férias na minha casa para assistir televisão

De repente começou a mudar. A rede ferroviária tomou conta e começou a relaxar com a manutenção das casas e até mesmo com os funcionários. Começaram a mandar embora os melhores funcionários e colocar outros para ganhar menos. O pessoal mais antigo que tinha família nascida aqui começou a mudar e a vir outras famílias que não tinham relação com a vila e aí começou a degradar tudo. Comecei a perceber isso mais ou menos em 1969.

Mudei da Vila e fiquei dez anos fora e depois voltei com meus filhos pequenos. Continuei a lutar pela vila, mas estava cada vez pior porque a Rede Ferroviária estava sucateando tudo.

Quando surgiu a possibilidade da prefeitura comprar Paranapiacaba os moradores ficaram com esperanças, pois os imóveis estavam desvalorizando muito e a vila poderia assim se renovar. Então começamos a batalhar por isso, e hoje, estou realizando tudo aquilo que sonhei, pois estão fazendo aquilo que eu queria que fizessem. Devagar, mas a gente está conseguindo

- **Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?**

Ocorreram várias mudanças, principalmente no desenvolvimento sustentável da Vila. As pessoas não tinham emprego, nem profissão, dependiam de trabalhar sempre para fora e quem não podia trabalhar fora, por causa de filhos, começou a participar dos portas abertas e hoje estão bem melhor.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- **Vc acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?**

Acredito que a maioria aderiu. Fico feliz de ver os jovens participando das coisas. Teve um período em que algumas pessoas puxavam para trás, mas hoje os jovens estão envolvidos e eles são o futuro.

- **Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?**

Acho que eles só tomaram alguma atitude através da ajuda da Subprefeitura. Estava devagar, a gente tentava empurrar, mas tava indo muito devagar, outros puxando para trás. Acho que teve muita influência de fora, de pessoas que não queriam que desse certo.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

- **Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?**

Ela tem oportunidade, mas não participa, porque não se interessa pela Vila, talvez não goste da Vila ou tenha influência de pessoas negativas que não querem ver o bem, nem da vila e nem da população. Interesse político, com certeza.

- **Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de**

maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?

Acho que bem poucos atuam em função dos interesses dos grupos, mas existem alguns que atuam, nas reuniões dos conselhos de representantes, na Câmara técnica... Depois que veio a Subprefeitura, tudo o que vai acontecer na Vila é anunciado antes, inclusive para a gente opinar. Os que não participam é por razões políticas, falta de interesse na Vila e interesse em outros lugares.

FUTURO

- **Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo....)?**

Acho que vai chegar a isso, mas ainda não chegou não. A minha esperança são os jovens.

- **Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?**

Em primeiro lugar a Subprefeitura e depois os conselhos de representantes, conselho da igreja e os próprios empreendedores.

- **Vc acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?**

Poderia interferir com certeza. Para evitar precisaria ter um esclarecimento melhor da população. Sempre lutei pelo que é melhor para a população e acho que ela deveria ser mais informada e menos influenciada.

- **Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?**

Gostaria de ver uma sociedade, como uma Sociedade Amigos de Bairro, conduzindo tudo e buscando os recursos fora sem precisar da intervenção da Subprefeitura.

COMPLEMENTOS

Eu gostaria que fossem mais pesquisadas as oportunidades das pessoas, quantas pessoas. Porque a gente peca muito em confiar em uma pessoa e sujar o nome da entidade, da gente, por confiar em uma pessoa e ai temos que voltar até um certo ponto e perdemos o caminho, perdemos estrada nisso. Gostaria que pesquisassem estas oportunidades, inclusive dos empreendimentos.

Declaro que o texto acima, reflete integralmente as minhas opiniões e pensamentos, e autorizo a sua reprodução total ou parcial, para os fins específicos da pesquisa acadêmica, realizada por Marco Moretto Neto, intitulada "*Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: os impactos das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico e comunitário de Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004*", que será apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

_____/_____/_____.

Assinatura _____

Rg/CPF. _____

Francisca Cavalcante de Araújo

Artesã

(26/07/2005)

PERFIL

- **Nome / Idade?**

Francisca Cavalcante de Araújo, 74 anos

- **Tempo de vínculo com a vila. Se não for nativo, qual o motivo o/a levou até Paranapiacaba? Se nativo, há quantas gerações a família está em Paranapiacaba?**

Muito tempo, eu não sei expressar bem, mas você calcula que em 1940 eu já andava em Paranapiacaba. Meus tios italianos eram ferroviários e moravam na parte de cima da vila e eu vinha muito à Paranapiacaba e ficava muito tempo com eles. Como moradora faz vinte a trinta anos que eu moro aqui. Se eu falar para você o que me trouxe para morar na Vila você pode até dar risada. Foi por amor. Amor pela Vila e por alguém.

- **Qual papel você exerce hoje?**

Sou artesã. Faço artesanato e gosto muito da Vila.

- **Quais papéis você já exerceu?**

Desde que eu vim para cá só fiz artesanato.

- **Se houve mudanças de papel, o que influenciou?**

Não houve mudanças de papel.

PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

- **Na sua opinião qual a principal vocação de Paranapiacaba?**

A questão ferroviária. O que faz muita falta para nós moradores é o trem. Aqui é uma Vila ferroviária que não tem trem E o trem é essencial para a Vila. Quem não gostaria de passear de trem? E outra coisa, o trem daria muito emprego para as pessoas, principalmente aqueles que são ferroviários e ainda permanecem na Vila.

- **No tempo em que atua na vila, quais as principais mudanças percebidas?**

Eu gostei do Festival de Inverno, que trouxe muitos benefícios para a gente, principalmente este ano, eu que estava meio derrubada, me animei mais. E acho que todos os comerciantes aqui estão felizes com o que a Prefeitura trouxe para a Vila de Paranapiacaba, que é o Festival de Inverno. Mas vou falar para você, nós temos outras opções que a Prefeitura não viu ainda e eu gostaria de falar para você. Podiam pegar um grande empresário, porque o que eu vou falar precisa muito dinheiro, e do Mirante até Cubatão, por um teleférico. As pessoas desceriam pelo teleférico e subiriam de trem. Você calcula quanta gente viria? Seria uma viagem ao mundo!

- **Você percebe alguma mudança significativa que possa ter ocorrido entre os anos de 2001 a 2004? Quais?**

A limpeza está em primeiro lugar. Outra coisa, parece que até as casas estão modificando. Eu sei que Paranapiacaba ainda não está nota dez, mas vai ficar. O Posto Médico com ambulância direta está bom para nós. O atendimento da Prefeitura com a população é como de amigos, o que a gente precisa vêm aqui e fala, e na medida do possível, eles resolvem. Melhorou o comércio, a parte de Geração de renda. O policiamento. Nós estamos bem estruturados na Vila de Paranapiacaba. A perfeição ainda não chegou, mais vai chegar.

ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

- **Você acredita que a população local aderiu às propostas apresentadas pela Administração Municipal para a revitalização e reconversão econômica e social da Vila?**

Sabe o que acontece? Tem muita gente nova agora, mas eles estão satisfeitos com o que foi proposto para eles, para o comércio deles. Está muito bom para nós aqui.

- **Na sua opinião como a comunidade local se organizou ou reagiu em virtude desta nova realidade proposta?**

Pelos comentários que eu escuto das pessoas na Vila, eles estão satisfeitos com a Administração.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

- **Na sua opinião a comunidade local tem oportunidade e efetivamente participa das decisões e propostas apresentadas pela Administração Municipal?**

Acredito que sim. Participa e com muito gosto.

- **Você acredita que os moradores de Paranapiacaba possuem e utilizam espaços e instrumentos de decisão conjunta ou atuam de maneira individualizada? Quais seriam os espaços e instrumentos existentes? Se não são utilizados, porque?**

Atuam individualmente. A população devia se organizar. Mas muitos não moram na Vila de Paranapiacaba. Vêm comercializam e vão embora e nós, que moramos, somos poucos. As culturas são diferentes. Nós antigos, tínhamos uma cultura muito diferente. Agora tem outra cultura. O pessoal que chegou aqui novo, não admite a cultura da gente que é antigo. Até eu para me adaptar a cultura de vocês está sendo difícil. Isso vêm com o tempo, não é de um dia para outro não.

Os espaços para decisão conjunta existem. É só chamar todos só comerciantes, mostrar os prós e os contras que nós também vamos debater, o que é o certo para nós e o que é o errado. Ainda não houve isso. Por exemplo, eu vendo artesanato e não posso vender comestível. Eu não posso. Mas têm comerciante que vende comestíveis e artesanato. Isso é um erro, não porque eu estou falando que quero (vender), mas porque é uma falta de higiene. Artesanato com comida não é legal. Ou você faz uma coisa ou você faz outra. A prefeitura teria que ver isso, devia organizar. É bom para a prefeitura, para mim, para o turista... Todos ganham.

FUTURO

- **Na sua opinião hoje a comunidade local tem clareza em relação ao destino futuro da Vila e é capaz de caminhar sozinha neste sentido sem a interferência de outros atores externos (governo....)?**

Não, ela depende da Prefeitura. Não pode ficar sem. Se ficar a Prefeitura sozinha virar baderna. Com a Prefeitura fiscalizando ainda acontecem algumas coisas diferentes, imagina sem...

- **Atualmente quais seriam os principais atores responsáveis pela condução do processo de desenvolvimento social e econômico de Paranapiacaba?**

A Prefeitura de Santo André. Com esta capacidade não tem nenhum outro. Aqui, quando nós tínhamos a Sociedade Amigos da Bairro, eles faziam para eles, não para os comerciantes...

- **Você acredita que possíveis mudanças futuras no governo municipal possam interferir no processo de desenvolvimento sócio econômico local? Se a resposta for positiva, como isto poderia ser evitado?**

Vai interferir sim, porque foi a Administração que lançou este projeto novo. Por exemplo: O Festival de Inverno. Se pensarem em outras coisas além do Festival de Inverno, Paranapiacaba também iria receber muito bem. Como um Festival de Violeiros como nós tínhamos aqui, um festival de Dança... O festival do Cambuci, não foi muito legal. Estou dando estas dicas para vocês.

Para evitar a Administração devia chamar todos os envolvidos na Vila de Paranapiacaba para cada um dar a sua opinião e a Prefeitura de Santo André fazer um balanço. Acho que todos estão satisfeitos com o que foi feito aqui na vila.

- **Sua visão de futuro de Paranapiacaba: se estivéssemos em 2010, qual o retrato de Paranapiacaba que você gostaria de ver?**

Gostaria de ver o teleférico saindo do Mirante, até Cubatão e as pessoas voltando de trem. É só procurar um homem destes que tem dinheiro, estes "grandão", para colocar isso aí. Já pensou um teleférico dentro daquela mata. Outra coisa, o teleférico não iria mexer em nada. É só por cima, não vai precisar cortar uma árvore. Já imaginou, do teleférico ver as cachoeiras, o Poço das Moças, a Água Fria, a Pedra Lisa, a Estrada Velha de Santos todinha e depois subir de trem. É demais, não é?

COMPLEMENTOS

Eu gostaria de parabenizar a Prefeitura de Santo André, pelo Festival de Inverno, que nestes dias eu ganhei um bom dinheiro que me ajudou muito a pagar minhas dívidas. Se não fosse o Festival de Inverno não iria acontecer isso comigo. A Prefeitura está de parabéns e espero que ela traga mais festivais para a Vila, como por exemplo o Festival de Violeiros...

Declaro que o texto acima, reflete integralmente as minhas opiniões e pensamentos, e autorizo a sua reprodução total ou parcial, para os fins específicos da pesquisa acadêmica, realizada por Marco Moretto Neto, intitulada "*Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: os impactos das ações governamentais no desenvolvimento sócio econômico e comunitário de*

Paranapiacaba, no período de 2001 a 2004 ", que será apresentada ao Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

____/____/____.

Assinatura

Rg/CPF. _____